



JOÃO BERLOFA

ELIAS SOARES

O NEGRO NAZARENO



Prefácio	3
O EVANGELHO OCULTO	4
JESUS, O NEGRO	8
JESUS, O PEDREIRO	11
JESUS, O FAVELADO	14
JESUS, O BASTARDO	16
JESUS, O SUBVERSIVO	18
JESUS E O PRIMO LOUCO	20
JESUS E A TENTAÇÃO	24
JESUS, O FESTEIRO	28
JESUS, O TRETEIRO	30
JESUS E NICODEMOS	33
JESUS E A SAMARITANA	36
JESUS, O CRISTO	39
JESUS E A PROSPERIDADE	43
JESUS E OS PECADORES	46
O MITO DO TANQUE DE BETESDA	49
O SÁBADO	52
O SERMÃO DA MONTANHA	54
FELICIDADE X ALEGRIA	56
SAL E LUZ	58
JESUS ABOLIU A LEI	61
JESUS REINTERPRETA A LEI	64
JESUS E O DIVÓRCIO	68
SIM, SIM	70
AME O SEU INIMIGO	72
OBRAS DE JUSTIÇA	75
COMO ORAR?	78
COMO PERDOAR?	82
VIDA MINIMALISTA	86
A JUSTIÇA DO REINO	89
NÃO JULGUEM	93
A PORTA ESTREITA	96
JESUS BEBERRÃO	99
PECADO SEM PERDÃO	103
TERRA BOA	106
PARA QUE SERVE A FÉ?	109
PORCOS AO MAR	112
MENSTRUACÃO MALDITA	115
ORE E FAÇA	118
A VOZ PROFÉTICA	121
ALIMENTANDO 15 MIL	125

PENSANDO A IGREJA	133
O QUE É INFERNO	137
CARREGAR A CRUZ	141
EVANGELHO LIBERTÁRIO	144
O VALOR DA VIDA	149
MARIA CHUTA O BALDE	153
UM DEUS BIZARRO	156
É TODOS OU NENHUM	159
BENS E RIQUEZAS	164
FARISEU E PUBLICANO	168
SALVAÇÃO DO QUE?	172
A ENTRADA TRIUNFAL	175
A CÉSAR O QUE É DE CÉSAR	179
COMO AMAR E SERVIR A DEUS	183
HIERARQUIAS	189
O FIM DOS TEMPOS	191
JESUS BAD VIBE	196
CRENTE ARMADO?	199
JUDAS, O TRAIADOR	202
SANTA CEIA	205
PEDRO	208
BODE EXPIATÓRIO	215
CRUCIFICAÇÃO	218
RESSURREIÇÃO	222
PALAVRAS FINAIS (POR ENQUANTO)	227

Prefácio

Eu não sei você, mas eu passei boa parte da minha vida sem poder me identificar com o Jesus que me apresentaram. As pregações e as iconografias sobre Jesus nunca estiveram próximas da realidade da minha vida e de quem eu era. Esse distanciamento era opressivo e segregador.

O Negro Nazareno nos convida a ter uma intimidade com Jesus, pois apresenta não somente o ser divino presente em Jesus, mas, sim, a sua humanidade que é tão nossa, uma humanidade negra, periférica, favelada, fora dos padrões impostos pelos vendilhões do templo.

O Pastor Berlofa, junto com o Elias, narra numa ordem cronológica a vivência de um Jesus que é filho de um trabalhador e de uma mulher mal falada. O Jesus apresentado pelo fundamentalismo religioso, nos distancia da real condição de Jesus, uma vez que somos um país diverso.

Tenho plena certeza de que você, assim como eu, vai se identificar com Jesus ao ler esta obra tão rica e especial. Afinal de contas, Jesus é um dos nossos!

Em amor,

Reverenda Alexya Salvador

O EVANGELHO OCULTO

Antes que você mergulhe de cabeça na leitura desse livro, precisamos fazer algumas considerações sobre a interpretação da Bíblia como um todo e, especialmente, dos evangelhos, que são o objeto de estudo deste nosso trabalho. Deixando claro, porém, que não pretendemos fazer isso de forma acadêmica, com palavras rebuscadas, tratados teológicos etc., mas sim, trazendo essa interpretação para o chão da vida, para a nossa língua, nossa cultura e nosso mundo.

Em primeiro lugar, é preciso entender que não existe uma leitura pura da Bíblia. Assim como não existe leitura pura de qualquer outro livro ou escrito. Qualquer leitura que façamos será, sempre, interpretada de acordo com um conjunto de valores, sentimentos e carga cultural que adquirimos ao longo de toda uma vida, e que determina a forma como percebemos o mundo.

Em se tratando da leitura bíblica, isso se torna muito mais sério, pois a religião tem a capacidade de potencializar a criação e enraizamento desses valores culturais, contaminando de tal forma a leitura que podemos acabar sendo levados a acreditar em absurdos que nem mesmo foram escritos. Isso mesmo. Se não tivermos o cuidado de eliminarmos ao máximo nossos pré-conceitos, nossas crenças pré-concebidas e tudo que nos fizeram engolir por anos, ou por séculos, vamos ler coisas que nunca foram escritas.

É por isso que a leitura que propomos aqui não tem o objetivo de se tornar a verdade absoluta, mas sim, uma nova maneira de interpretar os evangelhos. Nosso objetivo não é poluir ainda mais a sua interpretação

bíblica, mas despoluir daquilo que, além de não ter nada a ver com a proposta do Cristo, não tem a ver com a nossa própria cultura.

Talvez você pergunte: “mas, o que a cultura tem a ver com teologia?” Pois é, tem tudo a ver. A teologia divorciada da cultura não passa de ideologia inútil. Qualquer estudo teológico não vai fazer nenhum sentido para mim, se não partir de minha cultura. A própria ideia de Deus só faz sentido no chão da vida, nas relações humanas, do contrário, ficaria – como muitas vezes fica – apenas no campo das ideias.

Diante disso, antes mais nada, queremos te convidar a deixar de lado a interpretação europeia ou norte-americana dos evangelhos e tentar trazer a mensagem de Cristo para a nossa realidade latino-americana, miscigenada, colorida de negros e índios, formando essa cultura rica e única. É a partir desse chão que devemos desenvolver a nossa teologia. É daqui, e não da Europa de quinhentos ou mil anos atrás, que devemos olhar para Cristo e para o que ele viveu e ensinou. Lembrando que, como disse Paulo ao iniciar sua carta aos romanos, “o Evangelho é poder de Deus para salvação de qualquer cultura”. Paulo percebeu isso logo após a sua conversão; que o Evangelho não salvaria ninguém, caso ficasse preso a limites culturais.

Estamos cansados de ler e aplaudir a maneira como Paulo enfrentou os judaizantes para impedir que a cultura mosaica fosse um entrave para o poder transformador do Evangelho de Cristo, mas dormimos enquanto a cultura europeia e norte-americana nos apresenta um Cristo totalmente deformado, que nada tem a ver com o negro nazareno. E a imagem do cristo loiro de olhos azuis, que não engana mais ninguém, é apenas o começo. Não se engane! A deturpação do Cristo de Nazaré vai muito além da estética. Que tal trocarmos, então, judaizantes por europeizantes ou americanizantes?

Não estamos dizendo aqui que a teologia européia ou americana não presta. O que dizemos, e pretendemos mostrar, é que ela pode ter feito sentido para Europa e para os Estados Unidos em um determinado tempo e contexto, mas não faz sentido para a nossa cultura brasileira, tupiniquim. Precisamos aprender a fazer a interpretação bíblica a partir do nosso chão, da nossa cultura.

Talvez, tenhamos que fazer um novo “concílio de Jerusalém” para entendermos que, mesmo que tenhamos a melhor das intenções, ao apresentar Cristo para uma cultura diferente da nossa, corremos um sério de risco de apresentar uma versão tão embebida na nossa cultura que, mesmo sendo bom para nós, será totalmente inútil para o outro. Foi esse Cristo metamorfoseado que nos foi apresentado pelos missionários europeus

Com essa proposta procuramos, nesse trabalho, trazer uma interpretação dos evangelhos que seja nossa, a partir de nosso chão. Vamos tentar deixar de lado toda a carga cultural com que a Europa vestiu o Cristo da Galiléia para, então, enxergarmos com os nossos próprios olhos. Tenho certeza de que, ao final, você vai perceber o quanto fomos prejudicados por esta contaminação teológica.

Viva a nossa forma de ler os evangelhos!

Viva a teologia latino-americana!

Viva a teologia da missão integral!

Viva a teologia da libertação!

Viva o progresso teológico!

Viva os teólogos que pisaram em nosso chão!

Viva René Padilla, Samuel Escobar, Pedro Arana, Gustavo Gutiérrez, Rubem Alves, Leonardo Boff, Ariovaldo Ramos, Carlos Queiroz, Ed René Kivitz, Paulo Cappelletti e tantos outros e outras.

Viva a nossa teologia!

Viva o Cristo preto, pobre, favelado!

Viva Jesus, Negro Nazareno!

JESUS, O NEGRO

Já sabemos que aquela imagem de um Jesus loiro de olhos azuis está longe de representar o verdadeiro Jesus de Nazaré. Mas, como podemos compreender qual seria a verdadeira imagem de Jesus? Obviamente que não há como dizer com exatidão qual seria o retrato de Jesus. No entanto, através de pistas filosóficas, teológicas e históricas, podemos nos aproximar do que pode ser a verdadeira imagem de Jesus. É isso que tentaremos fazer neste capítulo: mostrar que um Jesus de pele negra faz muito mais sentido que o Jesus pintado e concretizado em nossa cultura pelos europeus.

É complicado pensar num plano divino de encarnação à partir das nossas perspectivas, afinal, estamos limitados ao cronos, ao tempo, porém, Deus é eterno, ou seja, ele não está preso nessa linha cronológica com começo, meio e fim. Nosso erro é pensar que eterno significa sem fim, isso é infinito. Eternidade é ausência de tempo, ausência dessa linha contínua que chamamos cronos, e se Deus está além dessa linha ele vislumbra a história da humanidade como um todo, completa, enquanto nós só temos fragmentos.

Diante desta constatação da nossa limitação de enxergar o todo, arriscaria dizer que, filosoficamente falando, um Jesus negro estaria mais afinado com o propósito divino da encarnação. O povo africano já era um povo sofrido, e sofreria muito mais ao longo da história. Dessa forma, o propósito libertador de um Cristo que buscou um nascimento humilde, entre os mais pobres e sofridos, não produziria um salvador com a cara do opressor. Muitos vão dizer que isso são apenas deduções ilógicas, afinal, vivemos em um mundo que aprendeu que

nada de bom pode vir da África. Há um racismo institucional tão enraizado na cultura cristã que nos impede de pensar. Por que, durante séculos, nunca foi preciso explicar a imagem de um Jesus loiro, nascido na Palestina de dois mil anos atrás, mas, se falamos de um Jesus negro, precisamos buscar evidências, provas, mesmo isso fazendo muito mais sentido, inclusive histórica e cientificamente?

Infelizmente, o cristianismo como vemos e vivemos hoje é racista. Obviamente, Cristo não tem nada a ver com isso. Vamos lembrar mais uma vez: quando recebemos o evangelho, na verdade o que recebemos foi, dois quilos de evangelho embrulhado em duas toneladas de cultura europeia escravista e racista. Nessa cultura, um Jesus de pele negra seria um desastre total. Como os senhores de escravos, os mercadores de escravos, os caçadores de escravos, em sua grande maioria cristãos, poderiam lidar com o fato de seu Deus ter a cor da pele do povo que eles escravizavam?

E a coisa não para por aí. As evidências históricas também apontam para um Jesus negro. É preciso entender que a ideia de um homem branco, de olhos claros, ter nascido e vivido na Palestina de dois mil anos atrás é totalmente absurda. Na configuração geopolítica da Palestina, na época de Jesus, os nativos jamais seriam brancos. A Palestina, como conhecemos hoje, e que ainda assim não é branca, é resultado de inúmeras invasões e processos migratórios. Buscando evidências históricas e científicas, vamos descobrir que o nativo daquela região, há dois mil anos, teria a pele escura e os cabelos enrolados, portanto, negro.

Mas, caso ainda não seja suficiente, vamos ver as evidências bíblicas da negritude de Jesus. No capítulo 2 do Evangelho de Mateus, a Bíblia narra que José teve que esconder Jesus, para não ser morto pelos

soldados de Herodes. Onde José o escondeu? No Egito. E, aqui, vamos lembrar que o Egito fica na África e, há dois mil anos, o egípcio não tinha aquela cara árabe que conhecemos hoje, o egípcio era negro, africano. Agora, imagine alguém tentando esconder um menino nórdico na África. Faz algum sentido? Claro que não. Caso Jesus fosse branco, escondê-lo no Egito seria o mesmo que enchê-lo de luzes de neon. Assim, o que nos parece coerente é que, se José ao procurar esconder Jesus pensou na África, é porque a aparência de Jesus era de um africano, se fosse de um grego, ele o esconderia na Grécia.

Para finalizar, vamos a mais uma evidência bíblica. Em Apocalipse, capítulo 4, versículo 2, João diz que viu Jesus assentado no trono, e a sua aparência era semelhante ao jaspe e à sardônica. Pois bem, de todas as pedras preciosas do reino mineral, João escolhe para descrever a aparência de Jesus as que são consideradas “pedras negras”, com cores que variam do preto ao vermelho, nunca branco ou claro. Vale lembrar que João conhecia o rosto de Jesus, pois caminhou com ele durante três anos. Faz muito mais sentido pensar em João descrevendo o Cristo glorificado a partir da figura que ele já conhecia, ou seja, um Jesus preto, do que criar um segundo rosto imaginário. cremos que, com todas essas evidências, não há como negar, Jesus não é apenas um homem não branco, moreno ou árabe, Jesus é negro.

JESUS, O PEDREIRO

Apesar de a profissão de Jesus parecer consenso, já que todas as versões da Bíblia afirmam que ele exercia o ofício de carpinteiro, assim como seu pai José, esse assunto merece que nos debruçamos um pouco mais sobre ele. Jesus era realmente carpinteiro? Qual seria a função de um “carpinteiro” em sua época?

Quanto a ter seguido a profissão do pai, não há que se questionar, pois era quase que obrigação o filho exercer o mesmo ofício que o pai. A exceção seria o menino ser mandado para a academia, para ser instruído por doutores. No entanto, queremos buscar maiores esclarecimentos sobre o que realmente faziam José e Jesus. Faziam móveis? Mesas? Cadeiras?

A primeira pista que encontramos na Bíblia para nos trazer esse esclarecimento está na palavra grega usada para definir a profissão de Jesus. Em Mateus, capítulo 13, versículo 55, temos a pergunta dos conterrâneos de Jesus: “Não é este o filho do carpinteiro?”. Ou, na visão de Marcos, capítulo 6, versículo 3: “Não é este o carpinteiro?”. Em ambos os textos, a palavra grega usada é *tekton*, que deu origem ao nosso arquiteto, do grego *arkhitekton*, composto pelos termos *arkhein* “comandar” e *tekton* “construtor ou artesão”. Obviamente que, dependendo do contexto social e geográfico, o carpinteiro pode ser um construtor, mas não no espaço geográfico e época em que Jesus vivia. Embora o material usado para se construir as casas variam bastante, de acordo com o poder aquisitivo, condição social e cultural, a maioria das casas dessa região eram construídas de pedras. Dessa forma, podemos concluir que a profissão de Jesus seria melhor definida como pedreiro.

Mas não é só isso. Os evangelhos trazem outras pistas sobre o ofício de Jesus. Sabemos que em uma conversa ou discurso, as pessoas geralmente falam de coisas que lhes são comuns, o que faz com que, em uma simples conversa, consigamos determinar a profissão de quem está falando. Por exemplo: um advogado fala de Direito, mesmo em conversas triviais; o médico fala de medicina, o mecânico fala de carros e o pedreiro fala de construções.

Da mesma maneira, os apóstolos mostram esta influência do Cristo pedreiro na formação da cultura cristã, a começar pelo discurso de Pedro, registrado em Atos dos Apóstolos, quando no capítulo 4, versículo 11, citando o próprio mestre, ele afirma que Jesus "... é a pedra rejeitada pelos edificadores, a qual foi posta por cabeça de esquina", ou seja, a pedra que firma as bases e dá início à construção de uma casa. Mais tarde o mesmo Pedro deixou registrado em sua primeira carta (I Pedro 2:7) que Jesus é a pedra, parafraseando seu mestre que utilizava o tempo todo esse linguajar agrícola. Por sua vez, Paulo, em sua Carta aos Efésios, seguindo na mesma linha do pensamento de Pedro, usa a simbologia da construção para afirmar que, como cristãos, devemos estar "edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina".

Pois é, os evangelhos estão recheados de conversas de Jesus envolvendo construção. Aliás, Jesus era um grande contador de histórias e, nessas histórias, usava elementos que lhes eram comuns para ensinar o povo. Apenas para citar alguns exemplos: no capítulo 7, versículo 24 de Mateus, ele começa a contar uma de suas histórias da seguinte forma: "Todo aquele que ouve as minhas palavras e as pratica, eu o comparo com o homem prudente que construiu sua casa sobre a

rocha”; no Capítulo 16, versículo 7, ele afirma: “...sobre esta pedra edificarei a minha igreja”; em João 2:19: “derribai este templo e em três dias o levantarei”.

Podemos concluir, então, que Jesus era pedreiro, filho de pedreiro, trabalhou duro nas construções, carregando pedras, suportando o sol e tirando de tudo isso inspirações para seus ensinamentos. Jesus era o negro da construção.

JESUS, O FAVELADO

Embora exista uma discussão teológica acerca do lugar em que Jesus nasceu e onde cresceu, vamos partir do pressuposto da teologia dominante, que foi mesmo em Belém que ele nasceu. Após a fuga para o Egito, a família teria retornado à Palestina, indo viver, então, no vilarejo chamado Nazaré, daí ser conhecido como Jesus Nazareno.

É sobre esse vilarejo, Nazaré, que queremos discorrer aqui. Qual era a posição social de Nazaré? Como viviam, e como eram tratados os habitantes desse pequeno vilarejo onde Jesus passou boa parte de sua vida? Qual o papel dessa comunidade humilde e mal vista na formação do caráter de Jesus?

As escavações que descobriram o pequeno vilarejo de Nazaré concluíram que a cidade era composta por cerca de 50 residências de pessoas pobres, basicamente, agricultores e construtores. O material usado na construção das casas, os artefatos encontrados, tudo indicava que as pessoas que ali viviam eram extremamente pobres.

Outro dado importante que foi descoberto pelas escavações é que a taxa de mortalidade infantil daquele vilarejo era muito alta. Esse era o lugar onde Jesus viveu os primeiros anos de sua vida, enfrentando os desafios próprios de uma comunidade abandonada pelo poder público e discriminada por todos. Lutando pela sobrevivência, a cada dia.

Essa convivência de Jesus, além do seu próprio ofício, deu origem aos seus sermões cheios de elementos ligados à construção e à agricultura. Já sabemos que Jesus era construtor, mas, sendo Nazaré um vilarejo, também, de agricultores, obviamente, ele tinha conhecimentos

importantes sobre agricultura. Certamente, pessoas de seu convívio – amigos e familiares – trabalhavam na agricultura. Podemos observar rastros desse conhecimento em suas parábolas, muitas delas relacionadas com a agricultura: o trigo e o joio, o semeador, o rico insensato, os lavradores maus, e muitas outras.

Sobre a pobreza que reinava em Nazaré, e o preconceito que essa pobreza gerava nos habitantes de regiões mais privilegiadas, podemos citar a conversa entre Felipe e Natanael sobre Jesus. No Evangelho de João, Capítulo 1, versículo 46, encontramos a expressão de Natanael, ao ouvir de Felipe que este tinha encontrado o Messias profetizado por Moisés e os profetas: “Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?”.

A pergunta de Natanael é muito comum, para nós brasileiros, quando se trata de alguém que cresceu em comunidades menos favorecidas socialmente. Nazaré é aquele lugar onde os soldados romanos entravam chutando portas e espancando moradores, sem se preocupar se eram culpados ou inocentes; já eram culpados de não terem conseguido morar em um “lugar mais digno”. Os habitantes de Nazaré, apesar das mãos calejadas do trabalho duro, estavam acostumados a ser tratados como a escória.

Já pensou no contrassenso que é apresentar esse Jesus a partir de palácios luxuosos, defendendo interesses de opressores cheios de arrogância e desprezo pelos humildes? Será que o Negro Nazareno, o favelado de Nazaré daria as costas aos problemas das favelas, rotulando de bandidos e vagabundos aqueles que nelas vivem?

JESUS, O BASTARDO

O que você diria se uma garota solteira de sua família ou de sua vizinhança aparecesse grávida, e justificasse a gestação dizendo que está grávida de Deus? E se ela fosse sua noiva e você estivesse esperando pacientemente o casamento, para não causar qualquer mancha na reputação da moça?

Pois bem, vamos voltar dois milênios, ao tempo em que uma mulher poderia ser apedrejada por um relacionamento fora ou antes do casamento. Lá estava Maria, desposada com José, ou seja, estavam ambos se preparando para o casamento, que aconteceria em breve, quando um anjo aparece a Maria e anuncia sua gravidez sobrenatural. E agora? Como explicar na pequena comunidade de Nazaré essa gravidez fora do tempo?

O primeiro a ser afetado pela sinistra situação foi José, o extraordinário José que, ao invés de pedir o apedrejamento público da noiva, como faria qualquer homem “honrado” de sua época, tentou discretamente uma saída, preocupado com a integridade física e moral de Maria. Enquanto procurava essa saída menos danosa, foi alertado em sonho sobre a veracidade da estranha versão contada por Maria. Claro que estar convencido de que a noiva falava a verdade estava longe de ser suficiente para tirar José da incômoda posição em que fora colocado pela inesperada gravidez. Para os poucos habitantes de Nazaré, ou ele “comeu o bolo antes da festa” ou levou um belo par de chifres. O fato de ter escolhido ficar ao lado de Maria e enfrentar a situação mostra o quão extraordinário era este homem.

Quanto a Maria, apesar de ter escapado do apedrejamento, certamente não escapou das línguas do povo de Nazaré. Grávida de Deus? Quem iria engolir essa? A justificativa poderia até ser inusitada e criativa, mas nunca aceitável. Certamente, a reputação daquela menina se tornou uma das piores do povoado de Nazaré. Lembrando que Maria era, então, uma garota de no máximo 15 anos. Pelo costume da época, as meninas se casavam entre 12 e 15 anos. A verdade é que, com certeza, Maria se tornou o centro da fofoca da comunidade. Ela era “aquela que se livrou de ser apedrejada dizendo que estava grávida de Deus”.

Bem, enfrentando toda essa barra, o casal dá prosseguimento ao casamento e, algum tempo depois, volta ao vilarejo com seu filho, Jesus, disposto a enfrentar os olhares e comentários maldosos. E o menino Jesus, obviamente, não foi poupado desse ataque. Imagine as conversas: “esse aí é o filho de Maria, aquela Maria, lembra? A que disse que o filho era do anjo”; “E aí? Se parece com José? Ou com o anjo?” Assim, Jesus se tornou o filho da mal falada; da desqualificada, o bastardo de Nazaré.

Você pode imaginar quantas piadinhas e insultos Jesus ouvia dos garotos de sua idade que conviviam com ele? Certamente, sua fama o acompanhou por muito tempo; o negro, favelado e filho do pedreiro era também filho de uma mulher de má fama.

JESUS, O SUBVERSIVO

Diante de tudo que vimos até agora sobre a origem e formação cultural de Jesus, poderíamos pensar: o que esperar do negro nazareno, favelado, filho do pedreiro e de uma mulher de fama duvidosa? Com certeza, muitos outros concordavam com Natanael, e torceriam o nariz só por ouvir a origem de Jesus. Imagine se as informações fossem completadas com a paternidade de Jesus. Mas, vamos ver a partir deste capítulo como o Negro Nazareno ignora todos os rótulos que colocaram sobre ele, e subverte as expectativas da sociedade.

Não temos informações sobre a infância de Jesus; de seu nascimento, a narrativa bíblica pula direto para seus 12 anos, quando ele vai com sua família para Jerusalém, para a festa da Páscoa, e acaba sendo esquecido pelos pais, na volta para Nazaré. Quando seus pais percebem que Jesus não estava no meio do povo que caminhava, saindo de Jerusalém, voltaram e o encontraram em uma animada conversa com doutores da Lei, deixando estes boquiabertos com sua sabedoria. O negro, favelado, filho do pedreiro e de uma desqualificada, estava ali, falando de igual para igual com os que eram considerados mestres. Que coisa mais incrível!

Para começar, temos que entender que se Jesus estava discutindo teologia com os doutores da Lei, ele dominava pelo menos duas línguas: o aramaico, língua falada pelo povo em geral, e o hebraico, que, na época de Jesus, era a linguagem acadêmica, falada por aqueles que estudavam as escrituras. O hebraico era a língua mãe do povo israelita, no entanto, após o longo período do exílio babilônico, o aramaico se tornou a língua falada pelo povo, enquanto o hebraico

tornou-se uma língua erudita, usada apenas nos ambientes considerados acadêmicos, como nas sinagogas. Podemos, então, cogitar a possibilidade que Jesus, aos doze anos, dominava o aramaico e o hebraico, além de ter profundo conhecimento da Torá, a bíblia da época.

Mas não é só isso, pensando agora um Jesus adulto, há uma grande probabilidade de Jesus ter falado mais duas línguas: o latim, língua dos invasores romanos e o grego, que era uma espécie de “inglês” daquela época, uma língua universal, falada em todos os lugares. O próprio Novo Testamento foi escrito em grego. Levando em consideração todos os diálogos que Jesus tem ao longo de sua biografia, como com o centurião romano, Herodes, Pilatos, podemos conjecturar que, ao longo de sua vida, Jesus falou pelo menos quatro línguas.

JESUS E O PRIMO LOUCO

Ninguém questiona a importância da família na formação de um indivíduo. A família influencia, e muito, na formação do caráter, na maneira de enxergar a vida etc. Mas, o que seria uma família perfeita? O que seria uma boa família? Poderíamos dizer que Jesus cresceu em um ambiente familiar “favorável”?

Já falamos do pai, José, o pedreiro; e da mãe, Maria, a mal falada. Neste capítulo, falaremos de um primo de Jesus: João, apelidado de “o Batista”, ou aquele que batiza as pessoas. Vestindo-se de forma estranha, comendo coisas estranhas e morando no deserto, o Batista tinha tudo para se tornar nada mais do que o primo louco de Jesus. Mas, vamos conhecer um pouco mais dessa figura estranha.

A informação dos evangelhos é que João, filho de Zacarias e Izabel, prima de Maria, surge no deserto, alimentando-se de gafanhotos e mel silvestre e vestindo peles de camelo. Além disso, provavelmente por voto de seus pais, era nazireu, ou seja, dentre outras abstenções, não bebia nem cortava o cabelo ou a barba. Resumindo, João Batista era, provavelmente, o ser que hoje faria alguém atravessar a rua para não passar perto dele. O cara era espantoso!

Mas, vamos conhecer um pouco mais desse parente estranho de Jesus. Lucas narra que o anúncio do nascimento de João Batista foi feito ao seu pai, Zacarias, enquanto este servia como sacerdote no templo, ou seja, Zacarias era da linhagem sacerdotal, com direito a entrar no Lugar Santíssimo para queimar incenso, o que só era permitido ao sumo sacerdote. Concluimos que João Batista era, por direito, o sumo

Sacerdote, o que equivale a dizer que aquele estranho morador do deserto era nada menos que a figura mais importante do sistema religioso judeu.

Por que, então, o sumo sacerdote de Israel estava morando no deserto, vestido de peles e comendo coisas estranhas?

Na verdade, o que João estava fazendo era nada mais que uma denúncia contra todo o sistema religioso de Israel. A religião tinha se aliado à política, passando a fazer parte do poder odioso e opressor de Roma. Segundo Lucas, o sumo sacerdócio estava sendo exercido, estranhamente, por duas pessoas, e essas duas pessoas nada tinham a ver com a linhagem de Arão. Anás e Caifás, certamente, estavam usando a casa sacerdotal, as roupas sacerdotais e o alimento sacerdotal. Então, para dar uma lição do verdadeiro papel de um sumo sacerdote, João vai para o deserto, trocando o luxo oferecido a lideranças religiosas pela escassez. E Jesus chama atenção para esse protesto de João Batista, no Capítulo 7 do Evangelho de Lucas, nos versículos 24 e 25, quando ele tenta mostrar para aqueles que ainda não tinham entendido o verdadeiro papel de João. Veja a percepção de Jesus sobre o que João estava fazendo no deserto:

O que vocês foram ver no deserto? Um caniço abalado pelo vento? Um homem trajando vestes delicadas? Os que andam com vestes preciosas e comem delícias estão nos palácios reais... (Lucas 7:24-25)

Mas, além de encerrar em si o ministério sacerdotal, João Batista encerra, também, o ministério profético. Na sequência do texto citado acima, Jesus confirma também esse ministério profético, afirmando que

João Batista não seria apenas profeta, mas, o maior dos profetas, aquele que foi anunciado por Malaquias como sendo a “voz do que clama no deserto”. Veja que João não era *a voz que clama no deserto*, mas sim, “*a voz do que clama no deserto*”, ou seja, Deus não estava no templo, nas sinagogas, nem nos palácios, estava, e está, nos “desertos”, nos guetos, nas vielas, e João Batista era a voz de Deus clamando nesses ambientes, denunciando as mazelas do poder político e religioso.

Pois é, é como se em João Batista encerrava-se dois dos principais ministérios do Judaísmo: o sacerdotal e o profético. Esses eram os ministérios mais importantes da religião judaica, o sacerdote era o que falava com Deus em nome do povo, e o profeta, o que falava com o povo em nome de Deus, e João estava preparando o caminho para aquele que inauguraria o sacerdócio universal, quebrando a ideia que a humanidade precisa de intermediários para acessar Deus.

Como profeta que era, João Batista metia o dedo na cara do sistema, denunciando a corrupção política e religiosa, e foi exatamente por isso que ele morreu. Aliás, como podemos ver tanto em João quanto em todos os profetas do Antigo Testamento, o ministério profético nada tem a ver com adivinhação do futuro. O principal papel do profeta era denunciar os desmandos dos governantes e os desvios de comportamento do povo. Ao denunciar o adultério de Herodes com sua cunhada, ele se colocou na linha de tiro do poder político. Preso por ordem de Herodes, foi decapitado, depois de a adúltera conspirar com a filha para que esta pedisse a cabeça de João Batista como presente de aniversário.

Agora, para que você entenda a importância de João Batista para o ministério de Jesus, vamos falar sobre o encontro entre estes dois

grandes personagens da história bíblica. Quando João vê Jesus, ele o aponta e diz aquela famosa frase: “Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”. Você já pensou na importância dessa fala de João? Já percebeu que, com essa afirmação, ele estava quebrando todos os paradigmas da religião judaica?

Vamos tentar entender melhor isso. João Batista era, por direito, o sumo sacerdote de Israel, como já falamos acima. Um dos papéis mais importantes do sumo sacerdote era escolher uma vez por ano o cordeiro que seria sacrificado pelo pecado de todo o povo, ou seja, o cordeiro que tiraria o pecado do povo judeu. Então, apontando Jesus como o “Cordeiro que tira o pecado do mundo”, João quebra, ao mesmo tempo, a religiosidade que dava grande importância ao sacrifício de animais e a arrogância do povo israelita de se achar o povo exclusivo de Deus. O que João estava dizendo é que o sacrifício de animais não servia mais para nada, e que Jesus seria a vítima do sacrifício que tiraria o pecado não de Israel, mas do mundo todo. Não tem essa de exclusividade de Israel.

Paulo entendeu isso, e lutou durante todo o seu ministério contra os judaizantes. Se Jesus é o salvador do mundo e não só de Israel, não temos que nos preocupar com bandeiras, dogmas e outros símbolos judaicos que muitos cristãos fazem questão de manter. Quando João vai para o deserto, subvertendo o jeito de viver, de comer e de vestir da figura mais importante da religião judaica, ele está dizendo que tudo aquilo não estava mais dando certo e que um novo sacrifício seria feito, sem respeitar bandeiras ou fronteiras, o sacrifício perfeito do Cordeiro universal.

JESUS E A TENTAÇÃO

Antes de começar a falar sobre a tentação de Jesus, queremos reafirmar o que já dissemos no capítulo introdutório: a leitura da Bíblia deve ser despoluída de todo o pré-conceito religioso que foi sendo construído dentro de nós. Sem essa “limpeza” em nosso intelecto, tudo que vamos conseguir na leitura bíblica é uma confusão de dogmas e fatos fantásticos sem qualquer sentido ou conexão com a realidade histórica.

Feita essa higiene mental, passamos, então, a analisar a tentação de Cristo, como narrada nos evangelhos, no nosso ponto de vista. A primeira pergunta que precisamos fazer é: será que Jesus ficou mesmo quarenta dias e quarenta noites sem comer e sem beber?

Em primeiro lugar, temos que lembrar que Jesus era humano, esvaziado de toda divindade. E, ainda que viéssemos a acreditar que ele sobreviveu por muito mais tempo que qualquer outro ser humano sem comida e água, graças a sua natureza divina, onde estaria o sacrifício? Como poderíamos chamar isso de jejum?

Mas, antes que você nos crucifique sob a acusação de contradizer a Bíblia, vamos entender um pouco mais sobre esse “período de quarenta dias”. Talvez você já tenha percebido que na literatura judaica, os números têm uma simbologia bem diferente da forma como os vemos. O judeu usava números específicos para expressar ideias que, embora estivessem ligadas à matemática, não estariam, necessariamente, presas ao número usado. Esses números são repetidos muitas vezes na literatura judaica. Por exemplo, com uma breve análise do número

sete, citado na Bíblia mais de oitocentas vezes, vamos entender que ele expressa uma ideia e não um número exato. Só para deixar mais claro, em Deuteronômio 28, versículos 7 e 25, temos as expressões “... por um caminho sairão contra ti, mas por **sete** caminhos fugirão de tua presença” e “por um caminho sairás contra eles, e por **sete** caminhos fugirás de diante deles, e serás espalhado por todos os reinos da terra”. Está claro que a expressão “sete caminhos” não se refere a um número exato de caminhos, mas sim a uma grande quantidade de caminhos. O que o texto diz é que os exércitos (o dos inimigos no versículo 7 ou o de Israel no 25), chegariam organizados para atacar, e fugiriam “na doida”, sem rumo.

Mas, vamos ao número que nos interessa, o número “40”. Esse é outro número usado por muitas e muitas vezes na Bíblia. Vejamos algumas dessas passagens: o dilúvio teria durado 40 dias (gênesis 7:12); Moisés teria ficado no deserto por 40 anos antes de assumir a missão de libertar Israel do Egito (Atos 7:30); Moisés esteve no Monte Sinais por 40 dias, recebendo as tábuas da Lei (Êxodo 24:18); os espiões teriam levado 40 dias para espionar Canaã (Números 13:25); os israelitas teriam vagado pelo deserto por 40 anos (Deuteronômio 8:2-5); Israel teria servido os filisteus por 40 anos antes do surgimento de Sansão (Juízes 13:1); Golias teria provocado o exército de Saul por 40 dias, antes de ser morto por Davi (I Samuel 17:16); Elias teria caminhado por 40 dias até chegar ao Monte Horebe e ser visitado por Deus (I Reis 19:8); Jonas teria profetizado por 40 dias sobre a destruição de Nínive (Jonas 3:4).

Está claro que há uma simbologia no número quarenta, que é usado frequentemente na indicação de períodos de tempo. Está claro, também, que assim como o número 7, o 40 na literatura judaica

expressa uma ideia, e não um número exato. O número 40 traz a ideia de preparação para um evento importante; foi assim com Moisés, com Elias, com Jonas e, também, com Jesus. Vejamos: Moisés, depois desse período de 40 dias, desce do monte com as tábuas dos mandamentos; Elias, depois do período de 40 dias, recebe de Deus a missão de preparar o seu sucessor; depois dos 40 dias de profecia de Jonas, Nínive se converte. Isso ocorre em todas as passagens em que o número “40” indica período de tempo. Concluímos, então, que Jesus jejuou por um período de tempo, enquanto se preparava para o seu ministério. Quantos dias, não se sabe exatamente. A ênfase está no evento, e não no número.

A segunda pergunta é: Jesus foi mesmo tentado pelo diabo? Para responder essa pergunta, precisamos, antes, desmistificar essa figura do “Diabo”. Sabemos o impacto que isso pode causar no cristão que se acostumou a conviver com a figura de um ser infernal, que fica o tempo todo traçando planos para vencer a eterna guerra contra o seu arquirrival celestial, Deus. O diabo está tão enraizado em nossa cultura cristã que se torna, para muitos, impossível viver sem ele. É como se o bem supremo exigisse um mal supremo para existir. Se não existe o diabo, para que existiria Deus? Essa “batalha espiritual” com equivalência de forças está concretizada na mente do crente e, sabemos como é difícil se livrar dela.

Mas, se pensarmos bem, a própria ideia de Jesus, sendo Deus, ser tentado por um ser infinitamente menor, é absurda. A onipotência não pode ser nem mesmo comparada a qualquer força, de qualquer outro ser. Assim, não há equivalência de força entre bem e mal, entre Deus e o “diabo”. Veja o que diz Tiago:

Deus não pode ser tentado pelo mal... mas cada um é tentado, quando atraído e engodado pela própria concupiscência (Tiago 1:13-14).

Opa! Quer dizer então que eu sou tentado por aquilo que está dentro de mim? Tentado por mim mesmo? Exatamente, talvez você ainda tenha dificuldade de entender isso, mas cada um de nós somos o nosso próprio diabo. Quando a Bíblia fala do diabo, não se trata de um substantivo, mas de um adjetivo, uma característica humana que nos tenta afastar do bem.

Concluimos, então, que Jesus foi tentado por ele mesmo, ou seja, parte de si procurava afastá-lo do ministério importantíssimo que estava prestes a iniciar. Jesus sendo tentado, inclusive, a fazer uso de sua natureza divina. O que estava acontecendo ali era a natureza humana de Jesus tentando a sua natureza divina, como acontece com a gente todos os dias. Você e eu somos tentados todos os dias, mas eu nunca vi um ser infernal parado na minha frente e me dizendo para fazer o mal.

Não sabemos como você vai lidar com a ausência do diabo, mas é assim que cremos e convidamos você a, pelo menos, pensar sobre isso.

JESUS, O FESTEIRO

Neste capítulo, vamos lançar um novo olhar sobre o primeiro milagre de Jesus de que temos notícia, que foi realizado em meio a uma festa de casamento. Entendemos que através desse milagre Jesus dá o tom de sua caminhada. Aqui, ele mostra como vai conduzir o seu ministério.

As festas de casamento da época duravam dias e eram regadas por muito vinho. Certamente, muitos religiosos de hoje se escandalizariam com uma festa dessas e, talvez, excluíssem de seu rol de membros quem, ao menos, passasse perto de uma. Mas Jesus, que certamente gostava de um bom vinho, chamado pelos religiosos de comilão e beberrão, estava em uma dessas festas quando alguém comunicou que o vinho tinha acabado. Jesus, então, pede que encham os potes da casa com água e transforma a água em vinho de excelente qualidade. E a festa continua.

O que queremos mostrar aqui é que, com esse milagre, Jesus mostra a sua intenção de quebrar todos os paradigmas religiosos da época. Já vimos anteriormente que a religião estava corrompida, todo aquele conjunto de dogmas e tradições não estava levando a lugar algum. Então, Jesus joga na cara dos religiosos o seu desprezo por aquelas tradições.

Uma das tradições mais sagradas dos judeus é a purificação. Um judeu não se senta à mesa para comer sem antes purificar-se, lavando as mãos. Era algo levado muito a sério, e Jesus foi repreendido por não ter ensinado seus discípulos a fazer o mesmo. Vejamos:

Por que os teus discípulos transgridam a tradição dos anciãos? Pois não lavam as mãos quando comem pão. (Mateus 15:2)

Para que essa tradição não fosse ignorada, toda casa judia tinha, na entrada, os potes da purificação para que todos que fossem entrar no recinto para se chegar à mesa, pudessem se purificar. Algo como aqueles recipientes com água que ficam nas igrejas católicas. Foi a água destes potes sagrados que Jesus transformou em vinho, para mostrar para todo mundo que não existe nada mais sagrado que a alegria, a festa, a comunhão entre os amigos. É assim que Jesus dá um tapa na cara da religião.

Jesus mostra que o sagrado não está em objetos ou tradições, mas nos relacionamentos. Aliás, mais tarde ele traduz isso em palavras, respondendo a pergunta dos religiosos, citada acima:

O que contamina a pessoa não é o que entra pela boca, mas o que sai da boca, isso é o que contamina (Mateus 15:11).

É isso aí. Enquanto os religiosos estavam preocupados em não contaminar o corpo, Jesus estava preocupado em não contaminar os relacionamentos. Nenhuma tradição pode ser maior que a amizade.

O ministério de Jesus esteve sempre na contramão dos dogmas e tradições religiosas, mesmo assim, conseguiram transformar seus ensinamentos em nada mais que dogmas e tradições, infelizmente. Pense nisso! A religiosidade pode estragar, não só a festa, mas as relações, o que era mais sagrado para o Negro Nazareno.

JESUS, O TRETEIRO

Logo depois de realizar o milagre na festa em Caná da Galileia, Jesus segue para Jerusalém, para a festa da Páscoa. Nessas ocasiões, Jerusalém fervilhava com judeus vindos de todo canto do mundo para participar da mais importante festa religiosa de Israel, que incluía entre os rituais o sacrifício no templo. Era aí que entravam os mercadores do templo.

Esses aproveitadores amontoavam-se no pátio do templo, vendendo a preços abusivos animais para os sacrifícios, e havia, inclusive, aqueles que trocavam moedas para serem gastas nos outros comércios que lotavam o templo. A religião para estas pessoas era nada mais que um negócio muito lucrativo, uma oportunidade para explorar os fiéis desavisados. Se não eram importunados por aqueles que tinham o dever de cuidar do templo, certamente faziam parte do esquema de corrupção que envolvia tanto a religião quanto a política.

Jesus ficou tão incomodado com aquela degradação moral que resolveu partir para a agressão física. Com um chicote, expulsou todos aqueles aproveitadores do templo, dizendo:

... não transformem a casa de meu Pai em mercado
(João 2:16).

Bem, já dissemos aqui que Deus não estava no templo, onde dominavam Anás, Caifás e sua quadrilha religiosa. Mas, agora Jesus está dizendo que aquelas pessoas estavam profanando a casa de Deus?

Obviamente, Jesus ao se referir ao templo como casa de Deus, não estava falando do prédio. Não era o prédio que estava sendo profanado, e sim a fé daquelas pessoas que caminhavam dias, ou mesmo meses, para prestar culto. Basta uma breve análise dos evangelhos para entendermos que, para Jesus, o templo não era um lugar, mas uma forma de adoração. Vamos ver isso em sua conversa com a mulher samaritana, que, preocupada, como muitos judeus e samaritanos da época, com a autenticidade da adoração feita fora de Jerusalém, recebe de Jesus a seguinte resposta:

Chegará o momento – na verdade, já chegou – que não importará como vocês são chamados ou onde irão adorar. O que conta para Deus é quem você é e como vive. Seu culto deve envolver o seu espírito na busca da verdade. Este é o tipo de gente que o Pai está procurando (João 4:23-24 – A Mensagem).

E ainda, quando os judeus questionam com que autoridade ele expulsava os mercadores do templo, ele mostra para eles, embora fiquem sem entender, onde está o templo:

Derrubem este templo, e em três dias eu o reconstruirei (João 2:19).

O próprio texto diz que Jesus estava falando de seu próprio corpo. Ou seja, o templo é cada um de nós. Então, o que deixou Jesus irritado não foi o desprezo pelo prédio do templo, mas a profanação do mais sagrado: a fé das pessoas que eram manipuladas e roubadas por um sistema cruel e corrompido. E tudo isso acontecia em nome de Deus.

O Negro Nazareno começa a mostrar, desde o início de seu ministério, que o corpo é mais sagrado que o prédio e que a vida é mais sagrada

que a religião. O que é realmente sagrado está dentro de cada um de nós, e não deve ser profanado por uma religiosidade vazia e ensimesmada.

JESUS E NICODEMOS

Quando chegamos ao capítulo 3 de João, o primeiro versículo que nos vem à mente é o famoso João 3:16. Mas, infelizmente, como já vimos repisando desde o início desse trabalho, fomos treinados a usar versículos bíblicos sem analisar o contexto em que foram escritos. E falamos, não só do texto em que está inserido o tal versículo, mas de todo o processo envolvido na coleta da informação, desde a transferência boca-a-boca até o registro escrito.

As informações que temos sobre Nicodemos e seu encontro com Jesus, dão conta de que ele era fariseu e que tinha um cargo de grande importância entre os judeus. Embora muitos cristãos gostem de apresentar esta passagem como uma “conversão” de Nicodemos, o texto não apresenta nada que possa nos levar a esta conclusão. Na verdade, não é possível saber o real propósito da visita noturna de Nicodemos. Especialmente, depois que Jesus teve um ataque de fúria e deu uma surra em comerciantes importantes do templo. No registro feito pelo Evangelho de João, o diálogo começa com a seguinte abordagem:

Rabi, bem sabemos que és Mestre, vindo de Deus;
porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes,
se Deus não for com ele (João 3:2 – ARC).

Esta afirmação de Nicodemos pode ser uma provocação, bajulação, ou até mesmo uma inocente busca da verdade. Mas esta última hipótese é bem pouco provável. Podemos perceber logo de início que ao dizer “bem sabemos...”, Nicodemos não falava apenas por si, mas por um

grupo do qual fazia parte, e este grupo era o mesmo que procuravam matar Jesus.

Não temos a íntegra da conversa que Jesus teve com Nicodemos naquela noite. Mas, uma coisa é certa, Jesus mostra a Nicodemos que toda aquela capa de religiosidade não levaria a lugar algum. Era preciso experimentar uma profunda transformação da natureza humana para poder vivenciar o “reino de Deus”.

Jesus apresenta para Nicodemos uma maneira de experimentar Deus, diferente da apresentada pelos religiosos: o Deus Emanuel, que age conosco, como parceiro de nossas boas atitudes, e não como fiscal de nosso comportamento. É um Deus que age de dentro para fora, que sonda as intenções dos corações e nos inspira novos caminhos que nos leve a uma edificação comunitária.

Por isso, a salvação apresentada por Jesus não é uma fuga do inferno em direção ao céu. A mudança de atitude motivada pelo medo das chamas do inferno não transforma ninguém. Jesus apresenta a proposta de salvação como um novo nascimento, uma transformação que começa dentro de cada um e vai tornando tudo mais leve e belo. Não é sair do inferno e correr para o paraíso, mas ter atitudes que visem transformar o inferno em paraíso.

Paulo, corroborando as palavras do Mestre, diz que o velho deve morrer para que nasça o novo. Trata-se de uma transformação interna, não imposta. O Espírito de Deus testificando com o nosso espírito humano que somos filhos de Deus, conforme descrito em Romanos 8:6. Transformado “de glória em glória” (II Cor 3:18) na imagem de Deus.

Não há nobreza alguma em fazer o bem por medo da punição. Renascer não é, simplesmente, mudar de comportamento, mas sim

adquirir uma nova natureza. O regenerado faz aquilo que é próprio de sua natureza, que é o bem. E Deus é parte dessa nova natureza que, embora não esteja isenta de erro, busca sempre fazer o bem. Reafirmando, Deus não é fiscal dessa natureza, é parte dela.

Concluindo sua conversa com Nicodemos, Jesus fala de luz e trevas. Para um religioso que escolheu a noite para um encontro, Jesus fala da natureza daqueles que escolhem fazer as coisas na escuridão, acostumados a dissimulação, a hipocrisia. Aquele fariseu ali diante de Jesus, poderia ser o mesmo usado na parábola registrada em Lucas 18, que tentava encobrir sua verdadeira natureza embaixo de um monte de práticas religiosas que não serviam para nada. Amante das trevas, inimigo da luz.

JESUS E A SAMARITANA

O capítulo 4 do Evangelho de João inicia com a decisão de Jesus de voltar para a Galileia e seu interessante encontro com uma mulher samaritana, na cidade de Sicar. Lembrando que a Samaria era um improvável caminho para o judeu que pretendia ir da Judéia para a Galileia, não só por uma questão geográfica, mas muito mais pela inimizade nutrida entre judeus e samaritanos. Mas, Jesus fez questão de passar por lá, e essa decisão foi só o começo de uma sequência de atitudes “impróprias” tomadas por ele naquele dia.

Depois de dispensar os discípulos para que comprassem comida em outra cidade, Jesus vai até o poço, onde as mulheres costumavam pegar água. Era por volta do meio-dia, hora improvável para que alguém viesse pegar água naquele poço, mas uma mulher apareceu, e Jesus iniciou um diálogo com aquela mulher, pedindo um pouco de água e quebrando todos os paradigmas sociais e religiosos da época. Vejamos: 1) um judeu não se comunicava com um samaritano; 2) um homem não falava com uma mulher em público; 3) um judeu não tocava em um utensílio em que tocou um samaritano, considerando-o imundo. Começamos, então, a entender que Jesus, ao decidir entrar em Samaria, tinha um propósito, e esse propósito envolvia aquela mulher samaritana.

Vamos tentar conhecer um pouco dessa mulher. Não sabemos o seu nome e pouco conhecemos, também, sobre sua família. Mas, se ela desceu para pegar água ao meio-dia, e não pela manhã bem cedo, ou à tardezinha, como era costume das mulheres, até em razão do calor da região, certamente, ela não tinha um bom relacionamento com as outras

mulheres. A provável causa desse isolamento, revelada em sua conversa com Jesus, era o fato de ter sido repudiada, e por várias vezes.

Em primeiro lugar, podemos observar que aquela mulher desenvolve com Jesus uma conversa teológica. Aquela mulher não era uma mulher comum, ela se dispunha a falar sobre teologia com um judeu. Em uma época em que não era permitido que uma mulher falasse em público, esta mulher faz questionamentos teológicos a um mestre judeu. Ela não se encaixava no padrão feminino de sua época; era uma mulher à frente de seu tempo. Talvez seja esse o motivo de sua dificuldade em manter um casamento.

Depois de revelar a vida complicada daquela mulher, Jesus direciona a conversa de forma a transformar a maneira que a mulher enxergava o mundo em sua volta, e, principalmente, como enxergava a si mesma. Ao ser questionado sobre o lugar da adoração, assim como faz no decorrer de todo o seu ministério, ele procura mostrar para a mulher que a espiritualidade não pode ser limitada pela religião. Lugares e objetos sagrados são coisas definidas pela religião. Mas, a verdadeira adoração não se prende a lugar, objeto ou tradições:

... o que conta para Deus é quem você é e como vive. Seu culto deve envolver o seu espírito na busca da verdade. Este é o tipo de gente que o Pai está procurando: aquele que é simples e honesto na presença dele, em seu culto. Deus é Espírito e quem o adora deve fazê-lo de maneira genuína, algo que venha do espírito, do mais íntimo do ser (João 4:23-24 – A Mensagem).

Aquela conversa à beira do poço transformou a vida da samaritana. De rejeitada, ela passa a ser porta-voz das boas-novas da chegada do Messias. Diz o texto que, entrando na cidade, ela anuncia que, provavelmente, havia encontrado o Messias, e o povo daquela cidade resolve conhecer e ouvir o Negro Nazareno, constatando que realmente tratava-se do Salvador do mundo.

Interessante é que aquela mulher, de quem as pessoas se desviavam para não falar com ela, passa a ter toda a atenção do povo da cidade, que depois de conhecer Jesus, comunicam diretamente à mulher a constatação de que ela realmente tinha falado a verdade. Agora sabemos porque era necessário passar por Samaria: o especialista em transformar vidas marginalizadas em pessoas que importam para a sociedade e – muito mais importante – para si mesmas, tinha um encontro marcado por lá.

JESUS, O CRISTO

Depois de cumprir o propósito que o levou a passar por Samaria, Jesus segue seu caminho e chega à Galileia, o lugar onde tinha realizado seu primeiro milagre. Sua fama como operador de milagres havia crescido muito desde as bodas em Caná. Multidões corriam atrás dele em busca de milagres. Dentre estes, estava um nobre de Cafarnaum com um filho muito doente. Diz o texto bíblico que ele implorou que Jesus curasse o seu filho, antes que ele morresse.

Nesse ponto, e para entendermos o motivo pelo qual ele opera esse e mais uma série de milagres, queremos fazer uma abordagem a partir da fala de Jesus que está no versículo quarenta e oito.

... se não virdes sinais e milagres, não creereis (João 4:48).

A partir desse momento, Jesus percebe a necessidade de apresentar sinais, tanto para abrir espaço de comunicação com o povo, como para autenticar a sua messianidade. Muitos já criam nele, e o chamavam de “Jesus, o Cristo”, termo grego para Messias, o esperado de Israel, mas, mesmo estes esperavam por mais sinais, inclusive, os sinais específicos que indicariam ser ele, realmente, o Messias.

A tradição judaica havia especificado três sinais que só poderiam ser realizados pelo verdadeiro Messias: 1) a cura de um cego de nascença; 2) a cura de um leproso e 3) o exorcismo de um demônio mudo, ou como podemos deduzir, um demônio que causava mutismo. Pois bem, sabemos que ao longo de seu ministério Jesus realizou todos esses milagres, e muito mais.

Precisamos entender o motivo pelo qual Jesus realizava esses sinais. Não se tratava de milagres, mas de sinais que apontavam para a sua messianidade. A partir da realização desses sinais messiânicos, os religiosos eram obrigados a prestar mais atenção na pessoa que os operava. Abria-se uma investigação para comprovar a autenticidade daquele que se dizia, ou se apresentava como o Messias. Por isso, a partir daí Jesus começa a ser seguido e perseguido pelos religiosos.

Claro que Jesus não foi o primeiro nem o último a se declarar “o Messias”. Aliás, segundo os historiadores, havia em Israel pelo menos mais três messias contemporâneos de Jesus. Certamente, centenas ou talvez milhares de messias tenham surgido em Israel ao longo da história. Mas, o problema para os religiosos era que “esse tal de Jesus” estava indo muito além de uma simples afirmação. Ele estava “autenticando” sua messianidade com sinais.

Enfim, milagres nunca foram o foco do ministério de Jesus, e jamais devem ser o foco da igreja. Quando uma igreja começa a focar em milagres, sejam eles autênticos ou forjados, ela perde a essência do Cristo. Os sinais não são nada em si mesmos, apenas apontam para algo maior. Como diz o provérbio chinês:

o sábio aponta para o sol, o tolo olha para o dedo

Então, não faz nenhum sentido a igreja, já convicta de que Jesus é o Cristo, realizar “tardes dos milagres”, “conferência dos milagres” e outros eventos desse tipo. Seria como festejar a placa que indica o lugar de destino; não faz sentido. Não queremos, aqui, padronizar o modo de Deus agir. Ele age como quer e faz milagres; a própria existência da igreja é o maior desses milagres. Mas, perdemos o rumo quando baseamos nossa teologia em experiências pessoais.

A luta interna de Jesus, que começou no deserto, continuava. Sua natureza humana conspirava para promovê-lo ao grande milagreiro. Por isso, imaginamos como foi difícil para ele tomar a decisão de atender à tradição religiosa, operando sinais para que fosse reconhecido sem, contudo, perder a sua essência.

O que acontece depois disso, seguindo a ordem cronológica, está registrado no Capítulo 4 do Evangelho de Lucas. Jesus volta para o vilarejo de Nazaré, onde fora criado. Diz o texto que, como de costume, ele foi à sinagoga em um sábado, onde lhe foi dada a oportunidade de ler as escrituras para os que estavam ali reunidos. Jesus abre o livro de Isaías e lê a seguinte passagem:

O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para pregar boas novas aos pobres. Ele me enviou para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos e proclamar o ano da graça do Senhor (Lucas 4:18-19 – NVI).

Jesus fecha o livro e diz: "... esta profecia está se cumprindo hoje", deixando claro que o texto falava sobre ele. Claro que isso choca a todos que o ouvem. Principalmente porque, ao que parece, Jesus não operou qualquer milagre em Nazaré, o que todos estavam esperando, o que deixa espaço para que aquelas pessoas lembrassem de sua origem, afinal, aquele era o Jesus, filho do pedreiro José e da mal falada Maria.

A verdade é que, voltando às origens, Jesus tenta começar seu ministério do zero, depois de perceber a necessidade de operar sinais para que fosse ouvido pelo povo. Ao ler a profecia de Isaías, busca

mostrar qual era a essência de seu ministério: boas novas aos pobres, liberdade aos presos, recuperação da vista aos cegos e proclamação da graça de Deus. Essa era a base do ministério de Jesus. E, é óbvio, que ele não falava aqui de coisas físicas, mas espirituais. Os presos a serem libertados não eram os que estavam encarcerados em cadeias físicas, mas em prisões espirituais, cativos de alma, enjaulados, até mesmo, em ritos religiosos que só serviam para permitir que os poderosos manipulassem melhor os mais desfavorecidos. Da mesma maneira, a cegueira a ser curada é a pior de todas as cegueiras: a cegueira espiritual. E estas eram as boas novas que ele anunciava aos pobres.

Ali, Jesus dava o tom de sua caminhada; não se deixaria ser reduzido a um mero milagreiro, afinal, tinha consciência de sua missão. A recusa em realizar milagres em sua própria terra, deixou enfurecidos o povo da cidade que o expulsou de Nazaré. O Negro Nazareno não era bem-vindo entre pessoas que cresceram com ele. Sem os sinais, o preconceito falou mais alto.

JESUS E A PROSPERIDADE

Depois de ser expulso de Nazaré, Jesus volta para Cafarnaum, onde tinha curado o filho do oficial romano. Em Cafarnaum, acontece algo interessante: as pessoas começam a prestar mais atenção no discurso de Jesus do que nos milagres que ele operava. Ele tinha conquistado a atenção das pessoas para ensinar, transmitir o que realmente importava.

Cafarnaum está localizada às margens do Mar da Galileia, também conhecido como Mar de Tiberíades ou Lago de Genesaré. Entre os pescadores da cidade estava Simão, apelidado de Pedro que, junto com seu irmão André, tinham se associado a dois outros irmãos, Tiago e João, para formarem uma espécie de microempresa dedicada à pesca.

Em um daqueles dias muito ruins quando, literalmente, “o mar não está para peixe”, Jesus aparece na praia para, mais uma vez, falar à multidão que o seguia. Em uma época em que não havia microfones nem alto-falantes, a melhor técnica para se falar a um grupo grande de pessoas era usar o vento para levar a voz até os espectadores e, na praia, nada melhor do que fazer isso a partir de um barco afastado alguns metros da praia, sobre o mar. Então, Jesus pega emprestado o barco de Pedro, que já o estava abandonando, desanimado com o trabalho, para fazer o seu sermão.

Terminado o discurso, Jesus devolve o barco a Pedro e o manda continuar o seu trabalho. Foi nesse momento que Pedro expôs a triste realidade daquele dia: “Senhor, pescamos a noite inteira e não pegamos nenhum peixinho”. Com a insistência de Jesus, Pedro volta ao mar e

pega tanto peixe que precisa pedir ajuda a outros pescadores para que seu barco não afundasse. Uau! Jesus prosperou financeiramente a vida de Pedro e seus sócios! Agora a empresa deles ia explodir, comprar mais barcos, contratar pescadores. Acabou a miséria! Jesus trouxe a prosperidade!

Bem, antes da comemoração, vamos ver o que aconteceu na sequência. Jesus tinha prosperado a vida daqueles quatro rapazes, prontos para passar a viver em outro nível, deixar a miséria para trás, passar a ser “cabeça e não cauda”. Enfim, eles estavam prontos para viver a prosperidade que Jesus lhes trouxe. E, bem nesse momento, Jesus olha para Pedro e diz:

Não tenha medo; de agora em diante você será
pescador de homens (Lucas 5:10 – NVI).

É aqui que a teologia da prosperidade cai por terra. Não só Pedro, mas também seus três sócios, ao ouvirem o chamado de Jesus, largam tudo; os barcos, os peixes, as redes, e seguem a Jesus.

Esse é o único relato bíblico em que Jesus fez alguém prosperar materialmente. Isso deixa muito claro que o único motivo de Deus fazer alguém prosperar materialmente é para ver a disposição dessa pessoa de abrir mão de tudo para servi-lo. E a maneira de servirmos a Deus é servindo as pessoas. Foi isso que Jesus ensinou ao longo de todo o seu ministério. Os religiosos judeus estavam acostumados a um relacionamento vertical com Deus. Jesus inaugura o tempo do Emanuel, Deus conosco, Deus em nós. Em Jesus, aprendemos que o relacionamento com Deus deve ser horizontal, não há como servir a Deus sem servir as pessoas.

Neste evangelho das boas novas anunciadas aos pobres, não há espaço para o egoísmo da teologia da prosperidade tão em alta em nossos dias. O evangelho é compartilhar e não competir; é atentar para o que é comum, e não olhar para o seu próprio umbigo, buscando um desenvolvimento pessoal a qualquer custo, ainda que para isso, precise pisar em algumas cabeças.

É isso. A prosperidade, na ótica do Negro Nazareno, vem acompanhada da disposição de abrir mão de tudo, tão somente para servir.

JESUS E OS PECADORES

Os publicanos faziam parte de um dos grupos mais odiados pelos judeus. Eram considerados traidores do povo judeus, pois eram os encarregados da cobrança de impostos destinados ao Império Romano. Além disso, era muito difícil encontrar um publicano que fosse honesto; a cobrança de impostos em excesso e o desvio de verbas era muito comum, tornando ainda mais dura a carga tributária imposta por Roma.

Entre os publicanos havia um homem chamado Levi, também conhecido como Mateus. Contrariando, mais uma vez, aquilo que se esperava de alguém que se propunha ser o Messias, Jesus convida Mateus para segui-lo. Sem hesitar, Mateus passa a seguir a Jesus e, mais, vamos encontrá-lo jantando na casa deste publicano, acompanhado de seus discípulos e, conforme o texto, outros publicanos e pecadores. Poderíamos dizer que naquele jantar estava reunida a escória da cidade.

A essa altura, Jesus era seguido não só pela multidão ávida por milagres e conhecimento; representantes da liderança religiosa o acompanhavam de perto, procurando algum deslize que lhes permitisse matá-lo, afinal, sua mensagem libertária era uma ameaça ao esquema político-religioso que manipulava e extorquia o povo. A cúpula religiosa já tinha decidido: Jesus tinha que morrer. Quando estes espiões viram Jesus no meio daquela “roda de escarnecedores”, ficaram escandalizados e foram questionar os discípulos:

por que o mestre de vocês como com publicanos e ‘pecadores’? (Mateus 9:11 – NVI).

A resposta de Jesus aos religiosos traz, como sempre, uma boa dose de sarcasmo e, ao mesmo tempo, um profundo ensinamento:

Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes. Vão aprender o que significa isto: 'desejo misericórdia, não sacrifícios'. Pois eu não vim chamar os justos, mas pecadores (Mateus 9:12-13 – NVI).

Isso foi um grande tapa na cara dos religiosos. Eles se achavam justos apenas pela prática de certos ritos e discriminavam a todos que não estavam ao alcance de suas garras religiosas. Nós vemos isso na parábola do fariseu e do publicano, contada por Jesus. No versículo 12, Jesus mostra que a justificação através de práticas religiosas fecha as portas para a verdadeira transformação operada por Deus. Essa transformação só acontece na vida daquele que reconhece a necessidade de ser transformado.

Já no versículo 13, ele faz uma citação de Oséias 6:6, texto que certamente não era compreendido pela cúpula religiosa judaica, assim como não é compreendido por muitos religiosos de hoje. A salvação é um movimento de Deus em direção aos pecadores e não dos pecadores em direção a Deus. A misericórdia já substituiu o sacrifício. Cabe à igreja, como representante do Reino de Deus praticar a misericórdia, levando a graça de Deus aos pecadores e não exigir o que quer que seja por parte destes. A graça é total e completamente suficiente.

Os questionamentos prosseguem com os discípulos de João Batista que, também observavam as atitudes de Jesus, e o questionam sobre o fato de seus discípulos, e ele próprio, não jejuarem, como faziam os

fariseus e, também, João e seus discípulos. Jesus responde com uma parábola:

Ninguém põe remendo de pano novo em vestido velho; porque semelhante remendo tira parte do vestido, e faz-se maior a rotura. Nem se deita vinho novo em odres velhos; do contrário se rebentam, derrama-se o vinho, e os odres se perdem; mas deita-se vinho novo em odres novos, e assim ambos se conservam (Mateus 9:16-17 – NVI).

O que Jesus quis dizer é que ritos religiosos, como a prática do jejum e outras penitências, não fazem qualquer sentido em sua proposta de uma espiritualidade conectada com a vida. A proposta do evangelho é uma eterna festa, com a presença do noivo, e a religiosidade, mesmo que bem-intencionada, só estraga a festa.

O MITO DO TANQUE DE BETESDA

O Evangelho de João, em seu capítulo 5, narra a chegada de Jesus ao tanque de Betesda. Um lugar interessante que desperta alguns questionamentos em nossa cabeça. Você nunca parou para pensar que tem alguma coisa nessa história que não se encaixa? O que realmente acontecia no Tanque de Betesda?

Aqui, queremos chamar a atenção mais uma vez para o perigo de uma leitura literal da Bíblia, sem contextualização adequada e uma preocupação com o que pode ter sido perdido – ou “achado” – durante a tradução dos originais. E não se trata de questionar a idoneidade dos tradutores; por mais bem-intencionado que seja qualquer tradutor, há textos originais que, sem um acréscimo explicativo, não faria qualquer sentido na nova língua.

Os tradutores da Bíblia fizeram alguns acréscimos para tornar o texto mais compreensível ou, em alguns casos, mais condizentes com o pensamento de sua época e língua. Porém, tiveram o cuidado de colocar os acréscimos aos originais entre colchetes, para que os leitores e leitoras soubessem que aquelas palavras não faziam parte do texto original. Ocorre que esses colchetes foram suprimidos das versões mais recentes da Bíblia, ficando invisíveis ao leitor desavisado. Então, esses colchetes você só vai encontrar em uma Bíblia antiga.

Pois bem, um dos textos que estão entre colchetes é o Versículo 4, do Capítulo 5 do Evangelho de João.

Porquanto um anjo descia em certo tempo ao tanque,
e agitava a água; e o primeiro que ali descia, depois

do movimento da água, sarava de qualquer enfermidade que tivesse (João 5:4 – ARA)

Todo esse versículo foi incluído pelos tradutores para esclarecer aquilo que já estava claro para o leitor do grego do tempo de João (o evangelista), mas não para o leitor de língua portuguesa do tempo de João Ferreira de Almeida, por exemplo. O tradutor descreve o mito do tanque, para explicar o porquê da grande quantidade de enfermos em torno dele. Obviamente, a informação é muito útil para entendermos melhor o texto original, mas se torna muito prejudicial quando misturamos tudo como se fosse um texto só.

Segundo a arqueologia, que explorou o local em meados do século passado, tratava-se de um complexo de duas piscinas, que faziam parte de um santuário dedicado ao deus Asclépio ou Esculápio, deus da mitologia greco-romana relacionado à cura. Obviamente que esse lugar nada tinha a ver com a tradição ou religião judaica. Embora, muitos judeus tenham sofrido influências das diversas culturas invasoras da Judéia, especialmente a cultura helênica.

Não sabemos em que momento este lugar começou a chamar a atenção dos moradores da Judéia, mas podemos, a partir da narrativa de João, imaginar o quão deprimente era esse lugar. Para lá iam doentes de toda a região, e aguardavam por anos – como foi o caso do parálítico curado por Jesus – pelo movimento das águas, para se jogar em uma das piscinas. Veja a cena descrita pelo evangelista:

Nestes (nos alpendres do tanque) jazia grande multidão de enfermos, cegos, mancos e ressecados, esperando o movimento da água (João 5:3 – ARA)

Esse lugar era deprimente! Imagine a guerra que acontecia quando, por um motivo qualquer, a água se movimentava; cada um queria ser o primeiro, pois, segundo o mito, só o primeiro era curado. No meio de todo esse caos, um homem que já havia perdido a esperança é abordado por Jesus. Poderia ter feito um belo sermão para aqueles “idólatras” que iam atrás de um deus greco-romano, ao invés de confiar no Deus de Israel, mas Ignorando qualquer questão religiosa, Jesus cura o homem no templo de Esculápio, e mostra, mais uma vez, que mais importante é a vida que qualquer tradição religiosa.

Esse é o nosso Negro Nazareno!

O SÁBADO

À medida que os milagres de Jesus iam se tornando conhecidos, a multidão de seus seguidores aumentava cada vez mais. Por onde andava, era seguido por milhares de pessoas. Enquanto isso, a cúpula religiosa procurava motivos para tirá-lo de cena. Sua popularidade incomodava os poderosos, tanto da classe política quanto da religiosa.

A cura do paralítico do tanque de Betesda, que aconteceu no sábado, provocou, mais uma vez, a indignação dos religiosos. Incrivelmente, em sua cegueira dogmática, os religiosos estavam mais preocupados com o sábado do que com a cura de um homem jogado em um lugar fétido, insalubre em todos os sentidos.

Na sequência, Jesus quebra a tradição do sábado pelo menos mais duas vezes, o que deixa os religiosos ainda mais enfurecidos. Nesse ponto, começam a planejar a sua morte, mas o fato de ele estar sempre acompanhado de milhares de seguidores, e cumprindo uma série de milagres que autenticavam sua messianidade dificultava as coisas para a liderança religiosa.

Ao passar por uma lavoura em pleno sábado, seus seguidores colhem grãos para comer, e Jesus é questionado, mais uma vez, sobre a tradição sabática. Ao responder, mostra que a religiosidade estava cegando de tal forma aquelas pessoas, que não conseguiam ver que a vida é mais importante que os dogmas:

O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado (Marcos 2:27 – NVI).

Nesse mesmo dia, Jesus entra em uma sinagoga e, enquanto era observado se continuaria a curar no sábado, cura um homem que tinha uma das mãos atrofiada. A insistência provocativa do Negro Nazareno tinha um caráter, claramente pedagógico, em relação à tradição religiosa. Veja que, antes de curar aquele homem, ele o coloca no meio da roda de pessoas e pergunta aos observadores:

O que é permitido fazer no sábado: o bem ou o mal, salvar a vida ou matar? (Marcos 3:4 – NVI).

O evangelista Marcos registra que, nesse momento, ao perceber como a religião tinha petrificado o coração daquelas pessoas, Jesus ficou irado e profundamente triste. Sua resposta mostra que aquela doutrina poderia ter feito sentido em algum momento da vida do povo judeu, mas, para o momento em que estavam vivendo e, principalmente, para as situações em que estava sendo aplicada, não fazia qualquer sentido.

A religiosidade, muitas vezes, nos impede de perceber que doutrinas e dogmas estão, geralmente, relacionados a uma cultura, e só fazem sentido para determinado tempo e espaço. Mudando a cultura, mudam-se os ordenamentos sobre ela. A falta de sensibilidade para perceber essas coisas petrifica o coração e nos leva a ensinar e defender coisas sem qualquer sentido. Como os religiosos da época de Jesus, podemos ser levados a defender a morte ao invés da vida, por não ter a sensibilidade necessária dada pelo Espírito Santo, que é capaz de nos fazer entender que Deus trabalha em prol da vida e não contra ela.

O SERMÃO DA MONTANHA

A multiplicação, dia a dia, do número de pessoas que o seguiam, que já chegava à casa das dezenas de milhares, levou Jesus a escolher doze dos seguidores mais próximos para serem seus auxiliares. Esses doze passariam a fazer parte do ministério de Jesus.

Logo depois de escolher os doze discípulos, Jesus faz o sermão que vai ser a base de todo o pensamento Cristão. Tudo o que pensamos sobre teologia, filosofia cristã, e mesmo sobre vivência em geral, nos remete ao Sermão da Montanha. Falando sobre ele, Mahatma Gandhi afirma que:

Se se perdessem todos os livros sacros da humanidade e só se salvasse 'O Sermão da Montanha', nada estaria perdido.

Isso mesmo! Assim como toda a Escritura converge para o Cristo, todo o ensinamento nela contido converge para o Sermão da Montanha. Ao longo da história do cristianismo, regras, dogmas e doutrinas foram extraídos de textos isolados da Bíblia, sem qualquer análise do contexto histórico e cultural, mas é neste sermão que o Negro Nazareno ensina as regras mais básicas para uma verdadeira vivência cristã.

Embora muitos pensem que Jesus estava, ali, ensinando a multidão, lendo com mais atenção o primeiro versículo do Capítulo 5 de Mateus, concluímos que, na verdade, Jesus estava ensinando aos doze sobre as multidões. O texto diz:

Vendo as multidões, Jesus subiu ao monte e se assentou. Seus discípulos aproximaram-se dele, e ele começou a ensiná-los... (Mateus 5:1-2 – NVI).

Uma das didáticas usadas pelos mestres da época para ensinar, era afastar-se um pouco da multidão. Quando o mestre fazia esse gesto, os discípulos entendiam que ele queria ensinar, então, o seguiam e se assentavam para aprender. Jesus usou essa estratégia nesse dia. As multidões, que continuavam a desenvolver a sua dinâmica ao pé da montanha, tornaram-se o objeto do ensino de Jesus aos doze.

O momento vivido na Judéia era crítico. Com a invasão romana, a crise se instala em todos os aspectos, desde o político até o moral. Jesus olha para aquela multidão de pessoas sofridas e sem esperança; exploradas e manipuladas pelos poderes político e religioso, e tira dali lições para uma vida mais leve.

Como sempre, o ensino de Jesus estava estreitamente ligado à vida e ao cotidiano. Ele tinha essa incrível capacidade de tirar da vida ensinamentos para a própria vida, traduzindo em linguagem compreensível a qualquer pessoa de qualquer classe social os questionamentos mais profundos. E foi isso que ele estava fazendo no Sermão da Montanha.

FELICIDADE X ALEGRIA

Jesus inicia o seu sermão falando de felicidade. Na verdade, a palavra grega usada nos originais é “*makários*”, que pode ser traduzida por “felicidade” ou “bem-aventurança”. Jesus traz, então, um grande paradoxo entre felicidade e alegria. Aqueles que ele aponta como “felizes”, aparentemente, eram pessoas terrivelmente infelizes. Como pode ser feliz quem chora, quem é humilhado, quem é perseguido?

Pois é, Jesus vem na contramão do senso comum. Ele vai além do que está estampado na cara das pessoas. As pessoas estavam acostumadas a associar a felicidade de alguém às suas posses ou ao seu status social; Jesus, por outro lado, declara que felizes são os pobres, os que choram as suas perdas; os que buscam a justiça, a misericórdia e a paz; os que têm corações puros e os perseguidos.

Para o Negro Nazareno, a felicidade não depende de eventos externos. Ela está plantada em corações puros que, muitas vezes, contra todas as expectativas, buscam a todo tempo o bem comum. A felicidade é um estado de espírito, um jeito de enxergar a vida. Não se pode confundir felicidade com alegria ou euforia, como diria o poeta, “rir é bom, mas rir de tudo é desespero”. Alegria e euforia são expressões superficiais, mas a felicidade vem de dentro. A alegria está ligada ao prazer, ainda que momentâneo, mas a felicidade está ligada a um estado de alma.

Vivemos em um mundo capitalista, onde o “ter” supera o “ser”. A própria teologia cristã é distorcida para favorecer a competitividade e o consumismo. Nesse contexto, o pobre é desprezado e empurrado para a marginalidade. A ideia de justiça que temos é perversa e

discriminatória. No meio de toda essa distorção de valores, a busca pela felicidade se torna uma corrida egoísta e solitária por pequenos momentos de prazer e alegria. Assim, as pessoas vão se tornando cada vez mais infelizes, com um sorriso na cara, enquanto vão morrendo por dentro.

O Negro Nazareno nos mostra que a verdadeira felicidade está no compartilhar, ainda que não tenhamos nada mais a compartilhar senão a dor e o luto. Podemos estar sendo humilhados e perseguidos, mas a companhia do Eterno e de pessoas colocadas por ele ao nosso lado nos faz atravessar esses momentos sem amargura ou desespero, porque a felicidade não está nas circunstâncias, está na alma.

SAL E LUZ

Logo depois de falar aos discípulos sobre a felicidade independente das circunstâncias, Jesus apresenta um dos trechos mais conhecidos do Sermão da Montanha. O ensinamento sobre a necessidade de ser sal e luz pode até ser um dos mais lidos pelos cristãos, mas, ainda é incompreendido por muitos. Mais uma vez, queremos chamar a atenção para a leitura contextualizada de qualquer texto bíblico. A leitura de versículos, ou mesmo capítulos isolados só serve para confundir e nos levar a conclusões equivocadas.

Falando especificamente deste texto, não podemos fragmentar o sermão de Jesus, como se ele estivesse dizendo frases soltas no ar, sem conexão entre si. O ensinamento sobre ser sal e ser luz, assim como os demais que se seguem, está ligado ao conceito de felicidade firmado por Jesus no início de sua conversa com os discípulos. Ao ensinar os discípulos que eles deveriam ser sal e luz, Jesus mostra que o fato de nossa felicidade não depender de eventos externos não deve nos tornar inerte diante dos problemas que atingem a nós mesmos ou aos que nos cercam. Ao mesmo tempo em que a felicidade não é afetada pelas circunstâncias, ela também não deve nos levar ao conformismo. Estar feliz apesar das circunstâncias não significa estar inerte diante de um quadro caótico da vida, mas ter serenidade para tentar transformar esse quadro.

Diante disso, entendemos que o que Jesus quis ensinar aos doze, e conseqüentemente à igreja, é que eles tinham o dever de ser o “start” para a transformação da sociedade. Para isso, ele usa dois elementos do cotidiano dos discípulos: o sal e a luz.

O sal era um produto de extrema importância nessa época, mas sua maior utilidade não era a de temperar alimentos, como hoje; era muito mais utilizado na conservação de alimentos, especialmente a carne. Aliás, da mesma forma que ainda é utilizado nos recantos mais remotos, onde as geladeiras ainda não chegaram. O sal era usado na carne para que ela não apodrecesse. Jesus nos mostra que o papel da igreja é inserir-se numa sociedade com potencial para o apodrecimento e, pelo simples fato de estar lá, impedir que esta sociedade apodreça. Então, ser sal tem muito mais a ver com quem você é do que com o que você fala. Também, não é ser o chato que tenta mostrar “para o mundo” que é uma pessoa diferente por fazer parte de uma igreja. O sal age de forma tão imperceptível, que só percebemos de fato sua presença quando passou do ponto. Assim, ser sal é impedir que a sociedade continue apodrecendo de um jeito tão leve que, muitas vezes, ninguém percebe que estamos agindo.

O segundo elemento usado por Jesus em seu discurso é a luz. Como já dito, Jesus usa elementos comuns e de modo tão simples, que podia ser compreendido por qualquer pessoa de qualquer classe social. Assim ele expõe seus ensinamentos:

Vocês são a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade construída sobre um monte. E, também, ninguém acende uma candeia e a coloca debaixo de uma vasilha. Pelo contrário, coloca-a no lugar apropriado, e assim ilumina a todos os que estão na casa. Assim brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem ao Pai de vocês, que está nos céus (Mateus 5:14-16 – NVI).

A luz não é agressiva. Então, ser luz não é tentar “converter” o mundo à força. O papel da luz é apenas iluminar, tornar claro o ambiente, mostrar o caminho. Outro ponto importante da luz é que ela é reflexiva. Quando somos luz, ao mesmo tempo em que tornamos tudo mais claro à nossa volta, iluminamos também a nós mesmos, de forma que as pessoas consigam ver quem realmente somos. E era isso que Jesus estava mostrando aos discípulos; iluminando a nós mesmos, permitimos que “os homens” vejam as nossas boas obras e “glorifiquem ao nosso Pai”, o Pai das luzes.

É encantador aprender com o Negro Nazareno! É maravilhoso perceber como de coisas simples do nosso cotidiano podemos tirar grandes lições!

JESUS ABOLIU A LEI

Logo depois de usar essa historinha sobre sal e luz para dar um grande ensinamento aos discípulos, Jesus começa a falar sobre a Lei. Aí, a coisa se complica, porque o versículo 17 do Capítulo 5 de Mateus, que estamos estudando, é usado pelos fundamentalistas para justificar seu fundamentalismo, dizendo que “Jesus cumpriu as leis”. Mas, vamos olhar com mais cuidado para esse versículo e, sendo repetitivo, não só para ele, mas para todo o contexto que se segue, para entendermos o que realmente Jesus queria dizer.

Um dos cuidados que precisamos ter na leitura bíblica é o de identificar as perícopes, ou seja, o trecho que encerra uma ideia. Se pegarmos apenas o versículo 17 isoladamente, prejudicamos o entendimento dessa perícopa, que vai até o final do capítulo 5, onde Jesus reinterpreta a Lei.

O termo “cumprir”, usado no versículo 17, não tem o sentido de “obedecer”, como querem os legalistas, o termo utilizado no grego é *plērōsai*, que traz a ideia de dar acabamento, concluir, encerrar. Jesus não estava dizendo que veio obedecer a Lei, mas que N’ele a Lei estava cumprida, finalizada. Em sua carta aos Gálatas, Paulo coloca isso da seguinte forma:

Assim, a lei foi o nosso tutor até Cristo, para que fôssemos justificados pela fé. Agora, porém, tendo chegado a fé, já não estamos mais sob o controle do tutor. (Gálatas 3:24-25 – NVI).

Então, o que Jesus estava dizendo aos discípulos – que ficou bem claro para Paulo – é que ninguém mais precisava da Lei. A lei cumpriu o seu papel de nos levar à uma espiritualidade adulta, por assim dizer. Podemos dizer que, em Cristo, a lei foi processada e inserida na vida, agora, não mais como uma imposição de fora para dentro, mas como parte de um processo de transformação que se inicia no interior de cada pessoa e vai contaminando, de uma forma benéfica, o ambiente, tornando o mundo um lugar melhor para se viver.

Obviamente, Jesus não pega a lei e joga no lixo, como se dela nada se aproveitasse. Ele mostra a ineficiência da lei, e como ela era um desastre total na mão dos religiosos. Podemos ver isto no versículo abaixo:

Pois eu lhes digo que se a justiça de vocês não for muito superior à dos fariseus e mestres da lei, de modo nenhum entrarão no Reino dos céus” (Mateus 5:20 – NVI).

A justiça para aqueles religiosos estava fundamentada na lei. Essa justiça discriminava pessoas, apedrejava mulheres e sustentava todo tipo de hipocrisia religiosa. Essa justiça assassinou o próprio Cristo. Por isso, Jesus pede aos discípulos que deem um *upgrade* em seu senso de justiça, abandonando a lei, em que se baseava a falha justiça dos fariseus e mestres da lei, para abraçar um novo mandamento, baseado no amor:

Um novo mandamento lhes dou: amem-se uns aos outros. Como eu os amei, vocês devem amar-se uns aos outros. Com isso, todos saberão que vocês são

meus discípulos, se vocês se amarem uns aos outros
(João 13:34-35 – NVI).

Isso é maravilhoso! O que nos identifica como discípulos de Jesus não é a obediência às leis, dogmas e regras, mas a prática do amor. É o amor que nos identifica como discípulos de Jesus e súditos do reino dos céus. É o amor que nos capacita a levar uma vida diferente, com mais beleza e mais leveza, espalhando por onde passamos os valores ensinados e vividos pelo Negro Nazareno.

JESUS REINTERPRETA A LEI

Como já dito no capítulo anterior, Jesus encerra a lei, e faz isso trazendo para si a responsabilidade de reinterpretar Moisés. Jesus mostra aos seus discípulos que a rigidez da lei de Moisés tinha impedido que ela continuasse conectada com a vida. Tudo aquilo poderia ter feito sentido no tempo de Moisés, mas não fazia mais nenhum sentido, pois tinha deixado de servir à vida, passando a trabalhar contra a vida. E vale lembrar que quando falamos de leis no contexto bíblico, estamos falando de legislação, pois trata-se de um Estado teocrático, onde não há separação entre religião e Estado, ou seja, todo pecado era uma espécie de crime.

O primeiro item da lei que Jesus resolveu tratar com seus discípulos é o “não matarás”:

Vocês ouviram o que foi dito aos seus antepassados: ‘não matarás’, e ‘quem matar estará sujeito a julgamento’. Mas eu lhes digo que qualquer que se irar contra o seu irmão estará sujeito a julgamento. Também, qualquer que disser ao seu irmão: ‘raça’, será levado ao tribunal. E qualquer que disser: ‘louco!’ corre o risco de ir para o fogo do inferno (Mateus 5:21-22 – NVI)

Aparentemente, o que vemos aqui é Jesus tornando a lei de Moisés ainda mais dura, ampliando o conceito de morte, como vai fazer também com a ideia de adultério, o que vamos ver mais à frente. Mas, na verdade, o que o negro Nazareno está fazendo, é valorizar a vida.

Os religiosos tinham transformado o mandamento em servo da religião, quando ele deveria servir à vida. Qualquer regra religiosa que toma este caminho torna-se um desastre, afastando cada vez mais o homem de Deus, mesmo que se insista em afirmar o contrário.

Antes de prosseguirmos, precisamos analisar melhor essa fala de Jesus. Em primeiro lugar, Jesus diz que aquele que irar-se contra alguém também comete assassinato. Obviamente, ele não está se referindo àquela irritação com alguém, a ira como reação natural às atitudes de alguém. Aliás, se estivesse falando disso, estaria condenando a si mesmo, pois ele mesmo ficou irado contra os mercadores do templo e, certamente, se irritou também em muitas outras ocasiões. Ele falava da ira que vai te consumindo por dentro ao ponto de te levar ao ato impensado. Jesus busca eliminar o ato pecaminoso na sua geração, antes de nascer. O que Jesus fez foi pensar não unicamente no ato pecaminoso, mas na postura, na atitude, ou falta dela, que leva ao ato. Tiago em sua carta mostra que entendeu essa lógica do pensamento de Jesus, quando diz:

Cada um, porém, é tentado pela própria cobiça, sendo por esta arrastado e seduzido. Então a cobiça, tendo engravidado, dá à luz o pecado, e o pecado, após ter-se consumado, gera a morte” (Tiago 1:14-15 – NVI).

Em seguida, Jesus usa o termo “*raqa*”. Na verdade, “*raqa*” não é uma palavra, mas sim um gesto de desprezo, um som produzido pela garganta semelhante a uma cusparada, indicando profundo desprezo por alguém. O que Jesus está dizendo, então, é que “matar” vai muito além do ato de pôr fim à vida física de alguém. Você comete o pecado de morte quando mostra desprezo pela vida de alguém. Quando você

passa por alguém que está jogado na calçada ou debaixo de uma ponte e não tem a sensibilidade de perceber que há ali um ser humano, você está cometendo assassinato.

O capitalismo tem coisificado as pessoas de tal forma que vamos nos matando uns aos outros sem mesmo perceber o que está acontecendo. Contabilizamos com facilidade as vítimas do comunismo, pranteamos os que morreram por trás das “cortinas de ferro” dos países comunistas, mas não percebemos as vítimas que o capitalismo faz todos os dias. Fazer parte dessa estrutura social assassina e, principalmente, aliar-se a ela também é pecado de morte. Matamos as pessoas quando as tornamos descartáveis, atirando-as para fora de nossas vidas. Jesus morreu lutando contra esse tipo de sistema e, como seus discípulos, cabe a nós continuar essa luta.

O segundo item da lei abordado por Jesus é o “não adulterarás”. Aqui, Jesus segue aplicando o mesmo princípio usado em sua interpretação do primeiro mandamento:

Vocês ouviram que foi dito: ‘não adulterarás’. Mas eu lhes digo: qualquer que olhar para uma mulher para desejá-la, já cometeu adultério com ela no seu coração” (Mateus 5:27-28 – NVI).

Como já foi dito, a rigidez da lei não permite uma resposta eficiente às questões fundamentais da vida. Daí a importância do Sermão da Montanha para que possamos levar uma vida digna de ser vivida. Numa sociedade dominada pelo homem, onde a mulher é nada mais do que um objeto decorativo e utilitário, a lei que aborda a questão sexual é apenas mais um instrumento de defesa da masculinidade. Basta ver

que não há na Bíblia notícia sobre apedrejamento de homens por adultério.

Quando Jesus transporta o pecado do adultério para dentro do homem, falando propositalmente do olhar do homem para a mulher, e não o contrário, ele cria um sério problema para essa sociedade machista que hipersexualiza o olhar dos homens sobre as mulheres. No entanto, não só na Bíblia, mas ao longo da história, a culpa pela cobiça sempre foi transferida para a mulher. E, hoje não é diferente, especialmente em nossas comunidades evangélicas, onde os líderes preferem criar regras para as vestes femininas para buscar um controle para a própria lascívia.

No entanto, sem deixar de lado essa questão sexual, devemos atentar melhor para o sentido das palavras “adultério” e “cobiça” usadas por Jesus. Ambas as palavras não estão relacionadas, de forma exclusiva, à sexualidade. É possível adulterar muita coisa. Pode-se adulterar um documento, a identificação de um veículo, o conteúdo de uma mensagem etc. o mesmo acontece com a cobiça. Cobiçar algo material, uma posição de destaque ou de poder, ou uma pessoa, é sempre ruim, danoso, e, geralmente, leva a um adultério, ou seja, a uma perturbação interna, que Jesus chama de “adultério no coração”.

Voltando, então, para a questão sexual, entendemos que Jesus não está condenando a atração sexual natural entre corpos, mas sim a cobiça, o querer para si alguém que não é para você; o tentar fazer valer o próprio desejo acima da liberdade alheia. Isso danifica, adultera o coração.

JESUS E O DIVÓRCIO

O divórcio é um tema difícil de ser abordado até nos dias atuais. Qualquer rompimento de relacionamento é traumático e, tratando-se de família, o rompimento é muito mais prejudicial. Por isso, devemos concordar, o divórcio é algo muito ruim. Mas há algo mais prejudicial e destrutivo que o divórcio: um casamento onde duas pessoas tentam continuar convivendo por razões religiosas, ou outra qualquer que não sejam o amor e afeto entre ambos. Muitas vezes, até o respeito entre ambos já acabou há muito tempo, os filhos vão sendo traumatizados com brigas e agressões constantes, mas as convenções religiosas, sociais ou mesmo materiais os obrigam a continuar juntos.

Como sempre, nessa questão do divórcio os fundamentalistas deixaram de analisar o contexto da fala de Jesus. Há, aqui, inclusive, mais um erro de tradução da palavra usada. Vamos analisar, com cuidado, do que Jesus está falando:

Foi dito: 'Aquele que se divorciar de sua mulher deverá dar-lhe certidão de divórcio'. Mas eu lhes digo que todo aquele que se divorciar de sua mulher, exceto por imoralidade sexual, faz que ela se torne adúltera, e quem se casar com a mulher divorciada estará cometendo adultério (Mateus 5:31-32 – NVI).

A verdade é que, em momento algum, Jesus falou de divórcio. O termo original que foi traduzido como divórcio na verdade é “repúdio”. O que Jesus estava fazendo, ali, é tentar mostrar aos discípulos que o desprezo com que a mulher era tratada na legislação judaica era algo

maligno. Jesus jamais endossou o machismo, e esse era um de seus grandes embates com os religiosos, que procuravam, em nome de Deus, reduzir a mulher à posição de objeto.

A lei do repúdio era mais uma forma de proteger o homem em uma sociedade machista. Segundo essa lei, o homem, por um motivo qualquer, podia repudiar a mulher, ficando ele livre para casar-se com outra, enquanto a mulher ficava presa a ele eternamente. A carta de repúdio, citada no texto, era algo semelhante a uma carta de alforria, já que a mulher era considerada propriedade do marido.

Ainda hoje a mulher luta para conquistar o seu lugar na sociedade. Infelizmente, as igrejas cristãs têm sido uma das maiores barreiras para o reconhecimento do valor da mulher. Versículos recortados sem nenhum contexto são usados o tempo todo para manter a mulher subjugada. É muito comum encontrarmos homens que se dizem cristãos fervorosos agredindo, e muitas vezes assassinando mulheres. Mas o Negro Nazareno jamais diminuiu a mulher, pelo contrário, tratou como igual a mulher samaritana, mostrou aos acusadores da mulher flagrada em adultério que todos estamos no mesmo nível, e agregou mulheres ao seu ministério.

A causa feminina é, também, uma causa cristã. A luta contra a violência contra a mulher começou há muito tempo com um jovem negro que ensinou os caminhos do amor. O Negro Nazareno levantou a bandeira do empoderamento feminino.

SIM, SIM

Continuando sua reinterpretação da lei mosaica, a partir do versículo 33, Jesus aborda a questão do juramento, que fazia parte da tradição judaica e passou a fazer parte da tradição cristã, mesmo contrariando o ensino do próprio Cristo. A frase “juro por Deus” é muito comum entre os cristãos, mas, como vamos ver a seguir, a questão abordada por Jesus vai muito além da frase.

O versículo 37 deste texto costuma ser muito usado de forma isolada para defender uma atitude intransigente e, como já reforçamos desde o início desse trabalho, ignorar o contexto de uma afirmação pode transfigurá-la de tal forma que o sentido dado não tenha absolutamente nada a ver com a intenção original. Em uma sociedade dinâmica, onde tudo muda o tempo todo, a flexibilidade é essencial para tornar a vida mais fácil. Ser inflexível nos impede, inclusive, de assumir os próprios erros e procurar corrigi-los. Por isso mesmo, vamos analisar toda a perícopes para vermos em que contexto Jesus usou o “sim, sim, não, não”:

Vocês também ouviram o que foi dito aos seus antepassados: ‘Não jure falsamente, mas cumpra os juramentos que você fez diante do Senhor’. Mas eu lhes digo: Não jurem de forma alguma: nem pelo céu, porque é o trono de Deus; nem pela terra, porque é o estrado de seus pés; nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande Rei. E não jure pela sua cabeça, pois você não pode tornar branco ou preto nem um fio de cabelo. Seja o seu ‘sim’, ‘sim’, e o seu ‘não’, ‘não’;

o que passar disso vem do Maligno” (Mateus 5:33-37 – NVI).

Opa! Agora a coisa ficou mais clara. Podemos entender então do que Jesus estava falando. Está claro que ele não estava falando de intransigência, mas de responsabilidade. Não jogar no colo de Deus a responsabilidade pelas suas falas. Somos humanos e falhos, mas ainda assim, responsáveis pelo nosso “sim” e pelo nosso “não”.

É muito comum vermos hoje líderes religiosos reivindicarem para si a qualidade de “homem de Deus” para dar autenticidade a suas afirmações ou posições teológicas. Essa apelação para a chancela de Deus não passa de mais uma maneira covarde de subjugar os fiéis. A busca do conhecimento de Deus é tão infinita que qualquer certeza sobre ele é mentirosa, por isso, não há qualquer espaço na teologia ou no universo cristão para a inflexibilidade.

Então, você não precisa ser aquela pessoa chata, incapaz de reconsiderar o próprio posicionamento, ou desdizer o que já disse, depois de analisar melhor uma situação. Como já dizia o poeta: “Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo”.

A religião tem essa capacidade de limitar a mente e tornar tudo rígido. A repetição de padrões que já não fazem o menor sentido é sustentada por frases soltas e palavras de efeito, sempre apelando para a chancela divina. Mas, lembre-se que Jesus esteve na contramão da religião, pregando a leveza da vida. Deus se fez homem para nos ensinar como sermos cada vez mais humanos.

AME O SEU INIMIGO

Ainda no campo da reinterpretação da lei, Jesus traz na parte final do capítulo 5 de Mateus, um dos ensinamentos mais difíceis de serem seguidos: “dar a outra face” e amar o inimigo. Nas palavras de Jesus:

Vocês ouviram que foi dito: ‘Olho por olho e dente por dente’. Mas eu lhes digo: Não resistam ao perverso. Se alguém o ferir na face direita, ofereça-lhe também a outra. E se alguém quiser processá-lo e tirar-lhe a túnica, deixe que leve também a capa. Se alguém o forçar a caminhar com ele uma milha, vá com ele duas (Mateus 5:38-41 – NVI)

Neste trecho, Jesus rebate uma das leis mais importantes, não só do código judeu, mas de todo o sistema legal da antiguidade. A lei de talião foi compilada pela primeira vez pelo rei Hamurabi, e registrada no código babilônico que levou o nome desse rei. Essa lei é encontrada na maioria dos códigos antigos, e trazia a ideia da proporcionalidade na punição de um crime. Talião está na raiz da palavra retaliação. Ou seja, a intenção da lei era fazer com que o criminoso sentisse na pele o mal infligido à vítima. Dessa forma, a pena de morte, por exemplo, era consequência natural da interpretação da lei; aquele que tira a vida de alguém deve pagar com a própria vida. Era assim que tanto os políticos quanto os religiosos da época entendiam a justiça. Por isso, lá no início de sua fala, no versículo 20, Jesus diz que, se a nossa justiça “não for muito superior à dos fariseus e mestres da lei...” não poderemos fazer parte do Reino dos céus.

Jesus apresenta uma nova forma de lidar com a violência que, mais tarde, é chamado por Gandhi de comunicação não-violenta. Assim como Jesus, Gandhi percebeu que respondendo a violência com mais violência não é possível chegar a nenhum objetivo. Uma cadeia de violência só pode ser interrompida com uma atitude não violenta, e Jesus nos convida a sermos os agentes responsáveis pela quebra destas cadeias de violência.

Na interpretação de Jesus, o que a lei de talião fazia era promover a continuidade dos processos de violência. Não se permitia a reflexão sobre a violência, apenas aplicava-se violência sobre violência, gerando cada vez mais violência. A proposta do Negro Nazareno é a interrupção do processo violento através da não-retaliação. Oferecer a outra face é deixar de retaliar, oferecendo ao violento a oportunidade de repensar a própria violência.

Apertando um pouquinho mais, Jesus ensina que precisamos amar aos nossos inimigos e orar por aqueles que nos perseguem. Vejamos:

Vocês ouviram o que foi dito: 'Ame o seu próximo e odeie o seu inimigo'. Mas eu lhes digo: Amem os seus inimigos e orem por aqueles que os perseguem, para que vocês venham a ser filhos de seu Pai que está nos céus. Porque ele faz raiar o sol sobre maus e bons e derrama chuva sobre justos e injustos (Mateus 5:43-45 – NVI)

A conclusão a que chegamos é que, desde o início dessa conversa, Jesus estava falando de amor. Porém, o amor não pode ser entendido apenas como um sentimento, mas como ação, e é exatamente disso que o negro Nazareno estava falando. Amar o inimigo é uma ação, é

uma escolha. É abrir mão do revide; deixar de reagir de forma instintiva a uma agressão ou ofensa, e, ao invés disso, tentar entender o que levou o agressor a agir daquela forma.

Vivemos em uma sociedade confusa, cheia de problemas sociais, o que, naturalmente, gera muitos conflitos. A injustiça social empurra milhões de pessoas para a periferia da vida, onde a própria batalha pela vida pode ser entendida como violência. A justiça farisaica, que não é cega, se ocupa da defesa dos poderosos, passando a ser cúmplice da opressão do pobre. Nesse cenário caótico, é fácil confundir desespero com violência e enxergar apenas o lado que mais nos interessa. Mas, aprendendo com o Negro Nazareno, podemos mostrar uma outra face: a do amor, que é capaz de interromper qualquer processo de violência.

OBRAS DE JUSTIÇA

Prosseguindo em seu sermão, Jesus passa, a partir do capítulo 6 de Mateus, da reinterpretação da Lei para a reinterpretação das tradições do judaísmo. No entanto, continua sua ideia de desconstrução da espiritualidade engessada pela religião e a reconstrução de uma espiritualidade leve e conectada à vida. Essas tradições eram uma extensão da lei mosaica, levadas tão a sério pelos religiosos quanto a própria lei. Eram também mais um instrumento de opressão do povo. Sobre isso, Jesus ataca a hipocrisia religiosa, conforme o texto de Mateus 23:4, dizendo:

Eles atam fardos pesados e os colocam sobre os ombros dos homens, mas eles mesmos não estão dispostos a levantar um só dedo para movê-los.

Esses religiosos faziam questão de praticar suas “boas obras” em público, para parecerem pessoas santas, de bem, em busca de promoção social. Jesus, então, começa esmiuçando a forma como a religião lidava com a prática das boas obras:

Tenham o cuidado de não praticar suas ‘obras de justiça’ diante dos outros para serem vistos por eles. Se fizerem isso, vocês não terão nenhuma recompensa do Pai celestial. Portanto, quando você der esmola, não anuncie isso com trombetas, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, a fim de serem honrados pelos outros. Eu lhes garanto que eles já receberam sua plena recompensa. Mas

quando você der esmola, que sua mão esquerda não saiba o que está fazendo a direita, de forma que você preste a sua ajuda em segredo. E seu Pai, que vê o que é feito em segredo, o recompensará (Mateus 6:1-4 – NVI)

Jesus inaugura no sermão da montanha uma nova dimensão da espiritualidade, que ele chama de Reino de Deus. Nessa nova espiritualidade, a motivação do ato vale tanto quanto o próprio ato, seja para o bem ou para o mal. Vemos isso quando Jesus lida, por exemplo, com a questão do adultério, ensinando que o pecado nasce na intenção do coração e não na prática do ato.

Aqui, falando de “obras de justiça”, ou boas obras, a lógica é a mesma: a motivação importa tanto quanto a prática. Enquanto ensina, Jesus vai descortinando a elite política e religiosa e mostrando a hipocrisia que havia dominado o meio religioso. O uso das Escrituras como mecanismo de opressão e controle vai sendo denunciado pelo Cristo, e um novo caminho para a libertação é apresentado. E essa é a ideia de salvação que permeia todo o discurso de Jesus; não uma salvação futura para o pós-morte, mas a salvação que vai sendo construída aqui e agora, através da interiorização do Reino de Deus; um reino que não é futuro ou em um lugar geográfico. O reino que está em nós, que é a vontade de Deus inspirando e movendo nossas “obras de justiça”. Aliás, esse discurso é totalmente coerente com a afirmação de João 8:32: “E conhecerão a verdade, e a verdade os libertará”. A lógica de Jesus é a libertação através do conhecimento da verdade. A ignorância nos expõe à opressão, e só o conhecimento da verdade tem o poder de nos libertar.

Ao tratar das obras, Jesus chama a atenção para uma pequena pergunta que cada um deve fazer a si mesmo ao se propor praticar boas obras: o que te move? Alguns são movidos pela barganha, como o político que distribui cestas básicas pensando no voto, ou o religioso que faz o mesmo para agregar mais membros; outros são movidos pela fama e promoção social, como era o caso dos religiosos da época do Cristo, e por que não, de nossa época também?! Mas, há aqueles que praticam as boas obras porque isso reflete sua mudança de mente; a mentalidade transformada pela chegada do Reino de Deus; o Reino do Amor que nos impede de fechar os olhos para a necessidade alheia.

O verdadeiro cristão pratica as boas obras, não porque tem medo do inferno e quer ir morar no céu, mas porque o Reino de Deus foi implantado em sua vida e passou a motivar todas as suas atitudes. O que não se encaixa nesse padrão é hipocrisia.

Vamos imaginar, por um momento, que não existe inferno, diabo, tormento eterno etc. você continuaria a praticar as mesmas obras que pratica? Se a resposta for “não”, você não é movido pelo Reino de Deus, mas sim pelo medo do inferno. É como aquele cidadão de bem, trabalhador e cumpridor de seus deveres que, durante uma greve das forças de segurança pública, sai para saquear uma loja de eletrodomésticos.

A proposta do Negro Nazareno é de uma salvação coletiva para o presente. O Reino de Deus em nós, nos enchendo de amor e nos motivando a espalhar o bem.

COMO ORAR?

Continuando seu projeto de reinterpretação das leis e tradições judaicas, a partir do versículo 5 do capítulo 6 de Mateus, Jesus passa a ensinar os discípulos sobre a maneira correta de orar:

E quando vocês orarem, não sejam como os hipócritas. Eles gostam de ficar orando em pé nas sinagogas e nas esquinas, a fim de serem vistos pelos outros. Eu lhes asseguro que eles já receberam sua plena recompensa. Mas quando você orar, vá para seu quarto, feche a porta e ore a seu Pai, que está no secreto. Então seu Pai, que vê no secreto, o recompensará. E, quando orarem, não fiquem repetindo a mesma coisa, como fazem os pagãos. Eles pensam que por muito falarem serão ouvidos. Não sejam iguais a eles, porque o seu Pai sabe do que vocês precisam, antes mesmo de pedirem. Vocês, orem assim: 'Pai nosso, que estás nos céus! Santificado seja o teu nome. Venha o teu Reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu. Dá-nos hoje o nosso pão de cada dia. Perdoa as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores. E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal, porque teu é o Reino, o poder e a glória para sempre. Amém. (Mateus 6:5-13 – NVI)

Quando paramos para pensar nestas palavras de Jesus, nos perguntamos: como chegamos tão longe? Como conseguimos nos

distanciar tanto dos ensinamentos do Mestre Galileu, ao ponto de estarmos praticando exatamente aquilo que ele condenava, e tudo “em nome dele”?

A religião judaica estava levando as pessoas à prática de uma espiritualidade baseada nas aparências, e isso incomodava demais a Jesus. A hipocrisia era a marca registrada da liderança religiosa da época. As sinagogas eram as vitrines onde a santidade aparente era colocada em exposição e, quando pareciam insuficientes ao desejo desenfreado de promoção social, esta exposição era levada para as esquinas, onde o povo se aglomerava por motivos diversos: negócios, entretenimento, discursos diversos etc. podemos dizer que, em nossos dias, eles saíam de suas sinagogas ou igrejas, e iam para a mídia, onde poderiam mostrar sua “intimidade com Deus” a milhões de pessoas ao mesmo tempo. Organizariam campanhas de oração com títulos chamativos a fim de atrair cada vez mais pessoas para verem as suas orações bem elaboradas. Assim agem os hipócritas, e não somos nós que estamos dizendo, Jesus disse.

Jesus nos ensina que a oração é algo íntimo, secreto, um momento entre você e Deus. Orar é fazer uma terapia com Deus. Aliás, terapia é algo que todos deveriam fazer. Na terapia, buscamos um profissional que, por muito tempo, estudou a psique e, por isso, está preparado para nos ajudar a entender o que se passa dentro de nós; nos ajuda a investigarmos a nossa própria alma em busca das soluções para questões que atrapalham a nossa caminhada. Orar é fazer isso, não com o profissional que estudou para isso, mas com alguém que criou tudo isso.

Na oração, trazemos Deus para investigar a nossa alma e nos ajudar a solucionar as nossas questões. Oração não é a busca de uma solução

pronta, de uma resposta poderosa e exata. Na oração, convidamos Deus para que seja nosso terapeuta e parceiro na solução das questões mais difíceis de nossa alma, e nos inspire novos rumos, novas atitudes, capazes de tornar a vida mais leve.

Mas Jesus chama a atenção, ainda, para outra questão da oração: ela não deve ser repetitiva. A oração é uma conversa com um Deus que é amigo, companheiro e habita em nós. Compartilhamos com ele nossas angústias, nossos medos e frustrações e ele nos ajuda a tomar o melhor caminho para tocar em frente. A repetição é inútil e pode até minar a nossa fé.

E não se diga que a oração do Pai Nosso seja oração repetitiva. Jesus não estava ali dando uma oração pronta a ser repetida, mas um modelo de oração, onde são apontados itens importantes que não podem faltar em uma oração.

Queremos realçar alguns pontos importantes neste modelo de oração:

- 1) a oração é feita no plural; “Pai nosso”. Quando nos dirigimos a Deus em busca de ajuda, nosso pensamento deve estar sempre no coletivo, no comunitário. Isso é igreja; não existe “eu igreja”, o que existe é “nós igreja”. A vida cristã é uma constante preocupação com o coletivo.
- 2) a oração é minimalista; “o pão nosso de cada dia dai-nos hoje”. O cuidado de Deus está no básico; não precisamos de grandes conquistas para autenticar nosso relacionamento com Deus.
- 3) o perdão deve fazer parte da oração. É o perdão que anula sentimentos que impedem a ação de Deus em nossas vidas. Falaremos mais sobre isso no próximo capítulo.
- 4) a oração implica no desejo de livrar-se do mal. Aqui, precisamos entender que não se trata de um mal externo, do ataque do inferno etc., mas do mal que está dentro de cada um de nós. Lembre-se, a oração é uma conversa particular entre Deus sobre coisas

que estão dentro de nós, então, “livra-nos do mal” é um pedido para que sejamos livres da nossa própria maldade, que pode contaminar a nós mesmo e aos outros. É assim que, através da oração, teremos ajuda divina para aliviar nossas cargas e desenhar novos caminhos para a vida.

COMO PERDOAR?

Perdoar não é algo fácil, assim como pedir perdão também não. Mas é uma das coisas mais importantes para tornar a vida leve, suportável. Jesus, logo depois de ter falado do perdão como parte da oração, resolveu falar um pouco mais sobre essa importante questão no ensino aos seus discípulos. Além do perdão ser parte essencial da oração, Jesus vai além e diz que o perdão de Deus é condicional. Veja o que ele diz:

Pois se perdoarem as ofensas uns dos outros, o Pai celestial também lhes perdoará. Mas se não perdoarem uns aos outros, o pai celestial não lhes perdoará as ofensas (Mateus 6:14-15 – NVI).

Sim, perdoar é muito difícil. Às vezes, parece até impossível. Há feridas causadas que se recusam a cicatrizar. Mas essa parte do ensino de Jesus não é só difícil de colocar em prática, é complicado de se entender também. Como pode um Deus de infinita graça e misericórdia não nos perdoar? Como entender esse “limite” colocado na graça de Deus?

Podemos entender, sim, que há um limite para a graça, mas não um limite colocado por Deus; esse limite só pode ser colocado por nós mesmos. O perdão é um movimento interno. O ato de perdoar faz parte do serviço sanitário que precisamos fazer cotidianamente em nosso interior, e esse serviço sanitário é feito através da oração. É por isso que o perdão está lá, como parte essencial da oração. Perdoar é algo vital para a vida do cristão. Sem o perdão, a vida se torna pesada.

Não se trata de uma “chantagem” de Deus para obrigar você a perdoar os outros. Na verdade, se você não é capaz de perdoar ao outro, também será incapaz de perdoar a si mesmo, e essa falta de perdão vai te contaminando por dentro. Alguém já disse que “deixar de perdoar é tomar veneno e esperar que a outra pessoa morra”. É isso mesmo, aquele que guarda ressentimento é muito mais prejudicado do que o que deveria ser perdoado. Perdoar é a maneira mais eficiente de higienizar a alma e tornar a vida leve.

No entanto, é preciso entender que perdoar não significa expor-se a novas agressões ou continuar a relacionar-se com uma pessoa que te causou sofrimento. O princípio aqui é o mesmo usado no ensino de Jesus sobre amar os inimigos. Assim como você não precisa transformar o inimigo em amigo para amá-lo, não é preciso conviver, ou mesmo ter uma relação de amizade com alguém, para dizer que o perdoou. O perdão é um ato de amor, que liberta tanto o perdoador quanto o perdoado.

Pedir à esposa agredida que permaneça no relacionamento tóxico, orando por anos e anos para que “Deus salve o marido agressor”, não tem nada de cristão, e nada a ver com o perdão. Esse ensinamento equivocado sobre o perdão tem levado muitas pessoas a manter relacionamentos destrutivos, por simples questão religiosa. O perdão não prende, ele liberta. O amor imposto é castigo e opressão.

No entanto, perdoar é tão importante que Jesus vai retomar esse assunto mais tarde, em um texto muito conhecido, porém usado fora do contexto. Se você é evangélico, com certeza já ouviu alguém citar Mateus 18:20 no início de algum culto para dizer que não importa a quantidade de pessoas no culto ou reunião, Jesus estará presente. Mas,

analisando todo o texto, vamos ver que Jesus não falava de culto, mas de perdão. Vejamos:

Se o seu irmão pecar contra você, vá e, a sós com ele, mostre-lhe o erro. Se ele o ouvir, você ganhou seu irmão. Mas se ele não o ouvir, leve consigo mais um ou dois outros, de modo que ‘qualquer acusação seja confirmada pelo depoimento de duas ou três testemunhas’. Se ele se recusar a ouvi-los, conte à igreja; se ele se recusar a ouvir também a igreja, trate-o como pagão ou publicano. Digo-lhes a verdade: tudo o que vocês ligarem na terra será ligado no céu, e tudo o que vocês desligarem na terra será desligado no céu. Também lhes digo que se dois de vocês concordarem na terra em qualquer assunto sobre o qual pedirem, isso lhes será feito por meu Pai que está nos céus. Pois onde se reunirem dois ou três em meu nome, ali estarei no meio deles (Mateus 18:15-20 – NVI).

Percebe como a coisa muda quando, ao invés de pegarmos uma frase isolada, lemos todo o texto? Como se percebe desde as primeiras palavras, a frase tão usada é apenas o fechamento do ensino de Jesus sobre a maneira correta de se resolver os desentendimentos.

Na verdade, Jesus continua aqui a reinterpretar a lei, citando, inclusive, um trecho de Deuteronômio 19:15, onde a lei determina que o pecado ou crime será determinado “pela confirmação de duas ou três testemunhas”. Porém, na interpretação de Jesus, o pecado é determinado não para que se busque uma punição, mas o perdão, que para ser alcançado, deve ir até às últimas instâncias.

Concluindo, o perdão de Deus é condicional, mas essa condição não é imposta por um ato externo, mas interno. É algo que se processa dentro de cada um de nós, na intimidade com o Eterno, o Pai que é parceiro na resolução de nossas questões mais complicadas. Assim como em tudo o mais, no processo de perdão, Deus não é fiscal de sua forma de agir, mas parceiro na solução de seus conflitos.

VIDA MINIMALISTA

O mundo cristão contemporâneo, fortemente contaminado pelo capitalismo, vem lançando mão de malabarismos teológicos para sustentar sua ganância desenfreada. Para isso, pinçam versículos isolados do texto bíblico, sem qualquer contextualização para fundamentar suas distorções. Mas, perguntamos, o que Jesus diria, por exemplo, da teologia da prosperidade? Onde essa ideia do possuir cada vez mais se encaixaria no discurso do Negro Nazareno? Bem, essa ideia do capitalismo é totalmente adversa à vida e ao discurso do Cristo, e sobre a teologia da prosperidade não precisamos fazer conjecturas, pois ele realmente se manifestou sobre ela quando disse:

Não acumulem para vocês tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem destroem, e onde os ladrões arrombam e furtam. Mas acumulem para vocês tesouros no céu, onde a traça e a ferrugem não destroem, e onde os ladrões não arrombem nem furtam (Mateus 6:19-20 – NVI).

Apesar de ser um conceito que só se tornou mais difundido muito recentemente, os fundamentos do minimalismo coadunam muito com as ideais do Reino de Deus, afinal, foi proposto e amplamente defendido por Jesus no sermão da montanha. Por que, então, os cristãos contemporâneos parecem andar justamente na contramão do minimalismo?

Bem, em primeiro lugar, como já vimos expondo desde os primeiros capítulos deste trabalho, este é apenas mais um ponto em que o Cristo

foi mal interpretado ou distorcido e, na maioria das vezes, por motivos nada nobres. Aliás, essa adulteração da mensagem cristã começou muito cedo. Quando Paulo escreve aos Gálatas, ele denuncia essa distorção, alertando que muita gente já tinha pegado a mensagem pregada por Jesus e transformado em “outro evangelho”.

Em segundo lugar, vivemos em uma sociedade onde a cultura do capitalismo impera de tal forma que é quase impossível pensar fora dessa caixa. A busca pelo capital é algo que vai sendo enfiado em nossas cabeças desde o dia em que nascemos. Nos alimentamos dessa cultura capitalista em casa, nas escolas, nas rodas de amigos e nas igrejas. Não tem como escapar. Nessa sociedade meritocrática, somos treinados desde pequenos a correr atrás de uma meta inalcançável. A corrida pelo sucesso material é uma corrida sem fim, onde a linha de chegada está sempre mais à frente. A sociedade capitalista vive uma grande cilada; assim que um patamar financeiro é conquistado, novos patamares financeiros são oferecidos, assim a pessoa corre sem nunca sair do lugar. O resultado dessa busca inglória é, invariavelmente, ansiedade e frustração. E Jesus alertou sobre isso:

Portanto eu lhes digo: não se preocupem com suas próprias vidas, quanto ao que comer ou beber; nem com seus próprios corpos, quanto ao que vestir. Não é a vida mais importante do que a comida, e o corpo mais importante que a roupa? (Mateus 6:25 – NVI).

É impossível conciliar essa busca desesperada pelo sucesso financeiro com a proposta de paz de espírito do evangelho de Jesus. Aliás, no versículo 24, Jesus coloca o dinheiro como uma divindade, algo que tem o poder de ser o senhor de sua vida. E ainda diz mais à frente, no versículo 32, que essa preocupação em acumular riquezas para um

conforto futuro é coisa de pagãos. Aquele que tem Deus, e não o Dinheiro, como seu Senhor, tem uma paz interior que lhe permite levar uma vida minimalista. O cristão não vive com a cabeça no passado ou no futuro, ele vive o presente; ele busca o pão que é “nosso” e que é “de cada dia”. A preocupação com o mal que pode acontecer no futuro só causa ansiedade, e nos rouba o precioso tempo de fazermos algo bom, hoje, por nós mesmos e pelos nossos semelhantes.

A mensagem do Negro Nazareno é um convite para aprendermos com as coisas simples da vida, como os “lírios do campo” e as “aves do céu”, a levarmos uma vida minimalista, desfrutando do favor do Eterno, que nos proporciona o necessário para o dia de hoje. Quanto ao amanhã, “basta a cada dia o seu mal”.

A JUSTIÇA DO REINO

Ainda dentro de sua exposição aos discípulos sobre a necessidade de se buscar uma vida minimalista, Jesus passa a falar de dois conceitos que, como muitos outros expressados na Bíblia, são muito mal interpretados pelos cristãos contemporâneos: justiça e reino de Deus. Vamos ao texto:

Busquem, pois, em primeiro lugar, o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas lhes serão acrescentadas (Mateus 6:33 – NVI)

Quando falamos do Reino de Deus precisamos, mais uma vez, contextualizar a fala de Jesus, para entendermos do que ele estava falando. Podemos fazer o exercício de imaginarmos a imagem que surgia na cabeça das pessoas que o ouviam, quando Jesus falava do reino. O que era um reino para as pessoas dessa época? Ao ouvir a palavra “reino”, as pessoas não pensavam em palácios, tronos e coroas, mas na abrangência da atuação do rei em suas vidas. O rei era a pessoa que foi colocada para cuidar e conduzir o povo. Então, quando Jesus falava em Reino de Deus, obviamente, não estava falando de um reino físico instalado em algum lugar, ou em algum momento futuro, mas da ação de Deus, ou a vontade de Deus na vida das pessoas, ou seja, o Reinado de Deus.

Mas, Jesus fala também, da justiça do Reino de Deus. Ou seja, o Reino de Deus tem o seu próprio conceito de justiça, o qual Jesus nos convida a buscar para a nossa vida. O termo “justiça”, no entanto, é muito mal interpretado, não só no ambiente religioso, mas pela sociedade como

um todo. Quando se pensa em justiça, a ideia que vem à mente é, geralmente, a punição ou a retribuição. Pensamos a justiça como uma forma de punir quem faz algo ruim, ou retribuir quem faz algo bom. Por exemplo, se a pessoa que cometeu um crime foi encarcerada, fez-se justiça; se o trabalhador recebeu seu salário no final do mês, fez-se justiça. Acontece que a justiça apresentada em alguns livros do antigo testamento, sobretudo nos profetas menores, não tem nada a ver com punição ou retribuição. A palavra hebraica traduzida por “justiça” é “tzedaka”, que seria mais bem traduzido por “justiça social”. A justiça de Deus não se baseia na punição ou retribuição, mas na restauração.

Para entendermos melhor essa justiça do Reino de Deus basta vermos na Bíblia qual seria o contrário da justiça de Deus; através do profeta Ezequiel, somos alertados da nossa responsabilidade de falar da justiça de Deus, para que a iniquidade não seja praticada. vejamos:

Semelhantemente, quando o justo se desviar da sua **justiça**, e cometer a **iniquidade**, e eu puser diante dele um tropeço, ele morrerá: porque tu não o avisaste, no seu pecado morrerá; e suas justiças, que tiver praticado, não serão lembradas, mas o seu sangue, da tua mão o requererei” (Ezequiel 3:20 – ARA).

Para o profeta, o contrário de justiça é iniquidade. Dessa forma, podemos tranquilamente afirmar que justiça é sinônimo de equidade. Equidade, por sua vez, é a busca de equilíbrio no trato social. Nesse ambiente, onde a vontade de Deus impera e a sua justiça é buscada, não é o mérito que define as pessoas, pois o mérito leva ao desequilíbrio social. Para se dar um tratamento igualitário às pessoas é

preciso deixar de lado o mérito e entender as necessidades e deficiências de cada um.

Justiça social é a principal característica do Reino de Deus. Podemos entender melhor como funciona essa justiça, ao lermos a parábola dos trabalhadores, que está no capítulo 20 de Mateus. Com palavras simples e figuras do cotidiano dos que ouvem, Jesus ensina que a justiça do Reino de Deus é baseada na restauração social e não na meritocracia. Vejamos:

Pois o Reino dos céus é como um proprietário que saiu de manhã cedo para contratar trabalhadores para a sua vinha. Ele combinou pagar-lhes um denário pelo dia e mandou-os para a sua vinha. Por volta das nove horas da manhã, ele saiu e viu outros que estavam desocupados na praça, e lhes disse: 'Vão também trabalhar na vinha, e eu lhes pagarei o que for justo'. E eles foram. Saindo outra vez, por volta do meio-dia e das três da tarde, fez a mesma coisa. Saindo por volta das cinco horas da tarde, encontrou ainda outros que estavam desocupados: 'Por que vocês estiveram aqui desocupados o dia todo?' 'Porque ninguém nos contratou', responderam eles. Ele lhes disse: 'Vão vocês também trabalhar na vinha'. Ao cair da tarde, o dono da vinha disse ao seu administrador: 'Chame os trabalhadores e pague-lhes o salário, começando pelos últimos contratados e terminando nos primeiros'. Vieram os trabalhadores contratados por volta das cinco horas da tarde, e cada um recebeu um denário. Quando vieram os que

tinham sido contratados primeiro, esperavam receber mais. Mas cada um deles também recebeu um denário. (Mateus 20:1-10 – NVI).

Com esta parábola, Jesus simplesmente nos dá todo suporte, instruções, para rejeitar essa ideia meritocrata fruto do neoliberalismo, e deixa muito claro como funciona a justiça do Reino de Deus. No Reino de Deus, justiça não é simplesmente retribuir alguém pelo trabalho realizado, ou pela quantidade que produziu, mas proporcionar às pessoas aquilo que elas necessitam para levar a vida com dignidade. A justiça do Reino não olha para o capital, mas para a pessoa. Não olha para o produto do trabalho, mas para o trabalhador.

Jesus não apenas ensinou, mas viveu esse conceito de justiça. Também, o apóstolo Paulo, em sua carta aos Romanos, destaca essa característica importante do Reino de Deus ao afirmar:

Pois o Reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, paz e alegria no Espírito Santo (Romanos 14:17 – NVI).

A preocupação com a justiça social deve ser a marca de todo aquele que se propõe a seguir o Negro Nazareno pois, em suas palavras, o sustento de cada dia depende desse cuidado social. Não faltará sustento, quando as pessoas se preocuparem mais com o “pão nosso de cada dia” e menos com o “pão meu pra todos os dias que virão”.

NÃO JULGUEM

Uma das coisas mais comuns nessa sociedade moralista em que vivemos é o julgamento do outro. Estamos o tempo todo julgando e condenando o erro alheio, enquanto fingimos que o nosso erro é mais perdoável. E isso é muito mais presente no ambiente religioso, ou seja, aqueles que dizem seguir o Cristo são, justamente, os que mais ignoram seus ensinamentos sobre o julgamento. Aqueles que deixam de olhar para os seus próprios erros para apontar os alheios, Jesus chama de hipócrita:

Não julguem, para que vocês não sejam julgados. Pois da mesma forma que julgarem, vocês serão julgados; e a medida que usarem, também será usada para medir vocês. Por que você repara no cisco que está no olho do seu irmão, e não se dá conta da viga que está em seu próprio olho? Como você pode dizer ao seu irmão: ‘Deixe-me tirar o cisco do seu olho’, quando há uma viga no seu? Hipócrita, tire primeiro a viga do seu olho, e então você verá claramente para tirar o cisco do olho do seu irmão (Mateus 7:1-5 – NVI).

A proposta do evangelho do Cristo é restaurar a humanidade decadente sem procurar culpados ou inocentes. Paulo entende essa proposta de Jesus, quando afirma em sua carta aos Romanos que “todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus”. Então, esse projeto de restauração revelado em Jesus coloca toda a humanidade em um mesmo nível de

contaminação pelo mal. Estando todos nesse mesmo nível, ninguém tem o direito de julgar o outro, sob pena de ser hipócrita.

E para deixar isso ainda mais claro, Jesus usa mais uma vez uma figura de linguagem para ilustrar a hipocrisia de quem gosta de julgar os outros. Se você está vendo um cisco no olho do outro, certamente tem uma viga no seu próprio olho. Quem vive apontando o erro alheio não entendeu nada do evangelho de Cristo; julgamentos não consertam nada. A restauração proposta pelo evangelho não é feita com dedos apontados, mas com abraços. O próprio Jesus foi acusado de ser “amigo de pecadores” por viver e ensinar isso.

Não há como ser transformado pelo evangelho sem o reconhecimento, a todo momento, de que somos, cada um de nós, os piores pecadores. Paulo coloca isso da seguinte forma:

Esta afirmação é fiel e digna de toda a aceitação:
Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os
pecadores, dos quais eu sou o pior (1 Timóteo 1:15 –
NVI).

Veja bem, eu não “fui o pior”, eu sou o pior dos pecadores. Quando Paulo faz esta afirmação, ele não está falando de seu passado de perseguidor dos cristãos, ele está falando daquele exato momento, enquanto pregava e ensinava, enquanto enfrentava surras e cadeias por causa do evangelho. Se não nos considerarmos o pior de todos os pecadores, estamos com sérios problemas espirituais e até psicológicos, pois a única pessoa que conhecemos de verdade, por inteiro, somos nós mesmos. O outro, eu conheço apenas superficialmente, mas a mim mesmo, eu conheço profundamente, cada detalhe, cada deslize. Então, para mim, os meus erros têm que ser

maiores do que os de qualquer outra pessoa, e isso é consequência natural do meu autoexame. Enquanto não entendermos isto, a mensagem do Negro Nazareno não terá qualquer efeito positivo sobre nossa vida. Enquanto continuarmos a procurar o cisco no olho alheio, a trave do nosso olho vai continuar nos cegando para a proposta de uma vida leve oferecida por Jesus.

A PORTA ESTREITA

O meio evangélico usa muito o termo “porta estreita”. Mas será que quem fala isso sabe mesmo do que está falando? Sabe do que Jesus estava falando, quando usou esta expressão? Geralmente a expressão é usada para definir igrejas que não dão maior atenção a dogmas e regras, deixando as pessoas livres para levar a vida sem estar debaixo desses dogmas. Mas do que Jesus estava falando? Lembrando que estamos, ainda, no sermão da montanha, e é dentro desse contexto que Jesus afirma:

Entrem pela porta estreita, pois larga é a porta e apertado o caminho que leva à perdição, e são muitos os que entram por ela. Como é estreita a porta, e apertado o caminho que leva à vida! São poucos os que a encontram (Mateus 7:13-14 – NVI).

Mais uma vez, a falta de contextualização leva à distorção da palavra do Cristo. Para entendermos o que é a “porta estreita”, precisamos saber do que Jesus vinha falando quando usou essa figura de linguagem. Obviamente, ele não estava falando de dogmas religiosos, pois Jesus estava exatamente na contramão do sistema religioso. Foi por suas ideias, que não se harmonizavam com as ideias dos religiosos, que ele foi perseguido e morto. Ele já vinha mostrando nesse mesmo sermão que os religiosos tinham tomado o caminho da hipocrisia e, certamente, caminhavam para a perdição, e não para a vida. Eram cegos guiando outros cegos, não tinha como terminar em um bom lugar.

O que seria, então, entrar pela porta estreita? Basta darmos uma olhada para tudo que Jesus vem ensinando no sermão da montanha, para vermos que não é nada fácil seguir esses ensinamentos. Por isso, finalizando seus ensinamentos, Jesus dá aos seus discípulos a opção de escolher seguir ou não aquilo que ele ensinou, mostrando, entretanto, que há consequências nessa escolha. Se escolhermos seguir pelo estreito caminho de tudo que ele nos ensinou, produziremos vida. Por outro lado, se escolhermos o largo e confortável caminho da vida egocêntrica, desconsiderando o próximo, produziremos perdição.

Não há qualquer segredo nisso; escolher a porta estreita é escolher ser sal da terra e luz do mundo, impedindo que a sociedade continue apodrecendo e mergulhada na escuridão; isso não é nada fácil. Amar o inimigo, orar pelos que nos perseguem, perdoar os que nos ofendem, olhar para os nossos próprios erros quando vir aquela tentação de apontar o erro alheio; tudo isso é muito estreito. Não é fácil perdoar; é muito comum encontrarmos pessoas amargas, incapazes de curar as feridas que foram feitas em sua alma, porque não conseguem entrar pela porta estreita do perdão. Muitas dessas pessoas estão em igrejas obedecendo a um amontoado de regras sem qualquer sentido, sem perceber que escolheram a porta errada: a porta que não produz vida.

E, para que ninguém fosse confundido com a distorção que fariam de tudo o que ele ensinou, Jesus conclui seu sermão fazendo um alerta contra os falsos profetas, que ele sabia que viriam:

Cuidado com os falsos profetas. Eles vêm a vocês vestidos de peles de ovelhas, mas por dentro são lobos devoradores. Vocês os reconhecerão por seus frutos. Pode alguém colher uvas de um espinheiro ou figos de ervas daninhas? Semelhantemente, toda

árvore boa dá frutos bons, mas a árvore ruim dá frutos ruins. A árvore boa não pode dar frutos ruins, nem a árvore ruim pode dar frutos bons. Toda árvore que não produz bons frutos é cortada e lançada no fogo. Assim, pelos seus frutos vocês os reconhecerão! Nem todo aquele que me diz ‘Senhor, Senhor’, entrará no Reino dos céus, mas apenas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus. Muitos me dirão naquele dia: ‘Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? Em teu nome não expulsamos demônios e não realizamos muitos milagres? Então eu lhes direi claramente: ‘Nunca os conheci. Afastem-se de mim vocês, que praticam o mal!’ (Mateus 7:15-23 – NVI)

Jesus não poderia ter sido mais claro. Não importa se estão falando do nome dele, nem se alardeiam milagres e exorcismos em nome dele. Para fazer parte do Reino dos céus é preciso ter a essência transformada pela vontade do Pai. Produzir uvas é muito natural para a videira, porque isso faz parte de sua essência; produzir figos é natural para a figueira, porque faz parte de sua essência produzir figos. Por isso, Jesus no sermão da montanha nos mostra o caminho para termos a nossa consciência transformada de acordo com a vontade de Deus, para que o reino seja implantado em nosso interior e passemos a produzir frutos que conduzem à vida, a paz, a justiça.

JESUS BEBERRÃO

Adotando uma certa lógica cronológica para tratar da vida de Jesus, logo após, lembrando que os evangelhos, assim como todo o texto bíblico, não foram escritos em ordem cronológica – logo após o sermão da montanha, ele saiu pelas cidades das redondezas ensinando e operando milagres. É nessa caminhada que ele cura o servo do centurião e ressuscita o filho da viúva da cidade de Naim. Estes fatos estão resumidos no início do Capítulo 11 do Evangelho de Mateus, que narra a consulta dos discípulos de João Batista a Jesus sobre sua autenticidade messiânica. Vamos ao texto:

Depois que terminou de instruir seus doze discípulos, Jesus saiu para ensinar e pregar nas cidades da Galileia. João, ao ouvir na prisão o que Cristo estava fazendo, enviou seus discípulos para lhe perguntarem: ‘És tu aquele que haveria de vir ou devemos esperar algum outro?’ Jesus respondeu: ‘voltem e anunciem a João o que vocês estão ouvindo e vendo: os cegos veem, os mancos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e as boas novas são pregadas aos pobres; e feliz é aquele que não se escandaliza por minha causa’ (Mateus 11:1-6 – NVI).

Faremos aqui uma breve pausa para falar dessa primeira parte do texto. João Batista estava preso e, na prisão, ouviu falar do que Jesus fazia. Então, motivado pelo que lhe falaram de Jesus, ele envia seus discípulos para perguntar a Jesus se ele seria realmente o Messias. Se

João já havia reconhecido em Jesus o Messias quando o batizou no Rio Jordão, o que ele teria, agora, ouvido sobre Jesus que o fez questionar essa autenticidade? Certamente não eram os milagres operados por Jesus, ou o texto acima e o próprio contexto da situação não faria qualquer sentido. Bem, teremos esta resposta na sequência das palavras de Jesus, que passa a falar de João Batista, após dispensar os seus emissários com a notícia de sinais que autenticavam sua messianidade.

Embora tenha questionado sua messianidade, depois de ouvir como se comportava na sociedade, Jesus não ataca a provável incredulidade de João Batista, pelo contrário, assim que os discípulos de João são dispensados, ele reafirma sua autoridade profética e ataca a sociedade influenciada pelo sistema religioso, que rejeita tanto a João quanto a ele mesmo. Vejamos:

A que posso comparar esta geração? São como crianças que ficam sentadas nas praças e gritam umas às outras: ‘Nós lhes tocamos flauta, mas vocês não dançaram; cantamos um lamento, mas vocês não se entristeceram’. Pois veio João, que jejuava e não bebe vinho, e dizem: ‘Ele tem demônio’. Veio o Filho do Homem comendo e bebendo, e dizem: ‘Aí está um comilão e bebedor, amigo de publicanos e “pecadores”’. Mas a sabedoria é comprovada por todos os seus discípulos (Mateus 11:16-19 – NVI).

Podemos ver neste texto quanto o poder da cultura religiosa tinha influenciado o próprio João Batista que, aparentemente, nada tinha de religioso. A desconstrução religiosa de João Batista tinha esbarrado em questões moralistas, sobre as quais era muito difícil detectar a influência

religiosa. Para João, Jesus estava indo longe demais. Um messias que se assentava com pecadores, não dava a mínima para práticas religiosas como o jejum, e era conhecido como bebedor, não eram situações fáceis de aceitar, até mesmo para o “estranho” João Batista.

A verdade é que aquele Cristo da Galiléia, o verdadeiro Cristo, que experimentou todas as emoções de sua humanidade, continua não sendo aceito até hoje. O negro da construção, favelado, filho do pedreiro José e da mal falada Maria, que era visto, muitas vezes, bebendo na companhia de pessoas pouco recomendáveis pelos “homens de bem”; esse Cristo foi escondido em algum canto, enterrado por uma cultura ariana, que construiu o seu próprio Cristo.

O verdadeiro Jesus não apenas bebia e festejava com os considerados pecadores. Lucas narra, na sequência do texto acima, uma cena em que Jesus permite que uma “mulher pecadora”, que podemos concluir a partir da cultura machista da época, se tratar de uma prostituta, lhe faça uma massagem com óleo perfumado nos pés e não tem qualquer problema com isso:

Convidado por um dos fariseus para jantar, Jesus foi à casa dele e reclinou-se à mesa. Ao saber que Jesus estava comendo na casa do fariseu, certa mulher daquela cidade, uma ‘pecadora’, trouxe um frasco de alabastro com perfume, e se colocou atrás de Jesus, a seus pés. Chorando, começou a molhar-lhe os pés com as suas lágrimas. Depois os enxugou com seus cabelos, beijou-os e os ungiu com o perfume. Ao ver isso, o fariseu que o havia convidado disse a si mesmo: ‘se este homem fosse profeta, saberia quem

nele está tocando e que tipo de mulher é: uma “pecadora” (Lucas 7:36-39 – NVI)

O texto está bem claro sobre o que aconteceu naquele jantar. Mas, apenas para ajudar a desfazer o nó que pode estar em cabeças influenciadas pelo fundamentalismo religioso, vale lembrar que a mesa, na Palestina do tempo de Cristo, não tem nada a ver com aquela mesa de quatro pés e rodeada por cadeiras com o que estamos acostumados. A mesa era, quando não apenas uma toalha, no máximo um tablado no chão, onde era colocada a comida e as pessoas se reclinavam para comer, como diz o texto. Aliás, seria impossível que a mulher se colocasse “atrás de Jesus” e lhe massageasse os pés em uma mesa como conhecemos hoje. Então, por mais difícil que seja para uma cabeça moralista aceitar essa realidade, aquela mulher usou a única coisa que sabia fazer, que foi ensinada, que foi construída nela, para agradar um homem, e Jesus, de bom grado, aceitou aquela massagem erótica.

Aquele fariseu que, aparentemente, tinha problemas com sua sexualidade travada, mas Jesus não. Aquela mulher ofereceu a Jesus tudo o que ela podia oferecer, e ele aceitou. A parábola que Jesus conta, enquanto a mulher continua a massagem, mostra ao fariseu o quanto a religiosidade pode enfraquecer o amor.

Esse Negro Nazareno ainda continua confundindo muitas cabeças cheias de religião e moralismo. Mas, tudo que ele pregou e viveu foi o amor; e explorou todas as emoções e paixões de sua humanidade para nos mostrar que, com amor e leveza, a vida é bem melhor.

PECADO SEM PERDÃO

Como vimos repisando desde o início, o uso de textos bíblicos isolados, sem a devida análise de qualquer contexto, tem gerado muitos conceitos errados. Alguns desses conceitos podem, e tem causado, muitas doenças psicológicas em pessoas que embarcaram nessa canoa furada do cristianismo fundamentalista. Vamos tratar aqui de um ensinamento que vem causando grande estrago na cabeça das pessoas: o “pecado sem perdão”, também conhecido como “blasfêmia contra o Espírito Santo”. Vamos analisar o texto que serve de “fundamento” a essa teologia distorcida:

Por esse motivo eu lhes digo: todo pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens, mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada. Todo aquele que disser uma palavra contra o Filho do homem será perdoado, mas quem falar contra o Espírito Santo não será perdoado nem nesta era nem na era que há de vir (Mateus 12:31-32 – NVI).

O fundamentalismo religioso criou a cultura do “pecado sem perdão”. Mesmo sem um maior esclarecimento sobre o assunto. Um certo pavor é incutido na mente dos fiéis, o que se torna mais uma ferramenta de controle e manipulação psicológica por parte das lideranças religiosas. São muitas as pessoas que acabam adoecendo psicologicamente por causa desse e de outros ensinamentos distorcidos propagados pelos fundamentalistas. O erro básico é sempre o mesmo: textos extraídos da Bíblia sem qualquer contextualização.

Vamos procurar jogar luz nesse assunto, mostrando o que os fundamentalistas acreditam a partir da fala de Jesus, e o que acreditamos estar sendo dito, a partir do contexto desta mesma fala. A partir de uma interpretação literalista acredita-se que é pregado que Jesus estava falando de um pecado que jamais seria perdoado: a blasfêmia contra o Espírito Santo. Segundo esta corrente, se alguém julgar uma “manifestação ou ato do Espírito Santo”, acusando-a de não ser autêntica, a pessoa que fez o julgamento estaria incorrendo em um pecado de blasfêmia, que seria sem perdão. A ideia é assim meio confusa mesmo, pois os próprios pregadores dessa ideia não se aventuram em explicar o assunto, já que jamais chegariam a uma conclusão minimamente coerente. Não teria como conciliar essa ideia absurda com a infinita graça de Deus, manifestada na vida e nos ensinamentos do Negro Nazareno.

Para entendermos do que Jesus estava falando, não tem nenhum segredo, basta olharmos o texto todo, e não pinçar versículos isolados. Desde o início do capítulo 12 de Mateus, Jesus está sendo observado de perto por religiosos que tentavam o tempo todo armar contra ele, tentando mostrar que a vida vale mais que o dogma. Mesmo assim, após Jesus ter curado várias pessoas, inclusive um endemoniado cego e mudo, ele foi acusado de expulsar demônios por “Belzebu, o príncipe dos demônios”.

Jesus inicia, então, um desabafo a partir do versículo 25, denunciando a incredulidade daqueles religiosos e suas consequências. A incredulidade estava cegando aquelas pessoas de tal forma que Jesus chega a dizer que, para elas não tinha jeito, não tinha perdão. Então, não se tratava de um pecado específico, mas da persistência em uma conduta equivocada de quem estava vendo que Jesus ensinava o

caminho do bem, e mesmo assim, ficava procurando maneiras de desacreditá-lo.

Aqueles religiosos tinham o poder de manipular e oprimir o povo, e não queriam de forma nenhuma abrir mão desse poder. Ao ver multidões ouvindo as palavras de Jesus, que, ignorando a lei e a tradição judaica, ensinava a partir de história cotidianas, sentiram-se ameaçados, e procuravam, de toda forma, desacreditar os ensinamentos de Jesus. As palavras de Jesus foram para estas pessoas que foram tão longe em sua ganância que poderiam acabar perdendo todas as chances de perceber que a salvação estava na simplicidade da vida. O que Jesus quer ensinar aqui é que a cegueira religiosa motivada pela ganância, pela cobiça e pela sede de poder pode levar a um caminho sem volta, pois a questão não é a impossibilidade do perdão, e sim, a falta insistente do arrependimento.

TERRA BOA

A parábola do semeador é um dos textos mais lidos da Bíblia. Porém, sem a devida interpretação, podemos perder a beleza do ensino de Jesus. Queremos reforçar aqui a necessidade de se conhecer o verdadeiro Cristo, para entender que toda essa rigidez religiosa é fruto de uma distorção que nada tem a ver com aquele Jesus negro, pedreiro, vindo de Nazaré, um lugar descreditado; filho de Maria, mulher desacreditada que, na boca do povo, teria traído o noivo José e inventado uma historinha de estar grávida do Espírito Santo. Embora Jesus fosse uma pessoa muito culta, com conhecimentos da teologia e de toda a tradição judaica, além de falar, muito provavelmente como explicamos no começo do livro, quatro línguas, ele sempre usou as coisas simples do cotidiano para ensinar. Jesus gostava de ensinar contando histórias, e elas tinham a ver com o ambiente em que viviam.

Outra coisa importante a pontuar é que as parábolas de Jesus não têm nada a ver com uma “salvação futura” ou regras religiosas; elas têm a ver com a vida e a forma que a levamos. Todo o ensino do Cristo está conectado com a vida; era da vida que ela estava tratando no sermão da montanha, e é da vida que ele tratou durante todo o seu ministério. Apesar de o próprio já ter deixado bem claro para os discípulos do que se tratava a parábola do semeador, as lentes da religiosidade, e de séculos de uma cultura que se empenha em nos afastar da simplicidade do Cristo, impedem que muitas pessoas enxerguem a realidade do ensino transmitido por esta parábola. Por isso, nos propomos revisita-la:

Então Ihes falou muitas coisas por parábolas, dizendo: ‘O semeador saiu a semear. Enquanto

lançava a semente, parte dela caiu à beira do caminho, as aves vieram e as comeram. Parte delas caiu em terreno pedregoso, onde não havia muita terra; e logo brotou, porque a terra não era profunda. Mas quando saiu o sol, as plantas se queimaram e secaram, porque não tinham raiz. Outra parte caiu entre espinhos, que cresceram e sufocaram as plantas. Outra ainda caiu em boa terra, deu boa colheita, a cem, sessenta e trinta por um' (Mateus 13:3-8 – NVI).

Basta uma breve olhada no contexto em que Jesus conta esta parábola para entendermos que ele estava falando da forma como as pessoas lidavam com aquilo que ele estava ensinando, ou seja, tudo o que ele ensinou no sermão da montanha e continuava ensinando. No versículo 19, onde Jesus começa a explicar aos discípulos o significado da parábola, ele deixa claro que a semente é a “mensagem do Reino”. Ao longo da história do cristianismo, esse “Reino de Deus”, que foi muito usado nos ensinamentos de Jesus, foi tendo o seu sentido distorcido, perdendo a sua conexão com a vida. Mas, repisando aquilo que já afirmamos antes, o reino de Deus nada mais é que a vontade plena de Deus agindo na vida. O reino de Deus é a transformação de nossa maneira de encarar a vida aqui e agora, e não uma fantasia hollywoodiana para depois da morte.

Voltando, então, à parábola. Jesus apresenta quatro tipos de terrenos, que mostram quatro tipos de reação que as pessoas podem ter ao seu ensinamento, chamado por ele de “mensagem do Reino” é comparado à semente lançada pelo semeador. A partir daí, a parábola se torna muito simples; Jesus não está apontando defeitos morais de ninguém, está

apenas mostrando que cada pessoa reage de uma forma ao receber a “mensagem do Reino”, e que nem todos estão prontos para ser multiplicadores da “semente”.

No primeiro exemplo, a malignidade rouba a mensagem recebida, por falta de um entendimento do que foi ensinado. No segundo exemplo, a euforia atrapalha o desenvolvimento do ensino recebido. Sobre o terceiro exemplo, queremos deixar aqui as palavras do próprio Cristo:

Quanto ao que foi semeado entre os espinhos, este é aquele que ouve a palavra, mas a preocupação desta vida e o engano das riquezas a sufocam, tornando-a infrutífera (Mateus 13:22 – NVI).

Jesus cita aí duas coisas que podem sufocar a mensagem do reino, impedindo que a pessoa dê frutos: preocupação da vida e engano das riquezas. Como alguém pode tentar encaixar nos ensinamentos do Negro Nazareno um evangelho que busca a prosperidade material, enquanto proporciona aos “profetas” desse evangelho totalmente distorcido uma vida nababesca, entre mansões, jatinhos e fortunas em paraísos fiscais? Seria esta a mensagem do Reino de Deus? Caso você esteja seguindo um desses lobos famintos que nunca são saciados, te convidamos a rever, urgentemente, os alicerces em que baseiam a sua fé.

Finalmente, há a semente que caiu em boa terra e deu boa colheita. E, nesse ponto, podemos observar que Jesus fala de entendimento e não de aceitação. Para ser produtivo, é preciso entender a mensagem do Reino. Só quem entende a mensagem do Reino pode ser sal da terra e luz do mundo. Só quem entende a mensagem do Reino pode ser multiplicador dos ensinamentos do Negro Nazareno.

PARA QUE SERVE A FÉ?

Depois de contar algumas parábolas, ensinando a multidão que se reunia na praia para ouvi-lo, Jesus resolve atravessar o mar da Galiléia com os discípulos. Durante a travessia, acontece o tão conhecido evento em que Jesus acalma a tempestade, narrado por Mateus da seguinte forma:

Entrando ele no barco, seus discípulos o seguiram. De repente, uma violenta tempestade abateu-se sobre o mar, de forma que as ondas inundavam o barco. Jesus, porém, dormia. Os discípulos foram acordá-lo, clamando: ‘Senhor, salva-nos! Vamos morrer!’ Ele perguntou: ‘Por que vocês estão com tanto medo, homens de pequena fé?’ Então ele se levantou e repreendeu os ventos e o mar, e fez-se completa bonança. Os homens ficaram perplexos e perguntaram: ‘quem é este que até os ventos e o mar lhe obedecem?’” (Mateus 8:23-27 – NVI).

Este é um texto muito usado para se falar de fé, e realmente ele fala desse tema. Aliás, Jesus fala de fé aos discípulos. No entanto, gostaríamos de fazer uma abordagem da fé que talvez seja diferente da que você está acostumado a ouvir. Tem se falado muito em fé, mas, para que ela serve?

Para muitos, a fé é uma ferramenta de poder, usada para mover Deus a nosso favor. Pede com fé que Deus te dá. Assim, ela é vista como uma forma de se “atingir o sobrenatural de Deus”. Mas, será que é disso

mesmo que Jesus está falando quando aborda os discípulos paralisados pelo medo, e os questiona sobre o tamanho de sua fé? É para isso mesmo que serve a fé? Para romper a barreira do natural e “rompendo em fé”, penetrar no fantástico mundo do sobrenatural? Cremos que não.

Vamos dar mais uma olhada nas palavras de Jesus aos discípulos: “por que vocês estão com tanto medo, homens de pequena fé?” O texto está muito claro; Jesus não está questionando os discípulos sobre o porquê de não terem tido fé suficiente para operar o prodígio de acalmar o vento e o mar, mas sobre o fato da fé deles ser tão pequena ao ponto de serem paralisados pelo medo. Lembrando que aqueles homens eram pessoas que viviam do mar, eram pescadores acostumados a enfrentar a fúria daquelas águas.

A fé não é um instrumento usado para tirar Deus de sua inércia. Até porque um deus que dependeria de uma “atitude de fé” para agir seria um deus muito limitado. Certamente este não é o Deus manifestado em Jesus Cristo. A ideia de um Deus utilitário nunca fez parte da mensagem do evangelho. Esse deus que fica sentado em seu trono, aguardando que a nossa “barra de poder” se encha de fé para depois agir nada tem a ver com o nosso Deus. Certamente não é para isso que serve a fé. O milagre não acontece por causa da fé, mas por causa da falta de fé. Foi isso que aconteceu naquele barco; a falta de fé dos discípulos obrigou Jesus a operar algo sobrenatural para que eles perdessem o medo.

A fé não serve para operar milagres, mas para mostrar que a vida é o milagre. A fé não serve para repreendermos o vento e o mar, mas para nos mostrar que Cristo está no barco. E, se Cristo está no barco, não há motivos para se ter medo. A fé nos dá a serenidade necessária para

enfrentar as situações difíceis. Ela nos mostra que, em todo e qualquer momento, nós podemos desfrutar da doce companhia do Eterno.

Podemos então concluir que viver uma vida de dependência de milagres não é sinônimo de fé, mas de ausência dela. Foi a ausência de fé dos discípulos que levou Jesus a fazer uma intervenção nas leis da natureza, e não a fé deles. A procura que acontece em nosso tempo por igrejas “especialistas em milagres” tem causado grande prejuízo para o verdadeiro papel da igreja no mundo. O evangelho vai se tornando cada vez mais desconectado com a vida, atendendo a interesses pessoais de lideranças não só desprovidas do caráter cristão, mas, também, cheios de ganância e prontos a promover qualquer loucura para satisfazer o próprio desejo.

Concluindo, fé é a segurança que podemos desfrutar, quando sabemos que estamos na companhia de quem é o criador da natureza e de suas leis, e não o poder a ser usado para fazer coisas que estão além da ordem natural da criação. A fé nos leva a uma vida responsável e sem medo, não a uma vida de dependência de milagres.

PORCOS AO MAR

Do outro lado do mar da Galileia, fica a província dos gadarenos, onde Jesus encontra um homem perturbado e o liberta, provocando a morte de uma manada de porcos como “efeito colateral”. Esse evento desperta a nossa curiosidade por diversos motivos. Mas, antes de discorrermos sobre eles, vamos ao texto:

Quando ele chegou ao outro lado, à região dos gadarenos, foram ao seu encontro dois endemoninhados, que vinham dos sepulcros. Eles eram tão violentos que ninguém podia passar por aquele caminho. Então eles gritaram: ‘Que queres conosco, Filho de Deus? Vieste aqui para nos atormentar antes do devido tempo?’ A certa distância deles estava pastando uma grande manada de porcos. Os demônios imploravam a Jesus: ‘Se nos expulsas, manda-nos entrar naquela manada de porcos’. Ele lhes disse: ‘Vão!’ Eles saíram e entraram nos porcos, e toda a manada atirou-se precipício abaixo, em direção ao mar, e morreu afogada (Mateus 8:28-32 – NVI).

A primeira coisa que podemos perguntar ao ler esta narrativa dos evangelhos é: era um ou dois os endemoninhados? No evangelho de Mateus lemos dois, Marcos diz que era apenas um. Quem está certo?

A narrativa bíblica não é isenta de erro, e isso é mais um motivo para termos o cuidado de jamais usar um texto sem a devida

contextualização. A Bíblia foi escrita por pessoas que contavam histórias e expunham seus pontos de vista, incluindo aí suas percepções sobre Deus. Cada evangelista colocou no texto aquilo que viu ou ouviu de testemunhas. Assim, é natural que haja divergências entre as escritas, o que não reduz a importância do texto, desde que saibamos aproveitá-lo. Na verdade, não importa se eram um ou dois os homens oprimidos, pois há coisas muito mais importantes nesta narrativa do que os “endemoninhados”.

A segunda coisa que nos chama a atenção nesse texto, mas passa despercebido por muita gente, é o fato de que os gadarenos cuidavam de porcos. Embora Gadara ficasse na periferia da Judéia, os gadarenos eram judeus, e aqueles judeus estavam apascentando porcos, considerado na tradição judaica um animal imundo. Sabemos que o judeu não pode comer e nem mesmo tocar em porcos. Então, o que teria levado aqueles judeus a lidar com porcos, contrariando a tradição e a religião?

Analisando o contexto histórico e geográfico com a ajuda, inclusive, da arqueologia, vamos descobrir que Gadara estava situada em uma região montanhosa. As legiões romanas costumavam instalar-se nestas montanhas, de onde tinham maior controle sobre toda a região. Segundo a arqueologia, uma insígnia romana com a imagem de um porco teria sido encontrada naquela região. Parece não haver outro motivo para que os romanos usavam o porco como mascote de uma legião senão com o objetivo de afrontar os judeus. Indo mais além em sua afronta, aquelas tropas ali instaladas teriam obrigado os moradores daquela aldeia a criar porcos para alimentar as tropas romanas. Os judeus não se alimentavam de porcos, mas os romanos sim.

Vemos, então, que havia uma opressão naquele vilarejo que pesava, não sobre um ou dois homens, mas sobre toda aquela comunidade. Os judeus daquele lugar estavam sendo obrigados a quebrar uma de suas regras mais sagradas. É difícil imaginar o tamanho do estrago que isso fazia na cabeça daquelas pessoas, ao conviver diariamente com a destruição de sua cultura e profanação de suas tradições. Então Jesus chega e expulsa um demônio que se identifica como “legião”. Percebe a curiosidade?

Nós, cristãos da modernidade, temos uma tendência de levar tudo para o campo da metafísica, e isso, muitas vezes, prejudica o entendimento do texto bíblico. Que tal sairmos um pouco desse campo sobrenatural, e buscarmos entender melhor o que aconteceu aqui? Quem oprimia aquela comunidade? Por que Jesus permitiu aquele suicídio coletivo dos porcos?

Legião era o nome dado a um certo número de soldados encarregados de determinada missão. Então, o que Jesus estava fazendo ali é libertar aquela cidade da opressão de um inimigo representado pela legião. E ele faz isso jogando os porcos que iriam alimentar a “legião” no mar. Tanto é verdade, que isso causou uma preocupação tão grande nas pessoas daquele lugar, que eles pediram, depois desse evento, que Jesus saísse dali, pois certamente teriam problemas com os romanos.

Não sabemos qual foi o desfecho dessa história, afinal, não vamos encontrar na Bíblia respostas para tudo. Mas de uma coisa sabemos: o Negro Nazareno procurou trazer libertação onde quer que o povo se achasse oprimido pelo poder político.

MENSTRUÇÃO MALDITA

Saindo de Gadara Jesus atravessa novamente o Mar da Galileia e continua a ensinar pelas cidades. Dessa caminhada, gostaríamos de abordar o tão conhecido episódio em que a mulher do fluxo de sangue toca em Jesus e é curada. Vamos ver, então, essa narrativa contada por Marcos:

Então chegou ali um dos dirigentes da sinagoga chamado Jairo. Vendo Jesus, prostrou-se aos seus pés e lhe implorou insistentemente: ‘Minha filhinha está morrendo! Vem, por favor, e impõe as mãos sobre ela, para que seja curada e viva’. Jesus foi com ele. Uma grande multidão o seguia e o comprimia. E estava ali certa mulher que havia doze anos vinha sofrendo de uma hemorragia. Ela padecera muito sob o cuidado de vários médicos e gastara tudo o que tinha, mas, em vez de melhorar, piorava. Quando ouviu falar de Jesus, chegou-se por trás dele, no meio da multidão, e tocou em seu manto, ‘porque pensava: ‘se eu tão somente tocar em seu manto, ficarei curada’. Imediatamente cessou sua hemorragia e ela sentiu em seu corpo que estava livre de seu sofrimento. No mesmo instante, Jesus percebeu que dele havia saído poder, virou-se para a multidão e perguntou: ‘Quem tocou em meu manto?’ (Marcos 5:22-30 – NVI).

Nesse episódio, certamente a angústia de Jairo durante a longa caminhada até sua casa e, principalmente, a interrupção da caminhada, para que Jesus fizesse uma pequena encenação ao ser tocado pela mulher, daria uma bela pregação. Mas, queremos focar naquela mulher que, há doze anos, menstruava sem parar. Apesar das milhares de pregações cheias de emoção mostrando sua libertação, acreditamos que muitos aspectos do sofrimento daquela mulher passam despercebidos por muita gente. Para entendermos o tamanho dos problemas que ela enfrentava, precisamos mergulhar na cultura do tempo e do espaço geográfico em que ela vivia.

Na tradição judaica, e em obediência à lei de Moisés, a mulher durante a menstruação era considerada imunda. Essa condição ia muito além de simples higiene, quando alguém era considerado imundo, era colocado em total isolamento, e aquele que tocasse nessa pessoa se tornava igualmente imundo, e era obrigado a ir até o sacerdote e fazer um ritual de purificação. Acontece que as mulheres, de modo geral, passavam por isso durante cinco ou seis dias no mês; aquela mulher estava nessa condição havia longos doze anos. Havia doze anos que ela não podia tocar alguém, nem ser tocada. Não podia relacionar-se sexualmente, nem abraçar alguém, sua vida social era restrita. O sofrimento psicológico daquela mulher certamente era muito maior que o sofrimento físico.

Reunindo toda a coragem, a mulher entra no meio da multidão, chega por trás de Jesus e toca em seu manto. E é aqui que percebemos que Jesus fez muito mais do que curar a mulher. Até porque a cura física não significaria, pelo menos a curto prazo, o fim de seu sofrimento. Quanto tempo levaria para que as pessoas que a conheciam descobrissem, e acreditassem na sua cura, de forma que pudessem

voltar a se relacionar com ela? Por quanto tempo mais ela seria considerada imunda, mesmo tendo cessado a sua hemorragia?

Ao parar para conversar com aquela mulher diante de toda a multidão, o Negro Nazareno estava fazendo muito mais do que curar fisicamente a mulher; ele estava fazendo um belo trabalho de inclusão social da mulher. Ela estava sendo trazida de volta à sociedade, aos relacionamentos e aos abraços. Todo o isolamento social, os olhares desconfiados, as pessoas fugindo de seu contato acabava ali, naquele encontro com Jesus. O encontro com Jesus não te afasta das pessoas, pelo contrário, te deixar apto a relacionar-se, sem restrição, com as pessoas é especialidade do Negro Nazareno. A filha de Jairo foi ressuscitada, mas aquela mulher recebeu algo muito maior; ela voltou a viver, e isso ela não fazia havia doze anos.

ORE E FAÇA

Já falamos em outros capítulos sobre a oração, inclusive dissertamos sobre o ensino de Jesus acerca da oração. Mas, nesse capítulo vamos encontrar Jesus mostrando na prática aos discípulos como ela funciona. O capítulo 9 de Mateus termina com a célebre observação de Jesus sobre “a seara e os ceifeiros”. Mas, sempre preocupados com a importância que tem o contexto, temos que entender que, aqui, a divisão dos capítulos acabou prejudicando a leitura como deveria ser feita; o início do capítulo 10 é a continuidade da conversa entre Jesus e os doze. Vamos ao texto:

Então disse aos seus discípulos: ‘A seara é grande, mas os trabalhadores são poucos. Peçam, pois, ao senhor da seara que envie trabalhadores para a sua seara’. Chamando seus doze discípulos, deu-lhes autoridade para expulsar espíritos imundos e curar todas as doenças e enfermidades” (Mateus 9:38-39; 10:1 – NVI).

Podemos dividir esse texto em três fases. Na primeira fase, Jesus constata o problema: a seara é grande e os trabalhadores são poucos. Na segunda fase, Jesus convoca os discípulos a orar a Deus, pedindo auxílio na solução do problema. Na terceira fase, Jesus entra em ação, delegando tarefas aos doze, e dando a eles autoridade, em busca da solução do problema constatado. Ao delegar autoridade aos discípulos, Jesus não deixa qualquer brecha para o egocentrismo, mostrando que o evangelho é compartilhar, inclusive, autoridade. Precisamos uns dos outros e, ao mostrar a sua dependência de seus amigos para a

continuidade de seu ministério, Jesus deixa claro que essa deve ser a cultura do evangelho.

Embora já tenhamos falado disso antes, queremos aproveitar esse texto para reafirmar que a oração não é um simples ato de pedir a Deus a solução de determinado problema. A oração tem um propósito terapêutico que nos prepara para buscar com serenidade o melhor caminho para a solução do problema. É o convite para que Deus seja nosso parceiro na busca da melhor saída de uma situação desconfortável. Por isso, não faz qualquer sentido a oração sem uma ação subsequente.

Assim como o próprio evangelho, a oração precisa ir além das palavras. O apóstolo Tiago faz uma reflexão sobre fé e obras que tem tudo a ver com oração e ação. Vejamos:

De que adianta, meus irmãos, alguém dizer que tem fé, se não tiver obras? Acaso a fé pode salvá-lo? Se um irmão ou irmã estiver necessitando de roupas e do alimento de cada dia e um de vocês lhe disser: 'Vá em paz, aqueça-se e alimente-se até satisfazer-se', sem, porém, lhe dar nada, de que adianta isso? (Tiago 2:14-16 – NVI).

Orar por alguém que esteja passando por dificuldades sem procurar caminhos para amenizar as dificuldades da pessoa, é falar no vazio; essa oração não vai chegar até Deus. A oração não serve para mover a mão de Deus em socorro de alguém, mas para mover a nós movermos na direção do necessitado. A própria ideia de Deus não faz qualquer sentido fora dos relacionamentos. Então, a conclusão lógica é que através da oração nós abrimos espaço para que Deus aja através de

nós na busca da solução dos problemas, sejam os nossos ou dos outros.

Orar e fazer são coisas que estão interligadas. Isso parece frase de efeito, mas oração sem ação não é oração. Se a oração não nos move na busca de estratégias para a solução dos problemas que enfrentamos na vida, ela não serve para nada. Esta é a lição que Jesus ensina aos seus discípulos nesse texto: ore, e então faça; esteja sempre pronto a delegar e compartilhar.

A VOZ PROFÉTICA

O capítulo 14 de Mateus narra a morte de João Batista, executado por Herodes, depois de uma trama elaborada por Herodias, a mulher que ela havia tomado de seu irmão. Conforme descrito por Mateus:

Por aquele tempo Herodes, o tetrarca, ouviu os relatos a respeito de Jesus e disse aos que o serviam: ‘Este é João Batista; ele ressuscitou dos mortos! Por isso estão operando nele poderes miraculosos’. Pois Herodes havia prendido e amarrado João, colocando-o na prisão por causa de Herodias, mulher de Filipe, seu irmão, porquanto João lhe dizia: ‘Não te é permitido viver com ela’. Herodes queria matá-lo, mas tinha medo do povo, porque este o considerava profeta. No aniversário de Herodes, a filha de Herodias dançou diante de todos, e agradou tanto a Herodes que ele prometeu sob juramento dar-lhe o que ela pedisse. Influenciada por sua mãe, ela disse: ‘Dá-me aqui, num prato, a cabeça de João Batista’. O rei ficou aflito, mas, por causa do juramento e dos convidados, ordenou que lhe fosse dado o que ela pedia e mandou decapitar João na prisão (Mateus 14:1-10 – NVI).

Apesar de muitas pessoas hoje intitulem-se “profetas”, como um título, um cargo, uma “unção”, o que temos hoje são vozes proféticas, que independente de seu “cargo” na igreja, ou até mesmo de sua crença, podem atuar como uma voz profética de denúncia, e o que queremos

expor aqui é o papel dessa voz profética, a partir da história de João Batista.

Em primeiro lugar, entendemos que a voz profética não está, necessariamente, dentro de igrejas ou sinagogas. Nenhum dos profetas bíblicos tiveram suas profecias restritas a grupos religiosos. Pelo contrário, alguns eram perseguidos por sacerdotes alinhados a governantes que eram denunciados por suas profecias. Vemos isso em Jeremias, Elias, o próprio João Batista e muitos outros.

Em segundo lugar, entendemos que a voz profética não tem como objetivo expor “pecados escondidos” dos membros de uma comunidade religiosa, mas denunciar a injustiça onde quer que ela esteja. Por esta razão, os governantes eram o principal alvo dos profetas, e mesmo quando essa profecia era dirigida ao povo, o objetivo era denunciar um desvio de conduta que nada tinha a ver com uma postura religiosa. Ao afastar-se de Deus, o povo começava a praticar o que a Bíblia chama de iniquidade. Iniquidade é o oposto de equidade, ou seja, se equidade é sinônimo de igualdade social, iniquidade é o conjunto de práticas que leva à desigualdade social, é deixar de tratar o outro como gostaria de ser tratado, ou tratar diferentemente as pessoas com base em seus próprios interesses. Então, iniquidade não é a quebra de uma regra religiosa, mas de uma regra social. É essa a denúncia feita pelo profeta Isaías logo no início de seu livro:

o boi reconhece o seu dono, e o jumento conhece a manjedoura do seu proprietário, mas Israel nada sabe, o meu povo nada compreende. Ah, nação pecadora, povo carregado de iniquidade! Raça de malfeitores, filhos dados à corrupção!... (Isaías 1:3-4^a – NVI).

O profeta começa denunciando a falta de conhecimento do povo. Aquele povo não conseguia discernir qual era a vontade de Deus. Não entendiam que a vontade de Deus era social e não religiosa. Isso fica bem mais claro alguns versículos adiante quando o profeta expõe:

Parem de trazer ofertas inúteis! O incenso de vocês é repugnante para mim. Luas novas, sábados e reuniões! Não consigo suportar suas assembléias cheias de iniquidade. Suas festas da lua nova e suas festas fixas, eu as odeio. Tornaram-se um fardo para mim; não as suporto mais! Quando vocês estenderem as mãos em oração, esconderei de vocês os meus olhos; mesmo que se multipliquem as suas orações, não as escutarei! As suas mãos estão cheias de sangue! Lavem-se! Limpem-se! Removam as suas más obras para longe da minha vista! Parem de fazer o mal, aprendam a fazer o bem! Busquem a justiça, acabem com a opressão. Lutem pelos direitos do órfão, defendam a causa da viúva (Isaías 1:13-17 – NVI)

Como podemos ver, os rituais religiosos do povo de Israel iam muito bem. Estavam cumprindo tudo direitinho, e na cabecinha sem entendimento sequer do papel de Deus na vida, pensavam que estavam deixando Deus muito feliz. O povo não percebia que toda aquela religiosidade só estava servindo de camuflagem para o seu desvio de caráter. Eles achavam possível um relacionamento vertical com Deus. Mas Deus, que é amor, não faz qualquer sentido fora dos relacionamentos humanos. Isaías, então denuncia a opressão e o desprezo com o cuidado com os desamparados, aqui representados

pelos órfãos e pelas viúvas. Seja ela direcionada ao povo ou aos governantes, a voz profética denuncia, especialmente, a injustiça social.

Finalmente, a voz profética não tem cor, religião ou gênero. Ela pode ser cristã, atea, budista, muçulmana, espírita, negra, branca, amarela, indígena, masculina, feminina ou LGBTQIA+; se ela denuncia aquilo que Deus abomina (opressão, injustiça social e hipocrisia religiosa), ela é a voz de Deus. A voz profética está em todo aquele que está disposto a se expor à perseguição e até mesmo à morte para denunciar a injustiça. E muitas vozes proféticas foram, realmente, caladas pela morte por aqueles que não estavam dispostos a mudar sua postura de opressão dos desfavorecidos e injustiça social. Foram muitas as vozes proféticas que perderam a vida por suas denúncias, mas apenas para citarmos algumas delas: João Batista, Hipátia de Alexandria, Steve Biko, Martin Luther King e Marielle Franco. Viveram em países diferentes, em épocas diferentes, tinham religiões diferentes, gênero ou orientação sexual diferentes. O que, então, havia em comum entre eles? Eram vozes que denunciavam a injustiça e foram tragicamente caladas.

ALIMENTANDO 15 MIL

Neste capítulo, queremos te convidar a lançar um novo olhar sobre um milagre de Jesus que você certamente, assim como nós, já ouviu dezenas ou centenas de vezes. Mas, quando a nossa mente é treinada para focar em coisas extraordinárias, as lições que Jesus tenta nos deixar através dos sinais que operava passam despercebidas. Precisamos entender que Jesus não veio nos falar de um mundo à parte, onde as pessoas possuem superpoderes, e realizam feitos fantásticos. Isso é coisa de cinema; Superman, Lanterna Verde, Liga da Justiça. Tudo isso é muito bom para o nosso entretenimento. Mas Jesus veio falar de vida; tudo que ele falava ou fazia tinha a ver com a vida. Ele veio “buscar e salvar o que se tinha perdido”. A humanidade estava perdendo a capacidade de perceber as pequenas coisas que eram essenciais à vida, como o compartilhar, que tinha sido engolido pela cultura do egoísmo. Falaremos, aqui, do ensinamento contido na multiplicação dos pães, que nos passa despercebido. Vejamos o texto:

Ao cair da tarde, os discípulos aproximaram-se dele e disseram: ‘Este é um lugar deserto, e já está ficando tarde. Manda embora a multidão para que possam ir aos povoados comprar comida’. Respondeu Jesus: ‘Eles não precisam ir. Deem-lhes vocês algo para comer’. Eles disseram: ‘Tudo o que temos aqui são cinco pães e dois peixes’. ‘Tragam-nos aqui para mim’, disse ele. E ordenou que a multidão se assentasse na grama. Tomando os cinco pães e os dois peixes e, olhando para o céu, deu graças e partiu

os pães. Em seguida, deu-os aos discípulos, e estes à multidão. Todos comeram e ficaram satisfeitos, e os discípulos recolheram doze cestos cheios de pedaços que sobraram. E os que comeram foram cerca de cinco mil homens, sem contar mulheres e crianças (Mateus 14:15-21 – NVI).

Não sei quantas vezes ouvi falar, e falei também, desse milagre como o “milagre da multiplicação de pães”. Você também deve ter ouvido falar dele dezenas ou centenas de vezes. Mas não queremos falar do milagre da multiplicação. Para nós, o milagre que aconteceu ali foi o milagre do compartilhamento; o milagre do amor. Muitas vezes, atraídos pelo extraordinário, deixamos de olhar para os milagres que Deus opera no cotidiano usando coisas e pessoas comuns. Por isso, propomos esse olhar para a simplicidade da vida e então, que a partir dessa simplicidade você possa perceber o verdadeiro milagre. Aliás, foi essa a proposta do Cristo ao nos convidar a “olhar os lírios do campo e as aves do céu”. A mensagem de Jesus é esse convite para se perceber a beleza da vida; o extraordinário desabrochar de uma flor pode tornar-se ordinário pela convivência, mas jamais perde a sua beleza.

Será que não estamos deixando de viver e ser o milagre só porque nossa cabeça está cheia de cálculos? Talvez tenhamos que desaprender a aplicar a matemática na vida, pois a vida é humana e não exata. Nós calculamos tudo. Calculamos o grau de importância que teremos no Reino dos Céus e a distância de Deus em que nos assentaremos; calculamos a distância em que teremos que carregar o “próximo” que está ferido à beira do caminho, e o gasto que vamos ter para acomodá-lo em uma “estalagem”; contabilizamos os pecados dos

outros e calculamos quantas vezes devemos perdoá-los; calculamos o valor de nossa contribuição e o tamanho do retorno que vamos receber de Deus. Mas o coração não calcula nada; o coração só sabe compartilhar.

Olhamos para esse texto e, imediatamente, pensamos em multiplicação. Isso acontece porque, em algum momento, permitimos que a razão ofuscasse as coisas que são próprias do coração. Doar, doar-se e compartilhar são ações de um coração que vive em um ambiente sem matemática. Um ambiente onde nada se transforma em número, mas tudo se transforma em amor.

O que aprendemos com esse sinal operado por Jesus é que, não importa se temos muito ou pouco, sempre temos a oportunidade de compartilhar. O milagre começa a acontecer quando alguém se propõe a desprender-se do pouco que tem para que outros possam alimentar-se. Não existem aqueles que podem e os que não podem doar, o que existe são pessoas que permitiram que essa cultura capitalista e consumista fizesse secar seus corações, levando-os a uma vida de apego a suas posses, sejam elas grandes ou pequenas. Mas existem também aqueles com corações generosos, inundados de amor ao próximo, e esses são capazes de acreditar que os cinco pães e dois peixes que serviria para alimentar sua família, pode alimentar outros também.

Mas, se você ainda não entendeu o que Jesus estava fazendo ali, você não está sozinho. Muita gente daquela multidão, podemos dizer que a grande maioria, também não entendeu nada; tudo que conseguiram perceber foi o pão sendo multiplicado e matando a sua fome. Jesus, para eles, era o grande provedor. Para que dar duro o dia inteiro para ganhar o pão de cada dia, se tinham Jesus, que multiplicava o pão?

Logo após alimentar essa multidão, Jesus atravessa o mar da Galileia andando e, depois de dar um susto nos discípulos que atravessavam o mar de barco, chegaram do outro lado, a uma cidade chamada Genesaré, onde certamente a fama de Jesus já havia chegado. Naquela cidade aconteceu algo muito interessante, um movimento solidário. Vejamos o que diz Mateus sobre o povo de Genesaré:

Depois de atravessarem o mar, chegaram a Genesaré. Quando os homens daquele lugar reconheceram Jesus, espalharam a notícia em toda aquela região e lhe trouxeram os doentes. Suplicavam-lhe que apenas pudessem tocar na borda do seu manto; e todos os que nele tocaram foram curados (Mateus 14:34-36 – NVI).

Aquela era uma comunidade solidária, eles se preocupavam com os seus doentes, organizando na praça da cidade um evento onde o maior número de pessoas pudesse ser curado. Aquelas pessoas não estavam olhando para o próprio umbigo, eles eram capazes de enxergar a necessidade do próximo.

Enquanto isso, a multidão que seguia a Jesus atrás de pão chegou do outro lado do mar, à procura de mais comida, ou qualquer outro milagre. Para entendermos melhor a lição que o Negro Nazareno dá na multidão, nos discípulos mais próximos e nas igrejas populistas de nosso tempo, vamos continuar essa história, através da ótica do Evangelista João, que narra assim:

Quando a multidão percebeu que nem Jesus nem os discípulos estavam ali, entrou nos barcos e foi para Cafarnaum em busca de Jesus. Quando o

encontraram do outro lado do mar, perguntaram-lhe: ‘Mestre, quando chegaste aqui?’ Jesus respondeu: ‘A verdade é que vocês estão me procurando, não porque viram os sinais miraculosos, mas porque comeram os pães e ficaram satisfeitos. Não trabalhem pela comida que se estraga, mas pela comida que permanece para a vida eterna, a qual o Filho do homem lhes dará. Deus, o Pai, nele colocou seu selo de aprovação’ (João 6:24-27 – NVI).

Podemos entender, a partir desse texto, que andar atrás de Jesus não significa seguir a Jesus. Aquela multidão andava atrás de Jesus, mas ficou bem claro que não entendia nada do que ele ensinava. Por outro lado, a comunidade de Genesaré que não corria atrás de Jesus, já havia incorporado em sua comunidade valores que ele ensinava, como amor ao próximo, espírito solidário. Nos versículos seguintes, vamos perceber que, ao ver aquela multidão chegando, Jesus não ficou feliz e empolgado com o “crescimento de sua igreja”. Pelo contrário, ele experimenta um sentimento de frustração com a multidão que não conseguia perceber que ele tinha muito mais a oferecer do que milagres. Jesus percebeu, naquele momento, que precisava desconstruir o pensamento coletivo sobre ele. E desconstruir um pensamento enraizado numa sociedade sempre causa traumas, por isso requer coragem. Ele sabia que poderia espantar a multidão e ficar só, mas preferiu estar acompanhado de algumas pessoas que procuravam entender a sua mensagem, do que ser seguido por milhares que tinham sido cegadas pelo próprio egoísmo, tornando-se incapazes de entender que “o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, paz e alegria no Espírito Santo” (Romanos 14:17).

A discussão que aquelas pessoas iniciam com Jesus não deixa nenhuma dúvida sobre o seu caráter. Eles não conseguiam pensar uma espiritualidade sem sinais miraculosos, por isso perguntaram: “Que sinal miraculosos mostrarás para que creiamos em ti? Que farás?”. Obviamente a questão ali não era o sinal miraculoso, pois este eles tinham acabado de ver. Eles não estavam preocupados com sinais que comprovariam a messianidade de Jesus, mas em “milagres” que lhes trariam algum benefício imediato. Na sequência, só para não falar diretamente a Jesus: “continue nos dando pão para comer e, então, nós acreditaremos em você”. Eles dão a pista do que pretendem, falando do maná que alimentou o povo de Israel no deserto. Era uma forma de dizer que não estavam pedindo nenhum absurdo, já que Deus já tinha feito isso antes.

Reafirmando, então, Jesus percebeu que aquele era o momento de mostrar que ele não era um simples milagreiro; que a vida é mais que provisão. E seu discurso é daqueles que muitos líderes de nossos dias chamariam de “desastre total”. Ele simplesmente espantou a galera toda. Ele começa o discurso de forma leve, falando de um “pão que desceu do céu para dar vida ao mundo”. Mas, quando a resposta do povo – “... dá-nos sempre desse pão” – mostra que eles continuavam não entendendo do que ele falava, ele passa a “pegar pesado”:

...eu lhes digo a verdade: se vocês não comerem a carne do Filho do homem e não beberem o seu sangue, não terão vida em si mesmos. Todo aquele que come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia. Pois a minha carne é verdadeira comida e o meu sangue é verdadeira bebida. Todo aquele que come a minha

carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele. Da mesma forma como o Pai que vive me enviou e eu vivo por causa do Pai, assim aquele que se alimenta de mim viverá por minha causa. Este é o pão que desceu do céu. Os antepassados de vocês comeram o maná e morreram, mas aquele que se alimenta deste pão viverá para sempre (João 6:53-58 – NVI).

Qualquer pessoa sensata ouvindo esse discurso diria que Jesus pirou de vez. Esse negócio de comer a carne e beber o sangue de alguém foi demais para aquela gente. Jesus tinha entrado em um campo que estava muito distante do entendimento daquelas pessoas. Eles estavam acostumados a ter uma relação de troca com Deus. Ofereciam adoração para receber provisão, e sacrifícios para receber perdão. Jesus estava oferecendo um relacionamento diferente com Deus, baseado na comunhão. Eles não eram capazes de compreender as coisas do Espírito, de que Jesus falava. Sabiam tudo de religião, e nada de espiritualidade.

Como era de se esperar, Jesus foi abandonado. A igreja de quase 20 mil membros estava agora resumida aos doze apóstolos. Hora de desistir? Mudar o discurso e começar a pegar mais leve? Nada disso. Jesus vai além e resolve testar, também, o pequeno grupo que lhe restou, perguntando se eles também não queriam ir embora. Pedro, então, mostra que para aquele pequeno grupo, o discurso de Jesus fazia todo o sentido, respondendo:

Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras de vida eterna. Nós cremos e sabemos que és o Santo de Deus (João 6:68-69 – NVI).

A resposta de Pedro mostra que a compreensão da mensagem do Cristo passa por duas vertentes: crer e saber. Crer é algo que independe da razão, não se pode explicar a fé através da racionalidade. Já o saber é algo que está na área da razão. Aquilo que os discípulos viam em Jesus e ouviram dele, os levou a perceber que ele era o Messias.

PENSANDO A IGREJA

Há muitas concepções e teorias sobre a igreja e seu papel, ou sua missão no mundo. Mas, assim como qualquer outro pensamento cristão da atualidade, a ideia de igreja foi totalmente distorcida, de forma que o que pensamos hoje sobre a igreja pode estar anos-luz de distância do pensamento de Jesus ao mencionar, pela primeira vez, a palavra igreja em uma conversa com seus discípulos. Neste capítulo, queremos falar sobre essa conversa entre Jesus e seus discípulos, buscando entender melhor o sentido das palavras ditas por Jesus:

Chegando Jesus à região de Cesareia de Filipe, perguntou aos seus discípulos: ‘Quem os homens dizem que o Filho do homem é?’ Eles responderam: ‘Alguns dizem que é João Batista; outros, Elias; e, ainda outros, Jeremias ou um dos profetas’. ‘E vocês?’, perguntou ele. ‘Quem vocês dizem que eu sou?’ Simão Pedro respondeu: ‘Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo’. Respondeu Jesus: ‘Feliz é você, Simão, filho de Jonas! Porque isso não lhe foi revelado por carne ou sangue, mas por meu Pai que está nos céus. E eu lhe digo que você é Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do Hades não poderão vencê-la” (Mateus 16:13-18 – NVI).

Há interpretações diversas sobre esse texto. A maior divergência das discussões sobre a igreja do Cristo envolve, principalmente, a pedra em que a igreja seria construída. Para os católicos, a pedra seria Pedro,

que receberia, na sequência, a chave do reino dos céus. Para os teólogos protestantes, a pedra seria o próprio Cristo, chamado pelo próprio Pedro em uma de suas cartas de “pedra fundamental”.

No entanto, embora concordemos que Jesus é sim a pedra principal da esquina, citada por Pedro, fundamento de nossa fé, acreditamos que, nesse texto de Mateus 16:18, a pedra mencionada por Jesus não seria nem Pedro, nem ele próprio, mas a revelação recebida por de Pedro de que “Jesus é o Cristo, o Filho do Deus vivo”. Ou seja, a igreja está edificada sobre a revelação divina de que Jesus é o Cristo de Deus, o Messias. É esta revelação que dá fundamento à igreja.

Melhor esclarecendo, Jesus diz a Simão (esse era o nome de Pedro) que a constatação de que ele era o Cristo não era uma conclusão a que ele chegara de forma intelectual, revelado por carne e sangue, mas uma revelação divina. Em seguida, Jesus muda propositalmente o nome de Simão para Pedro, ou Cefas. Na mesma frase, Jesus usa duas palavras diferentes que, para os que defendem a teoria de que Pedro seria a pedra, seriam ambas traduzidas por pedra ou rocha. Tanto “cefas”, do aramaico, quanto “petros”, do grego, seria traduzido por “pedra”. No entanto, entendemos que “cefas” seria mais bem traduzida por “fragmento de rocha”, enquanto “petros” seria a própria rocha. Assim, nas palavras de Jesus, Pedro ou Cefas, seria parte da igreja construída sobre a revelação de que Jesus é o Cristo, revelação esta que seria o fundamento da igreja.

Mas o que seria essa igreja? Qual o real significado dessa palavra que aparece na Bíblia pela primeira vez, aqui, na frase dita por Jesus. A primeira coisa que precisamos pensar, para entender o que é igreja, é que ela não é um local de culto. Esses locais de culto já existiam na época de Jesus, e são chamados de templos ou sinagogas. Também,

traduzir simplesmente a palavra do grego para o português fica muito aquém do real significado da palavra. Aliás, isso vale para qualquer tipo de tradução. Uma palavra não pode ser extraída de seu idioma original sem toda a significância cultural que ela carrega, ou ela não vai passar de uma palavra que não diz nada. Então, não basta para nós dizermos que a palavra “igreja” é a tradução da palavra grega “ekklesía” e, assim, concluirmos que igreja é o grupo dos “chamados para fora”. Precisamos entender o que a palavra “ekklesía” significava para aqueles que ouviam Jesus mencioná-la; que imagem a palavra formava na cabeça dos discípulos.

Já sabemos que a palavra igreja (ekklesía no original) não foi inventada por Jesus, já fazia parte do vocabulário grego. Então, vamos procurar entender o que era igreja na época e no espaço geográfico em que Cristo vivia para, a partir daí, entendermos o que ele queria dizer com a expressão “edificarei a minha igreja”. Começamos pensando qual era o papel da “ekklesía” na cultura grega. Os gregos foram os criadores de muitos conceitos relacionados à sociedade organizada. Desses conceitos, podemos destacar “polis”, que designava o agrupamento de pessoas em determinada localidade, que traduzimos por “cidade”, e de onde se origina a palavra “política”, por exemplo. Para tratar dos assuntos relacionados à “polis”, foram criadas as “ekklesiás”, que eram reuniões em que se discutiam temas relacionados ao bem comum das “polis”, o que poderíamos traduzir por assembleia. Concluímos, então, que igreja é o ajuntamento de pessoas para se discutir o bem comum. Ou seja, a igreja de Cristo é ajuntamento de pessoas visando o bem comum, com base nos valores do Cristo. A igreja de Cristo não precisa estar necessariamente no templo ou na sinagoga, ela pode e deve estar

em qualquer lugar onde seja necessária, principalmente como veremos no próximo capítulo, nos “infernos”.

O QUE É INFERNO

O maior trunfo do controle de grandes massas religiosas tem sido, há muito tempo, a dualidade céu/inferno. E esse conceito não é exclusivo do cristianismo. Com pequenas variações, a ideia de uma vida de prazeres no pós-morte para os bons, e de tortura e desgraça para os maus, está presente na maioria das religiões, e já fazia parte, inclusive, da mitologia greco-romana. Embora o inferno, em seus mais variados sentidos, esteja presente no texto bíblico, essa ideia de inferno como ambiente de tortura eterna foi ganhando força ao longo da história do cristianismo, e foi a partir da idade média que, sob forte influência da “Divina Comédia” de Dante Alighieri, a dualidade céu/inferno ganhou uma sistematização a ser usada pela igreja católica, seguida mais tarde pelas protestantes, para manipular e extorquir, de todas as formas, os fiéis.

Na Bíblia, podemos encontrar quatro palavras que foram traduzidas para o português como inferno:

1- *Sheol* – é o nome hebraico para o lugar para onde os mortos vão. Também pode ser traduzido como sepultura, cemitério.

2- *Hades* – é o equivalente grego do Sheol.

3- *Geena* – é o nome de uma espécie de lixão da prefeitura fora de Jerusalém, onde se queimava lixo e os corpos de criminosos e indigentes.

4- *Tártaro* – uma palavra emprestada da mitologia grega, um lugar onde os semideuses seriam torturados. Tártaro só aparece em 2 Pedro 2:4.

Como podemos ver, nenhum desses termos serve para definir a ideia de infernos que se tem hoje. Mas não é só isso. A simples tradução de palavras não é suficiente para se entender o verdadeiro sentido do termo. O termo “hades” por exemplo, além de seu uso literal, poderia ser utilizado para designar,apelidar, um lugar onde as pessoas viviam sem dignidade, num ambiente insalubre. Podemos, então, usar o termo inferno para lugares como a Cracolândia, em São Paulo, ou os lixões revirados por pessoas em busca de comida.

Da mesma forma, a palavra sheol também era usada além de sua tradução literal, ganhando uma dimensão figurativa como vemos no Salmo 88:3

“Porque a minha alma está cheia de angústias, e a minha vida se aproxima do Seol.”

(Almeida Atualizada)

Nesse verso fica claro que o salmista não estava dizendo literalmente que a alma dele iria até a sepultura, mas sim, que ele estava num estado de tristeza profunda. Concluímos então, que sheol/hades podem ser empregados de três formas nos textos: Cemitério, guetos, e estado de tristeza/depressão.

Com a perpetuação da ideia dantesca de inferno, a leitura bíblica do tema passa a ser feita sob o filtro do inferno retratado por Dante e fixado no subconsciente coletivo. Mas fique claro aqui que não estamos criticando Dante, até porque, sua obra “a divina comédia” é uma ficção com grande valor literário. Nunca foi ideia dele escrever um tratado teológico. Foram os líderes religiosos que viram nessa potente obra

uma forma de perpetuar a ideia de inferno como ambiente de tortura para gerar medo e manipulação dos fiéis.

Com essa interpretação de a “Divina Comédia”, os religiosos conseguiram perpetuar o pensamento medieval, no que se refere ao destino dos bons e dos maus, de acordo com os atos praticados em vida. A obra do Dante veio muito bem a calhar, pois surgiu em um momento em que a Igreja, ameaçada pelo crescimento do pensamento livre, buscava meios de melhor controlar seus fiéis. Assim, os terrores do inferno contrastando com os prazeres do céu, tornou-se a grande ferramenta do controle religioso através do medo.

Ainda assim, nenhuma ideia pode se perpetuar sem um evento marcante que a grave no subconsciente coletivo. Então, a Peste Negra, surgida na segunda metade do Século XIV, algumas décadas após a publicação da obra, e que dizimou milhões de pessoas na Europa e na Ásia, trouxe o trauma coletivo que emprestaria realidade ao castigo retratado na Divina Comédia. O cheiro de morte e desgraça deu vida ao inferno de Dante, fortalecendo o controle da igreja sobre o povo. A falta de higiene deu asas à praga, que ia semeando a morte por onde passava, enquanto a ignorância do povo creditava a destruição ao castigo de um deus enfurecido contra o pecado do povo. Enquanto isso, as vendas de indulgências ganhavam força e faziam crescer o comércio da fé, que perdura até hoje, e o inferno passava a ser o destino daqueles que não podem, ou não querem pagar para escapar dele.

Nesse contexto, a salvação anunciada pelo Cristo é distorcida, e passa a ser uma mera fuga desesperada do inferno em busca do céu, onde vale tudo na tentativa de merecer o paraíso. O reino de Deus, que Jesus afirma já estar entre nós, é arrastado para um lugar e um tempo distante, onde ninguém chega sem estar focado em uma “salvação”

individualista e egoísta, que gera pessoas que, da mesma forma que agiam os religiosos do tempo de Jesus, supervalorizam o dogma e esquecem a vida.

Bem, no texto que estamos estudando, Jesus afirma que “as portas do Hades não podem vencer a igreja”. O que ele quis dizer com isso? E é exatamente as portas desses infernos que não podem prevalecer contra a igreja do Cristo. São estes os infernos que devem ser saqueados pela igreja, para que a justiça do Reino de Deus seja feita, e as pessoas aprisionadas nesses infernos tenham dignidade. Podemos então dizer que o lugar da igreja não é dentro dos templos ou sinagogas, mas nos infernos da vida, cumprindo a missão que lhe foi confiada.

CARREGAR A CRUZ

Quando falamos de cruz, a primeira coisa que nos vem à mente é sofrimento ou renúncia. Em nossa caminhada, na busca de lançar um novo olhar sobre a vida e ensinos de Jesus, estudando os evangelhos na ordem cronológica, nos debruçaremos agora sobre o texto onde Ele diz que aquele que quiser segui-lo, deve tomar a cruz. Vamos ao texto:

Então Jesus disse aos seus discípulos: ‘Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. Pois quem quiser salvar a sua vida, a perderá, mas quem perder a vida por minha causa, a encontrará. Pois, que adiantará ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Ou, o que o homem poderá dar em troca de sua alma?’ (Mateus 16:24-26 – NVI).

Como sempre, para sabermos o que seria essa cruz de que Jesus fala, precisamos analisar todo o contexto, a começar pela íntegra da conversa com os discípulos. Jesus disse isso logo após comunicar aos discípulos que seria maltratado e morto em Jerusalém, e ter repreendido a Pedro, que não percebia que por alguns valores vale a pena morrer.

O que significa, então, negar-se a si mesmo e tomar a cruz. Geralmente, as pessoas associam isso a alguma circunstância da vida que acarreta sofrimento: um casamento ruim, um filho problemático, uma doença crônica. Mas, embora Jesus esteja mesmo falando de abnegação, nos parece que o sentido é um pouco mais profundo. Talvez fosse interessante voltarmos ao sermão da montanha para entendermos

melhor do que precisamos abrir mão para seguir a Jesus. Não se trata de negação da vida e apego a regras religiosas porque os ensinamentos do Cristo têm tudo a ver com a vida, e nada a ver com a religião. Também não se trata de abnegação de desejos e vontades em nome da moral, porque a moral é subjetiva; o que é imoral para uma determinada pessoa pode não ser para outra.

Entendemos, então, que negar-se a si mesmo e tomar a cruz é abandonar estilos de vida que sejam nocivos a si mesmo ou ao outro. É abandonar o estilo egoísta de se viver, para levar uma vida que preze pelo bem comum. É muito mais confortável seguirmos a onda, nos deixando levar pela vida e fingindo que ao obedecermos a regras sociais e religiosas estamos fazendo o bem e sendo bons cristãos. Mas, muitas vezes, é preciso tomar a cruz de Cristo e nadar contra a maré. Ter coragem de confrontar os poderosos, principalmente aqueles que, para se manter no poder, usam a religião em nome de Deus. Para isso, é preciso ter coragem; é preciso renúncia, pois a própria vida vai estar em perigo constante, e pode ser tirada a qualquer momento. Mas, nas palavras do Negro Nazareno: “de que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?”.

Muitos já permutaram e continuam permutando a sua alma. E, infelizmente, muitas dessas permutas acontecem em um ambiente em que se fala muito de Deus e de Jesus, mas onde os valores foram corrompidos e as pessoas buscam ganhar o mundo ou ganhar a vida, e acabam se perdendo, perdendo a sua alma. O ego busca ganhar a vida, ganhar o mundo, mas a alma se alimenta de valores eternos: amor, amizade e solidariedade. Valores como estes vão sendo perdidos quando o nosso foco é ganhar a vida e conquistar o mundo. Mas não

perderemos nada se procurarmos calibrar a nossa vida de acordo com o que viveu e ensinou o Negro Nazareno.

EVANGELHO LIBERTÁRIO

Neste capítulo, vamos falar sobre o caráter libertário do evangelho. Mas queremos começar pelo encontro de Jesus com uma mulher que foi flagrada adulterando. Você já parou para pensar na quantidade de sermões, músicas, estudos bíblicos etc. criados no meio cristão sobre aquela mulher sem nunca ter mencionado o homem que estava adulterando com ela? O machismo embutido em nossa cultura é tão forte que, em quase todas as versões da Bíblia – senão todas –, o capítulo 8 de João começa com o título “a mulher adúltera”. Mas, vamos analisar o texto, e procurar entender a atitude de Jesus diante de mais essa provocação dos religiosos:

Os mestres da lei e os fariseus trouxeram-lhe uma mulher surpreendida em adultério. Fizeram-na ficar em pé diante de todos e disseram a Jesus: ‘Mestre, esta mulher foi surpreendida em ato de adultério. Na Lei, Moisés nos ordena apedrejar tais mulheres. E o senhor, que diz?’ Eles estavam usando essa pergunta como armadilha, a fim de terem uma base para acusá-lo. Mas Jesus inclinou-se e começou a escrever no chão com o dedo. Visto que continuavam a interrogá-lo, ele se levantou e lhes disse: ‘Se algum de vocês estiver sem pecado, será o primeiro a atirar pedra nela’. Inclinou-se novamente e continuou escrevendo no chão. Os que o ouviram foram saindo, um de cada vez, começando com os mais velhos. Jesus ficou só, com a mulher em pé diante dele.

Então Jesus pôs-se de pé e perguntou-lhe: ‘Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?’ ‘Ninguém, Senhor ’, disse ela. Declarou Jesus: ‘Eu também não a condeno. Agora vá e abandone sua vida de pecado’ (João 8:3-11 – NVI).

Como dito acima, sempre que este texto é usado, isso é feito com uma conotação religiosa ou moralista. Porém, a primeira coisa que passa despercebido, não somente aqui, mas em todo o conjunto dos evangelhos, é que nada que Jesus fazia ou falava tinha intenção legalista. Na verdade, ele sempre esteve na contramão da religião e, por isso mesmo, os religiosos viviam tentando pegá-lo em alguma armadilha que justificasse o seu assassinato, que já vinham planejando desde o início de seu ministério. Também, Jesus não estava preocupado com a moral pois, como já falamos antes, a moral é subjetiva. Deixar de apedrejar a mulher adúltera, por exemplo, era para os judeus apoiar a imoralidade, o que nos leva à conclusão de que, para aquela sociedade, Jesus era imoral.

Mas, para entendermos o comportamento de Jesus diante dessa situação armada pelos religiosos para encurralá-lo, precisamos entender como funcionava essa lei mosaica do apedrejamento. O primeiro ponto é que o apedrejamento envolveria, em teoria, qualquer e todo adúltero, mas o machismo já tinha se tornado cultural, de forma que parecia ser natural castigar apenas a mulher, como se fosse possível ela estar adulterando sozinha.

Outro ponto a ser observado é que havia certas regras a serem cumpridas em um apedrejamento, uma espécie de ritual a ser seguido. A pessoa que faz a acusação do crime ou pecado cometido deveria ser a primeira a atirar a pedra e, só depois disso, os demais presentes

atirariam suas pedras. Entretanto, se algum dos presentes tivesse alguma acusação contra a pessoa que fez a primeira acusação, poderia atirar pedras também contra o acusador. Ou seja, aquilo poderia gerar uma cadeia interminável de apedrejamento.

Então, quando Jesus diz que “aquele que não tivesse pecado fosse o primeiro a atirar pedras”, estava fazendo muito mais do que apelar para a consciência daquelas pessoas, o que dificilmente funcionaria; ele estava lembrando a elas como deveria acontecer o apedrejamento de acordo com a lei que eles defendiam. O que aconteceu a seguir não foi uma crise coletiva de consciência, levando as pessoas a desistirem do apedrejamento. Apenas a pessoa que fez a acusação e, portanto, teria o direito a iniciar o apedrejamento, olhou para os lados e viu a probabilidade de entrar na lista dos apedrejados. Jesus usou a própria Lei contra os defensores da Lei para livrar aquela mulher de ser tornar vítima fatal do machismo, da desigualdade de gênero impregnada naquela cultura.

Logo após dispensar a mulher, Jesus inicia com os doutores da Lei uma discussão onde reafirma a sua messianidade e apresenta o caráter libertário do evangelho. A partir do apedrejamento frustrado da mulher, ele procura mostrar aos legalistas que a Lei não era suficiente para reger uma sociedade, todo aquele regramento estava ultrapassado e não servia mais para gerir sobre as relações sociais. Nas palavras de Paulo, a Lei já tinha cumprido o seu papel pedagógico, agora, era o momento de as pessoas tomarem as rédeas da própria vida.

Essa conversa de Jesus com os doutores da Lei culmina com a tão conhecida frase estampada em João 8:32. Mas, para melhor entendermos vamos pegar a frase do início:

Se vocês permanecerem firmes na minha palavra, verdadeiramente serão meus discípulos. E conhecerão a verdade, e a verdade os libertará (João 8:31-32 – NVI).

Esse texto é muito usado como frase de efeito. Mas, como acontece qualquer frase de efeito, usado dessa forma ele não abre espaço para reflexão e passa a ser apenas mais um instrumento de aprisionamento religioso, mesmo tendo a liberdade como palavra-chave. Vamos lembrar que Jesus estava discutindo sobre a ineficiência da Lei, enquanto apresentava um caminho espiritual diferente.

Embora os judeus não percebessem, e podemos ver isso na sequência da discussão, eles estavam aprisionados por um conjunto de regras que limitavam suas vidas e não levavam a lugar nenhum. Então, Jesus apresenta o evangelho que abre a possibilidade da libertação através do conhecimento da verdade. Mas aí entra a grande questão que, aliás, foi apresentada por Pôncio Pilatos no julgamento de Jesus: o que é a verdade?

A pergunta de Pilatos ficou sem resposta, não porque Jesus não sabia o que responder, mas porque não existe resposta certa para pergunta errada ou mal direcionada. Qualquer resposta que ele desse a Pilatos não seria a resposta certa, pois aquela pergunta Pilatos só podia fazer a si mesmo. A verdade de uma pessoa não é a verdade da outra, e qualquer verdade pronta não tem o efeito de libertação, mas de aprisionamento.

Qual é, então, a verdade que liberta? É aí que reside o caráter libertário do evangelho do Cristo; Jesus jamais impõe seu pensamento sobre ninguém, ele apenas ensina e motiva a busca da verdade dentro de

cada um. Ao longo de seu ministério, vamos encontrá-lo por diversas vezes questionando: o que você pensa disso? O que diz a Lei? Então, a partir do pensamento de cada um, ele construía uma narrativa que levava a pessoa a repensar os seus valores, não de forma impositiva, mas através do descobrimento de si mesmo e do mundo à sua volta. E essa é a verdade que liberta.

Embora tenha sido transformado por muitos em gaiolas, nos ensinamentos do Negro Nazareno, o evangelho é libertário. A proposta do evangelho é construir na humanidade uma ética que lhes permita andar com as próprias pernas. Essa tentativa de impor às pessoas um padrão pré-definido não tem nada a ver com o evangelho. É apenas a reconstrução de tudo aquilo que Jesus abominava: religiosidade rígida, morta e sem sentido.

O evangelho não é um conjunto de regras sobre o que se deve ou não fazer, mas a proposta de um autoconhecimento que nos permita construir em nós um senso de ética que nos leva a respeitar a nós mesmos, aos nossos semelhantes e ao meio ambiente. Esse conhecimento nos leva à verdade. Não a verdade imposta e engessada, mas a verdade libertária que nos permite agir sem as amarras do legalismo.

O VALOR DA VIDA

Jesus era um grande contador de histórias. Através das parábolas, ele dava vida aos seus ensinamentos, pois tirava suas lições do cotidiano daqueles que o ouviam. Os elementos usados nas parábolas faziam parte da cultura daquelas pessoas, tornando fácil o entendimento. Por isso mesmo, não é possível entendermos o real sentido dessas histórias sem compreendermos o espaço geográfico, o momento histórico e a cultura em que a parábola foi contada. A partir dessa ótica procuraremos compreender, aqui, a parábola do bom samaritano. Vamos ao texto bíblico:

Mas ele, querendo justificar-se, perguntou a Jesus: 'E quem é o meu próximo?' Em resposta, disse Jesus: 'Um homem descia de Jerusalém para Jericó, quando caiu nas mãos de assaltantes. Estes lhe tiraram as roupas, espancaram-no e se foram, deixando-o quase morto. Aconteceu estar descendo pela mesma estrada um sacerdote. Quando viu o homem, passou pelo outro lado. E assim também um levita; quando chegou ao lugar e o viu, passou pelo outro lado. Mas um samaritano, estando de viagem, chegou onde se encontra o homem e, quando o viu, teve piedade dele. Aproximou-se, enfaixou-lhe as feridas, derramando nelas vinho e óleo. Depois, colocou-o sobre o seu próprio animal, levou-o para uma hospedaria e cuidou dele. No dia seguinte, deu dois denários ao hospedeiro e disse-lhe: 'Cuide dele.

Quando voltar lhe pagarei todas as despesas que você tiver’. Qual desses três você acha que foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?’ (Lucas 10:29-36 – NVI).

Jesus usa essa parábola para responder à pergunta de um doutor da Lei sobre qual seria o seu próximo. Isso porque a tradição religiosa, cheia de preconceitos e interesses, já tinha feito uma seleção de pessoas que poderiam ser “o próximo”, dignas de serem amadas. Em sua resposta, Jesus cria uma narrativa usando quatro interessantes personagens: uma vítima de assalto, um sacerdote, um levita e um samaritano.

Na narrativa de Jesus, um homem que, ao analisar o contexto, entendemos ser um judeu, foi atacado em sua dignidade, em seus meios de sobrevivência e em sua vida. Aquele teve seus direitos mais básicos violados. A seguir, três pessoas passam pela mesma estrada em que o homem foi atacado, sendo que os dois primeiros preferiram ignorar o sofrimento alheio, passando pelo outro lado da estrada. Curiosamente, estas duas personagens eram pessoas religiosas, “homens de bem” respeitados na sociedade. Estavam acostumados a ler para o povo o seu livro de regras morais e religiosas, mas encontraram alguma desculpa para não socorrer o necessitado.

Mas, para fechar a sua historinha, Jesus escolheu como personagem um samaritano. Para compreendermos o que Jesus queria ensinar com isso, precisamos conhecer quem eram os samaritanos. Já falamos deles em outro capítulo, quando Jesus encontra a mulher samaritana no poço, mas vamos reforçar aqui. Tanto os judeus como os samaritanos faziam parte do mesmo povo: Israel. No entanto, desde a separação das tribos ocorrida nos tempos de Jeroboão e Roboão, formando o reino

do sul, com Judá e Benjamim, e o reino do norte com as outras dez tribos, Judeus e samaritanos se tornaram inimigos mortais. Os judeus não falavam com samaritanos. Porém, foi esse grupo abominável para os judeus, um personagem samaritano, que Jesus escolheu para mostrar ao doutor da Lei quem é o próximo.

Aquele samaritano não apenas socorreu o homem ferido, ele se lançou em uma missão de recuperação da dignidade daquele homem, procurando suprir todas as necessidades dele. Depois de prestar os primeiros socorros, ele transporta o homem até uma hospedaria, onde presta uma assistência médica mais eficiente, deixa o homem hospedado, pagando as despesas da hospedagem e se propondo a retornar para ver se nada faltava. Ou seja, ele se propõe a estabelecer um relacionamento com o outro.

A diferença entre os religiosos e o samaritano é que o segundo não fez cálculos, ele tinha um coração solidário. O sacerdote e o levita pensaram nos contratempos que enfrentariam para socorrer o homem. Calcularam o tempo que despenderiam, a caminhada a pé com o homem ferido sobre o jumento, o dinheiro a ser gasto na hospedaria e com os curativos se a vítima merecia ser socorrida, enfim, eles fizeram cálculos. Mas o coração solidário não faz cálculos, apenas percebe a necessidade do outro e busca meios de ajudar. Não há matemática quando se trata de vidas, pois o valor de uma vida é incalculável.

Além de mostrar que um coração solidário não depende de religiosidade ou certificado de boas práticas morais, Jesus mostra através dessa parábola que o próximo não é apenas a pessoa que faz parte de seu convívio, que compartilha de suas concepções religiosas, políticas, filosóficas etc., mas qualquer pessoa que precise de ajuda e você tenha

a oportunidade de ajudar. Claro que o Negro Nazareno não perderia essa oportunidade de dar mais uma tapinha na cara dos religiosos.

MARIA CHUTA O BALDE

Falaremos aqui do encontro de Jesus com duas irmãs, e do tratamento que ele dispensava às mulheres, em uma cultura totalmente machista. Na sequência da narrativa de Lucas, logo após sua conversa com o doutor da Lei e a exposição da parábola do samaritano, Jesus chega com seus discípulos a um povoado, onde é recebido pela família de Marta, irmã de Maria e Lázaro. Lucas narra o que aconteceu nesse encontro da seguinte forma:

Caminhando Jesus e os discípulos, chegaram a um povoado, onde certa mulher chamada Marta o recebeu em sua casa. Maria, sua irmã, ficou sentada aos pés do Senhor, ouvindo-lhe a palavra. Marta, porém, estava ocupada com muito serviço. E, aproximando-se dele, perguntou: ‘Senhor, não te importas que minha irmã tenha me deixado sozinha com o serviço? Dize-lhe que me ajude!’ Respondeu o Senhor: Marta! Marta! Você está preocupada e inquieta com muitas coisas; todavia apenas uma é necessária. Maria escolheu a boa parte, e esta não lhe será tirada’ (Lucas 10:38-42 – NVI).

Como sempre, vamos tirar as lentes da religiosidade para compreender melhor esse texto. Vamos lembrar que a cena aconteceu na Judéia de dois mil anos atrás. Se, ainda hoje, a mulher é discriminada e escravizada no trabalho doméstico, naquela cultura, isso era muito mais presente. A mulher estava, por lei, condicionada ao serviço doméstico, inclusive os mais pesados, como abastecer de água a casa pela manhã

e pela tarde. Além disso, era proibido às mulheres assentar-se junto com homens para conversar ou aprender, por exemplo.

Ao assentar-se aos pés de Jesus para ouvi-lo, junto com os discípulos e outros homens que estavam ali, Maria rompe com todas as regras do padrão de comportamento feminino de sua época. Um ato de empoderamento daquela mulher, que só pode ser levado a efeito, porque o próprio Jesus permitiu que isso acontecesse ao dizer “Maria escolheu a boa parte”. Os homens que estavam sentados ouvindo Jesus só não a expulsaram dali por que Jesus, o mestre, chancelou seu comportamento.

Embora o machismo faça parte da cultura cristã, como já fazia da cultura judaica e de outras culturas antigas, qualquer tipo de preconceito ou discriminação não fazia parte da vida e do discurso do Cristo. Ainda hoje, cristãos machistas citam as palavras de Paulo, escritas em I Timóteo 2:11-12, que diz:

A mulher deve aprender em silêncio, com toda a sujeição. Não permito que a mulher ensine, nem que tenha autoridade sobre o homem. Esteja, porém, em silêncio.

Claro que Paulo era um grande machista, por mais que esse termo nem existisse na época, e fosse impossível ele ser diferente diante sua criação, isso não tira a importância de tudo o mais que ele ensinou às igrejas. Porém, mais que isso, devemos entender que Paulo falava para aquela época e aquele povo.

O evangelho que discrimina e oprime a mulher não é o evangelho do Negro Nazareno. Aliás, qualquer tipo de discriminação não encontra respaldo nos ensinamentos de Jesus, onde o único mandamento é o

amor, e todos somos iguais. A cultura e a religião podem criar regras e dogmas que nos limitam, mas o evangelho de Jesus de Nazaré será sempre libertário.

UM DEUS BIZARRO

O que você pensa de um deus que manipula e castiga os próprios filhos com doenças e catástrofes; castiga os filhos pelos pecados dos pais e, finalmente, condena ao castigo eterno aqueles que não correspondem às suas expectativas? É assustador, não é? Mas, por incrível que pareça, muitos não só acreditam nesse deus, como o servem. Se você é uma dessas pessoas, te convidamos a repensar a sua teologia a partir do pensamento de Jesus. Como vamos ver no texto abaixo, isso era o que pensavam os judeus e, conseqüentemente, os próprios discípulos de Jesus sobre Deus:

Ao passar, Jesus viu um cego de nascença. Seus discípulos lhe perguntaram: ‘Mestre, quem pecou: este ou seus pais, para que nascesse cego?’ Disse Jesus: ‘Nem ele nem seus pais pecaram, mas isto aconteceu para que a obra de Deus se manifestasse na vida dele’ (João 9:1-3 – NVI).

Pela pergunta dos discípulos, podemos perceber que eles acreditavam em dois grandes absurdos sobre Deus: 1) controle absoluto de Deus e 2) maldição hereditária. Para eles, tendo Deus o controle de todas as coisas, Ele estaria de forma ativa ou permissiva por trás da doença do cego e, ainda, se Deus permitiu que aquele homem nascesse cego, algum pecado ele ou seus pais teriam cometido. A teologia deles chegava ao absurdo de acreditar que alguém pode pecar mesmo antes de nascer; criam numa espécie de pecado fetal, cometido quando a pessoa ainda estava no ventre da mãe.

Embora essa crença absurda ainda esteja presente no meio cristão de nossos dias, a resposta de Jesus mostra que Deus não está na origem do sofrimento de ninguém. Esse deus é um deus bizarro, indigno de ser servido e adorado por qualquer pessoa. A cultura cristã, fundada na meritocracia, onde alguém só recebe aquilo que fez por merecer, seja mal ou seja bem, pode até te levar a acreditar em um deus assim, mas, servi-lo, é totalmente absurdo.

A religião procura espiritualizar coisas que são próprias da vida ou da cultura. Por exemplo, se uma pessoa é viciada em álcool ou drogas, e se descobre que, também, um dos pais ou avós tinham o mesmo vício, os adeptos dessa teologia se apressam a constatar uma maldição hereditária a ser quebrada. Na verdade, hábitos bons ou ruins podem ser passados de pais para filhos tanto de forma cultural, através da convivência, quanto de forma biológica.

Mas há, ainda, outro ponto interessante na resposta de Jesus aos discípulos: Deus não está na origem do problema, mas pode estar na solução dele. a cegueira não tinha origem em pecado, mas a cura seria a manifestação da glória de Deus. O sofrimento faz parte da vida e não tem origem em qualquer ato divino. Mas Deus se manifesta na cessação do sofrimento. Deus não está na dor, está no bálsamo.

Estamos escrevendo este livro no ano de 2021. Desde o ano passado, o mundo vem sendo assolado por uma pandemia que já ceifou milhões de vidas. Assim como os primeiros discípulos de Jesus, muitos cristãos atribuíram a pandemia a um castigo de Deus. Pregações e profecias nojentas e absurdas ainda circulam pelas redes sociais, atribuindo a um deus maníaco e vingativo essa carnificina. Enquanto isso, não percebem que Deus está na linha de frente, com médicos, enfermeiros e todos os profissionais de saúde que procuram salvar vidas. Deus está

na pesquisa científica e na produção de vacinas para fazer cessar o sofrimento. Deus está na solidariedade dos que estendem as mãos para ajudar os que já vivem em estado de fragilidade social, e tiveram sua situação agravada pela pandemia. Enfim, o Deus de amor revelado no Negro Nazareno está na solução do problema e não na origem dele.

É TODOS OU NENHUM

No capítulo 15 do evangelho de Lucas estão registradas três parábolas de Jesus. Embora se fale bastante dessas parábolas de forma isolada, na verdade as três estão ligadas entre si, e fazem parte de um mesmo ensinamento de Jesus. As três falam de perda e de empenho na recuperação do bem perdido.

A primeira coisa que precisamos entender é que Jesus não contou essas parábolas do nada; houve uma provocação. Nos primeiros versículos, Lucas narra a provocação dos mestres da lei que levaram Jesus a contar as três parábolas:

Todos os publicanos e ‘pecadores’ estavam se reunindo para ouvi-lo. Mas os fariseus e os mestres da lei o criticavam: ‘este homem recebe pecadores e come com eles’ (Lucas 15:1-2 – NVI).

Aqueles religiosos insistiam em sua hipocrisia, tentando dividir o mundo em “santos” e “pecadores”. Então, Jesus começa a responder àquela provocação com uma pergunta que, para nós que não entendemos do pastoreio de ovelhas, pode não dizer muito. Mas, para aquelas pessoas que ali estavam que, se não eram pastores de ovelhas, estavam familiarizados de alguma forma com este ofício, a pergunta era absurda. Vejamos:

Qual de vocês que, possuindo cem ovelhas, e perdendo uma, não deixa as noventa e nove no campo e vai atrás da ovelha perdida até encontrá-la. E quando a encontra, coloca-a alegremente sobre os

ombros e vai para casa. Ao chegar, reúne seus amigos e vizinhos e diz: ‘Alegrem-se comigo, pois encontrei minha ovelha perdida’ (Lucas 15:4-6 – NVI).

Com certeza, as pessoas que ouviram essa pergunta acharam que Jesus só podia estar maluco. Como assim, deixar noventa e nove ovelhas no campo e ir atrás de uma única que se perdeu? Sim, as noventa e nove não ficaram presas “no aprisco”, como diz aquela antiga música; “eram cem ovelhas juntas no aprisco...”. As noventa e nove ovelhas foram deixadas pelo pastor no campo, à mercê de todos os perigos que o campo oferece à ovelha, principalmente, o risco evidente de se perderem, como aconteceu com aquela da parábola. Para aqueles ouvintes, a parábola contada por Jesus ia contra qualquer lógica.

Seguindo a mesma linha de raciocínio absurdo, Jesus faz a segunda pergunta, iniciando mais uma parábola:

Ou, qual é a mulher que, possuindo dez dracmas e, perdendo uma delas, não acende uma candeia, varre a casa e procura atentamente, até encontrá-la? E quando a encontra, reúne suas amigas e vizinhas e diz: ‘Alegrem-se comigo, pois encontrei a minha moeda perdida’ (Lucas 15:8-9 – NVI)

Certamente, enquanto ouvia estas parábolas, aquelas pessoas faziam um rápido cálculo em suas cabeças: o pastor deixa noventa e nove ovelhas no campo, correndo o risco de perdê-las, e vai atrás de uma única que se perdeu; a mulher perde uma das dez moedas que possui, e se lança em um trabalho louco para encontrá-la, depois faz festas com

as amigas, provavelmente gastando muito mais que uma moeda. Onde estaria a lógica de Jesus?

Enquanto as pessoas tentam descobrir onde Jesus quer chegar com aquelas histórias “absurdas”, ela conta a terceira parábola, completando a sua tríade: “a ovelha perdida”, “a dracma perdida” e “o filho perdido”:

Jesus continuou: ‘Um homem tinha dois filhos. O mais novo disse ao seu pai: ‘Pai, quero a minha parte da herança’. Assim, ele repartiu a propriedade entre eles. Não muito tempo depois, o filho mais novo reuniu tudo o que tinha, e foi para uma região distante; e lá desperdiçou os seus bens vivendo irresponsavelmente. Depois de ter gasto tudo, houve uma grande fome em toda aquela região, e ele começou a passar necessidade. Por isso foi empregar-se com um dos cidadãos daquela região, que o mandou para o seu campo a fim de cuidar de porcos. Ele desejava encher o estômago com as vagens de alfarrobeira que os porcos comiam, mas ninguém lhe dava nada. Caindo em si, ele disse: ‘Quantos empregados de meu país têm comida de sobra, e eu aqui, morrendo de fome! Eu me porei a caminho e voltarei para meu pai, e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e contra ti. Não sou mais digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus empregados’. A seguir, levantou-se e foi para seu pai. Estando ainda longe, seu pai o viu e, cheio de compaixão, correu para seu filho, e o abraçou e beijou’ (Lucas 15:11-21 – NVI).

Como sempre, Jesus estava falando de vida e de relacionamentos. Lembrando que, ao contar essas parábolas, ele estava respondendo à provocação dos religiosos que o acusavam de reunir-se com publicanos e “pecadores”. Como dito antes, aqueles religiosos dividiam a humanidade em dois grupos. De um lado, eles, os “santos”, cumpridores das leis e das tradições religiosas; trazendo para o nosso contexto, aqueles que estão marcando para céu, onde vão pisar em ruas de ouro e nadar nos rios de cristal; de outro lado, estão os pecadores, perdidos, marcando a passos largos para o inferno, onde serão eternamente torturados.

Jesus subverte a lógica da religião, apresentando uma espiritualidade comunitária, onde a salvação é para todos ou para ninguém. É todos ou nenhum. As três parábolas contadas por Jesus negam a lógica religiosa e apresentam a lógica do Deus de amor, que se manifesta nos relacionamentos, e não nos dogmas religiosos. Através dessas parábolas Jesus apresenta a ideia de completude, que é a tônica do evangelho.

Para Jesus, as noventa e nove ovelhas perdem totalmente o seu valor se uma está perdida. A lógica do evangelho não é matemática. O pastor que tinha cem ovelhas e perdeu uma delas, não passou a ter noventa e nove ovelhas, ele deixou de ter cem ovelhas. A mulher que tinha dez dracmas e perdeu uma, não passou a ter nove dracmas, ela deixou de ter dez dracmas, ela tinha um conjunto de dez dracmas e, agora, não tem mais esse conjunto composto de dez dracmas.

Na parábola do filho perdido, isso fica bem mais claro. Um pai tinha dois filhos, e um se perdeu. Com a partida do filho, o sentimento que ficou no coração do pai é que ele tinha perdido a família. Ele ainda tinha o filho mais velho, que naquela época era muito mais valorizado que os

demais filhos, afinal era o principal herdeiro. Mas, para o pai que amava igualmente os filhos, a perda de um filho era a perda da família. A família estava incompleta. Por isso o coração do pai alegrou-se com a volta do filho, pois, agora, a família estava completa.

Esta é a lógica do evangelho, a lógica do Negro Nazareno. É todos ou nenhum. Ninguém estará salvo se alguém estiver perdido. A salvação em Cristo é comunitária e não individual.

BENS E RIQUEZAS

Seguindo a sequência de parábolas de Jesus narradas por Lucas, chegamos ao capítulo 16, onde Jesus conta duas parábolas para criticar a forma como costumamos nos relacionar com bens e riquezas. Queremos lembrar aqui, que parábola é uma história inventada para se passar um ensinamento ou um conceito, o que chamamos de “moral da história”.

O administrador de um homem rico foi acusado de estar desperdiçando os seus bens. Então ele o chamou e lhe perguntou: ‘Que é isto que estou ouvindo a seu respeito? Preste contas da sua administração, porque você não pode continuar sendo o administrador’. O administrador disse a si mesmo: ‘Meu senhor está me despedindo. Que farei? Para cavar não tenho força, e tenho vergonha de mendigar... Já sei o que vou fazer para, quando perder o meu emprego aqui, as pessoas me recebam em suas casas’. Então chamou cada um dos devedores do seu senhor. Perguntou ao primeiro: ‘Quanto você deve ao meu senhor?’ ‘Cem potes de azeite’, respondeu ele. O administrador lhe disse: ‘Tome a sua conta, sente-se depressa e escreva cinquenta’. A seguir ele perguntou ao segundo: ‘E você, quanto deve?’ ‘Cem tonéis de trigo’, respondeu ele. Ele lhe disse: ‘Tome a sua conta e escreva oitenta’. O senhor elogiou o administrador desonesto,

porque agiu astutamente. Pois os filhos deste mundo são mais astutos no trato entre si do que os filhos da luz. Por isso, eu lhes digo: usem a riqueza deste mundo ímpio para ganhar amigos, de forma que, quando ela acabar, estes os recebam nas moradas eternas (Lucas 16:1-9 – NVI).

Esta é uma das parábolas de Jesus que nos dá um nó na cabeça. Quando a lemos inadvertidamente, nosso cérebro moralista nos manda, de imediato, uma mensagem: Jesus estaria elogiando a malandragem do administrador? Afinal, aquele homem tinha os defeitos morais mais abomináveis. Aparentemente, não tinha nada que se aproveitasse ali. Por que, então, Jesus o usaria como exemplo?

O problema é que insistimos em pegar textos isolados e transformá-los em verdade ou dogma. E, como já dito, as parábolas eram histórias criadas para direcionar um determinado ensinamento. Pegar pontos isolados dessas histórias para transformar em doutrina é destruir o objetivo da parábola, e transformar em confusão o que se pretende ensinar através dela. Olhando dessa forma, vamos entender que toda a narrativa da parábola do administrador astuto culmina em um só ensinamento de Jesus, que está exposto na sua conclusão: “usem a riqueza deste mundo ímpio para ganhar amigos”.

No mesmo sentido, e dentro do mesmo contexto, Jesus conta mais uma parábola. E esta gerou uma distorção tão grande que Ele deve estar lá de cima pensando: “Por que eu fui contar isso? Deveria ter inventado outra.” A parábola “o rico e o Lázaro” acabou se tornando uma das bases para a criação de uma das teologias mais cruéis e anticristãs do cristianismo. Vamos ao texto:

Havia um homem rico que se vestia de púrpura e de linho fino e vivia no luxo todos os dias. Diante do seu portão fora deixado um mendigo chamado Lázaro, coberto de chagas; este ansiava comer o que caía da mesa do rico. Em vez disso, os cães vinham lamber as suas feridas. Chegou o dia em que o mendigo morreu, e os anjos o levaram para junto de Abraão. O rico também morreu e foi sepultado. No Hades, onde estava sendo atormentado, ele olhou para cima e viu Abraão de longe, com Lázaro ao seu lado. Então, chamou-o: ‘Pai Abraão, tem misericórdia de mim e manda que Lázaro molhe a ponta do dedo na água e refresque a minha língua, porque estou sofrendo muito neste fogo’. Mas Abraão respondeu: ‘Filho, lembre-se de que durante a sua vida você recebeu coisas boas, enquanto Lázaro recebeu coisas más. Agora, porém, ele está sendo consolado aqui e você está em sofrimento (Lucas 16:19-25 – NVI).

Parece contrassenso dizer que há ideias anticristãs no cristianismo, mas, na verdade, há, e não são poucas. E uma dessas criações absurdas é a ideia de inferno que se tem hoje. Já dedicamos um capítulo para falar desse tema, mas apenas reafirmamos que a ideia que se tem de inferno hoje foi uma má interpretação tirada da “Divina Comédia” de Dante Alighieri, e não da Bíblia, embora Dante, assim como muitos teólogos fizeram em suas teorias, tenha usado parte desta parábola de Jesus para embasar seu romance.

Mas, como já dissemos, as parábolas são histórias que têm o objetivo de extrair lições para a vida, e tudo que devemos buscar em cada

parábola é a lição que ele pretende transmitir. E, no caso desta parábola, não é diferente. Jesus usa a parábola do rico e Lázaro para completar o raciocínio que começa com a parábola anterior. Ou seja, o que ele pretende ensinar com essa parábola é que acumular riquezas enquanto há pessoas que não têm o que comer é pecado. Toda a estrutura da narrativa foi montada para trazer esse ensinamento e nada mais.

FARISEU E PUBLICANO

Seguindo a ordem cronológica dos acontecimentos narrados nos evangelhos, passamos pelo capítulo 11 de João, onde Jesus ressuscita o irmão de Marta e Maria, aquela mesma Maria que “chutou o balde” em um ato de revolução feminista. Curiosamente, o nome do morto que foi ressuscitado era Lázaro, assim como o personagem da parábola que Jesus tinha acabado de contar, quando soube da morte do amigo. Talvez Jesus já soubesse que Lázaro estava morto ou morreria ao contar a parábola. A verdade é que a ressurreição de Lázaro provocou uma grande convulsão entre os religiosos de Jerusalém, que convocaram uma reunião, em que decidiram por sua morte:

Então os chefes dos sacerdotes convocaram uma reunião do Sinédrio. ‘O que estamos fazendo?’, perguntaram eles. ‘Aí está este homem realizando muitos sinais miraculosos. Se o deixarmos, todos crerão nele, e então os romanos virão e tirarão tanto o nosso lugar como a nossa nação’. Então um deles, chamado Caifás, que naquele ano era o sumo sacerdote, tomou a palavra e disse: ‘Nada sabeis! Não percebeis que vos é melhor que morra um homem pelo povo, e que não pereça toda a nação’ (João 11:47-50 – NVI).

É claro que aqueles religiosos estavam muito mais preocupados com o lugar deles do que o destino da nação. Quanto mais a messianidade de Jesus era confirmada através dos sinais que ele operava, mais ameaçada ficava a posição confortável em que eles se encontravam,

por isso, a forma como Jesus conquistava a simpatia do povo os incomodava.

Enquanto sua morte é tramada em Jerusalém, Jesus continua caminhando para lá e, no caminho, realiza mais um milagre, indicando que ele era o messias. O capítulo 17 de Lucas narra que, ao passar perto da divisa entre a Samaria e a Galileia, Jesus entra em um povoado e cura, não um, mas dez leprosos, aumentando ainda mais a fúria dos sacerdotes.

Nessa caminhada, Jesus volta a falar sobre a oração, e para isso, conta duas parábolas. A primeira, fala de uma viúva em busca de justiça, que vence pela persistência. A segunda, que nos chama mais atenção, fala dos que se firmam na própria justiça e desprezam os outros, como o próprio texto diz. Vejamos:

A alguns que confiavam em sua própria justiça e desprezavam os outros, Jesus contou esta parábola: ‘Dois homens subiram ao templo para orar; um era fariseu e o outro, publicano. O fariseu, em pé, orava no íntimo: ‘Deus, eu te agradeço porque não sou como os outros homens: ladrões, corruptos, adúlteros; nem mesmo como este publicano. Jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho’. Mas o publicano ficou à distância. Ele nem ousava olhar para o céu, mas batendo no peito, dizia: ‘Deus, tem misericórdia de mim, que sou pecador’. Eu lhes digo que este homem, e não o outro, foi para casa justificado diante de Deus. Pois quem se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado’ (Lucas 18:9-14 – NVI).

Nesta parábola, Jesus nos ensina, a partir de dois tipos sociais muito conhecidos na cultura judaica daquela época, sobre o que Deus busca no homem. De um lado, temos o fariseu que, apesar de ter se tornado, hoje, uma espécie de xingamento gospel, não era visto desta forma pelos judeus do tempo de Jesus. Pelo contrário, o próprio significado da palavra “fariseu” é “separado”. Os fariseus faziam questão de cumprir toda lei, toda regra religiosa, escrita ou passada de forma oral. Ou seja, os fariseus eram pessoas muito bem-conceituadas na sociedade da época.

Por outro lado, temos o publicano, o oposto do fariseu aos olhos da sociedade. O publicano era o funcionário público encarregado de arrecadar impostos para Roma, por isso era muito malvisto pelo povo, considerado corrupto e traidor do povo judeu. Era considerado a escória da sociedade. Não é por acaso que uma das críticas mais repetitivas dos religiosos contra as atitudes de Jesus é a de que ele costumava assentar-se com publicanos e pecadores, que eram colocados no mesmo nível de repugnância da comunidade religiosa.

Na historinha de Jesus, ambas as personagens sobem ao templo para orar. O fariseu aproveita o momento de oração para exaltar as próprias qualidades, e desprezar todos aqueles que estão fora de seu “padrão de qualidade”, enquanto o publicano reconhece as próprias falhas e apela para a misericórdia divina, alcançando, assim, a justificação.

Jesus não questiona se os elogios do fariseu dirigidos a si mesmo eram merecidos ou não. A questão, aqui, não é de hipocrisia, mas de auto exaltação. O que Deus busca no homem não é perfeição, mas integridade. A “perfeição” nos leva à soberba, mas a integridade nos leva à humildade. Ao reconhecer os próprios erros, buscamos caminhos, inclusive através da oração, para lidar com eles. Mas não é

só isso, reconhecendo os nossos erros, aprendemos a lidar, também, com os erros dos outros, estabelecendo relacionamentos de maior qualidade, firmados no amor e no perdão.

O que importa para o Negro Nazareno não é a perfeição, mas a capacidade de reconhecer os próprios erros e lidar com eles. Errar é humano. Reconhecer e trabalhar os próprios erros é divino.

SALVAÇÃO DO QUE?

Muito se fala em salvação no meio cristão. Há, inclusive, uma matéria dentro da teologia chamada soteriologia para estudar esse tema. Mas, em meio a tantas teorias e concepções distorcidas, muitos ainda vêem a salvação como uma corrida solitária em busca de um paraíso futuro. Pela ótica do cristianismo, a salvação é uma fuga do inferno em busca do céu. Neste capítulo, queremos convidar você a olhar com a gente o significado de salvação na ótica de Jesus, a partir de uma breve análise dessa conversa que ele teve com Zaqueu.

Jesus entrou em Jericó, e atravessava a cidade. Havia ali um homem rico chamado Zaqueu, chefe dos publicanos. Ele queria ver quem era Jesus, mas, sendo de pequena estatura, não o conseguia, por causa da multidão. Assim, correu adiante e subiu numa figueira brava para vê-lo, pois Jesus ia passar por ali. Quando Jesus chegou àquele lugar, olhou para cima e lhe disse: 'Zaqueu, desça depressa. Quero ficar em sua casa hoje'. Então ele desceu rapidamente e o recebeu com alegria. Todo o povo viu isso e começou a se queixar: 'Ele se hospedou na casa de um 'pecador''. Mas Zaqueu levantou-se e disse ao Senhor: "Olha, Senhor! Estou dando a metade dos meus bens aos pobres: se alguém extorquir alguma coisa, devolverei quatro vezes mais'. Jesus lhe disse: 'Hoje houve salvação nesta casa! Porque este homem também é filho de Abraão. Pois o

Filho do homem veio buscar e salvar o que estava perdido' (Lucas 19:1-10 – NVI).

O publicano, como já vimos antes, era o funcionário público encarregado de arrecadar impostos para Roma, por isso era muito malvisto pelo povo, considerado corrupto e traidor do povo judeu. Zaqueu era chefe dos publicanos, o que nos leva a crer que o ódio que o povo devotava aos cobradores de impostos, em seu caso, era potencializado. Não sabemos de que forma ele adquiriu a riqueza que tinha, mas, sendo chefe dos publicanos, que eram considerados corruptos, certamente essa riqueza era vista, no mínimo, com desconfiança.

Podemos perceber pela persistência de Zaqueu em encontrar-se com Jesus que, de alguma forma, a vida que ele levava o incomodava. Embora muitas pessoas procurassem Jesus atrás de cura ou pão, este homem não tinha necessidade nem de uma nem de outra coisa. Ele entendeu que Jesus poderia lhe dar algo que ele não tinha. Talvez o próprio Zaqueu não soubesse o que esperar daquele encontro com Jesus; ele nem mesmo sabia se o encontro aconteceria. A verdade é que o resultado do encontro foi uma transformação em sua vida que o levou a perceber o outro. Em sua conversa com Jesus, ele compreendeu a grandeza de se ter uma mente comunitária; o fato de existir pessoas vivendo na pobreza, enquanto ele tinha mais do que precisava, começou a incomodá-lo a partir de sua conversa com Jesus, ao ponto de ele se dispor a distribuir parte de seus bens aos necessitados.

A atitude de Zaqueu levou à constatação feita por Jesus de que “houve salvação naquele dia naquele lugar”. Obviamente, Jesus não estava falando da salvação de Zaqueu apenas, porque, para Jesus, a salvação

é relacional, ou seja, surge do relacionamento entre as pessoas. A salvação é gerada em um coração transformado pelo amor, que passa a olhar a vida pela perspectiva do Cristo. Ao encontrar-se com Jesus e ouvi-lo, Zaqueu teve a percepção de que não seria feliz enquanto houvesse um desequilíbrio social, onde ele tinha muito e muitos não tinham nada. Zaqueu não estava apenas sendo salvo, estava se transformando também em agente da salvação de muitos outros.

O encontro com Jesus precisa gerar em nós essa salvação. O encontro com Jesus não nos leva a olhar para cima em busca de Deus e de uma salvação escatológica; mas nos leva a perceber Deus nas outras pessoas, e a sermos nós mesmos agentes da salvação. Zaqueu foi salvo ao perceber que a salvação só é possível quando percebemos o outro e buscamos a justiça social. Seu encontro com Jesus mostrou que a salvação estava dentro de si mesmo, mas ele não tinha conseguido vê-la, porque só conseguimos enxergar bem o que está dentro de nós mesmos olhando para o outro. A salvação é algo para experimentarmos aqui e agora, e só acontece quando passamos a ver a vida pela ótica do Negro Nazareno.

A ENTRADA TRIUNFAL

A última caminhada de Jesus até Jerusalém vai chegando ao fim, enquanto na cidade seu assassinato é tramado pela cúpula político-religiosa. Ao aproximar-se de um vilarejo chamado Betfagé, nas proximidades de Betânia, ele pede que seus discípulos entrem no vilarejo e peguem um jumento, para concluir sua viagem e entrar em Jerusalém:

Trouxeram a jumenta e o jumentinho, colocaram sobre eles os seus mantos, e sobre estes Jesus montou. Uma grande multidão estendeu os seus mantos pelo caminho, outros cortavam ramos de árvores e os espalhavam pelo caminho. A multidão que ia adiante dele e os que o seguiam gritavam: 'Hosana ao Filho de Davi!' 'Bendito é o que vem em nome do Senhor!' 'Hosana nas alturas!' Quando Jesus entrou em Jerusalém, toda a cidade ficou agitada e perguntava: 'Quem é este?' A multidão respondia: 'Este é Jesus, o profeta de Nazaré da Galileia'. Jesus entrou no templo e expulsou todos os que ali estavam comprando e vendendo. Derrubou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas, e lhes disse: 'Está escrito: 'A minha casa será chamada casa de oração'; mas vocês estão fazendo dela um 'covil de ladrões' (Mateus 21:7-13 – NVI).

Embora o jumento tenha desempenhado um papel de grande importância em Israel, a entrada de Jesus em Jerusalém, montado nesse tipo de animal, não tinha nada de triunfal, apesar do título colocado nas bíblias mais tradicionais. Nessa época, Israel, e especialmente a Judéia, tinha passado por diversas invasões, domínios e exílios, que provocaram alterações em sua cultura. Até mesmo a religião foi influenciada por estas invasões culturais, de forma que havia na Judéia um sincretismo religioso com traços das religiões persas, babilônicas, gregas e romanas. Já falamos aqui de como os judeus buscavam a cura em um templo de Esculápio construído em Jerusalém.

Diante de toda essa mistura cultural, o fascínio do povo jamais seria atraído para um herói que chegasse montado em um jumento. Os reis e generais babilônios, persas, gregos e, agora, os romanos, costumavam fazer suas entradas triunfais montados em belos cavalos brancos. O jumento continuava sendo um animal muito útil nos trabalhos domésticos e nas viagens, por sua força e resistência, mas se alguém queria mostrar poder e nobreza, escolheria um cavalo. No entanto, Jesus escolhe um jumento.

O primeiro motivo que o leva a fazer esta escolha é o cumprimento de uma profecia de Zacarias, que diz:

Alegre-se muito, cidade de Sião! Exulte, Jerusalém!
Eis que o seu rei vem a você, justo e vitorioso,
humilde e montado num jumento, um jumentinho, cria
de jumenta (Zacarias 9:9 – NVI).

Essa sua entrada em Jerusalém, além de muito significativa, também cumpria a profecia de Zacarias. A aclamação do povo, então, não tinha a ver com a grandeza da entrada em si, mas com a lembrança da

profecia, e com o fato de Jesus já ser reconhecido por grande parte do povo, principalmente aqueles que o acompanhavam em sua chegada a Jerusalém, como o Messias, o “rei que vem em nome do Senhor”.

Obviamente essa “entrada triunfal” atraiu para Jesus mais atenção do que ele precisava naquele momento, já que estava sendo procurado para ser morto. Mas ele não parou por aí. Logo após entrar em Jerusalém, com toda aquela algazarra, Jesus vai até o templo e faz o que conhecemos como “a segunda purificação do templo”. As festas que aconteciam no templo não eram muito diferentes das que vemos hoje nas igrejas. Apareciam todo tipo de aproveitadores, para ganhar algum dinheiro em cima da fé das pessoas. Em um misto de coragem e audácia, Jesus expulsa todos esses aproveitadores do templo mais uma vez, e ainda fica, tranquilamente, ensinando por lá. É claro que os que tentavam matá-lo, não tendo qualquer prova contra ele para prendê-lo, não podiam fazer isso na frente de toda aquela multidão que o cercava e cria nele.

Como sempre fazia depois de uma discussão com os mestres da lei ou fariseus, Jesus conta uma parábola para transformar em linguagem popular o tema discutido. Nessa parábola, o Negro Nazareno mostra a diferença entre o discurso e a atitude:

O que acham? Havia um homem que tinha dois filhos. Chegando ao primeiro, disse: ‘Filho, vá trabalhar hoje na vinha’. E este respondeu: ‘Não quero!’ Mas depois mudou de ideia e foi. O pai chegou ao outro filho e disse a mesma coisa. Ele respondeu: ‘Sim senhor!’ Mas não foi. Qual dos dois fez a vontade do pai? ‘O primeiro’, responderam eles. Jesus lhes disse: ‘Digo-lhes a verdade: os publicanos e as prostitutas

estão entrando antes de vocês no Reino de Deus’
(Mateus 21:28-31 – NVI).

Ao ler esta parábola, um fundamentalista pensa logo naquilo que ela entende como conversão. O publicano deixa de ser publicano, aceita a Jesus e um dia, se perseverar até o fim, é salvo e entrará no reino de Deus. A prostituta para de se prostituir, aceita a Jesus, para um dia entrar no Reino de Deus. Mas, está muito claro que não é isso que Jesus está dizendo. O que ele está dizendo é que publicanos e prostitutas estão entrando imediatamente no Reino de Deus, enquanto os religiosos estão ficando de fora. Como já falamos, o Reino de Deus não é uma coisa futura, para depois da morte, em algum lugar com anjos tocando harpas e corais cantando; o reino de Deus é algo para ser vivenciado aqui e agora, e por pecadores como nós. afinal, o Reino de Deus nada mais é do que a vontade de Deus agindo através de pessoas comuns, independentemente do cumprimento de regras religiosas ou morais. Como disse o próprio Jesus: “O Reino de Deus está entre nós”.

A CÉSAR O QUE É DE CÉSAR

Em sua empreitada na busca de motivos para prender Jesus, os fariseus armam mais uma pegadinha com a intenção de pegá-lo em alguma contrariedade. No capítulo 22 de seu evangelho, Mateus narra essa abordagem da seguinte forma:

Enviaram-lhe seus discípulos juntamente com os herodianos que lhe disseram: ‘Mestre, sabemos que és íntegro e que ensinas o caminho de Deus conforme a verdade. Tu não te deixas influenciar por ninguém, porque não te prendes à aparência dos homens. Dize-nos, pois: Qual é a tua opinião? É certo pagar imposto a César ou não?’ Mas Jesus, percebendo a má intenção deles, perguntou: ‘Hipócritas! Por que vocês estão me pondo à prova? Mostrem-me a moeda usada para pagar o imposto’. Eles lhe mostraram um denário, e ele perguntou: ‘De quem é esta imagem e esta inscrição?’ ‘De César’, responderam eles. E ele lhes disse: ‘Então, deem a César o que é de César e a Deus o que é de Deus’” (Mateus 22:16-23 – NVI).

Além do descarado sarcasmo em forma de bajulação, os fariseus apresentam a Jesus uma pergunta capciosa: “É certo pagar imposto a César ou não?”. Essa era só mais uma das muitas armadilhas que prepararam em Jerusalém para justificar a decisão que já tinham tomado de matar Jesus. Na cabeça dos fariseus, ele não teria como escapar dessa armadilha, afinal era uma pergunta para a qual existiam

apenas duas respostas possíveis: sim ou não. Caso ele respondesse “sim”, eles o acusariam de trair o povo judeu, apoiando o Império Romano que os oprimia. Respondendo “não”, ele seria acusado de trair o Império, que era, então, o poder legitimado, ainda que pela força. De qualquer forma, eles teriam motivo para prendê-lo. É o que achavam, mas Jesus era muito esperto para cair nessa armadilha.

Embora este seja um dos textos usados para justificar a cobrança dos dízimos nas igrejas, não é possível fazer isso sem dar muitas “cambalhotas” no texto, pois, claramente, o que Jesus fala nada tem a ver com dízimo. A contribuição deve ser sempre voluntária, e com foco nas necessidades da comunidade. O alvo de qualquer igreja que se diz cristã deve sempre servir a comunidade. A manipulação de textos como este, assim como o mais preferido Malaquias 3:10 e outros, visando forçar os fiéis uma contribuição que, muitas vezes, vai além de suas possibilidades, tem enriquecido muitas lideranças, arrancando daqueles que têm pouco ou nada. Isso não tem absolutamente nada a ver com a mensagem do Cristo. É apenas mais um ato covarde e criminoso praticado em nome de Jesus.

O que, então, Jesus quis dizer com “dê a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”. A resposta é muito simples. Ao mostrar a imagem e a inscrição de César na moeda, e afirmar que o dinheiro pertencia a César, ele mostra que Deus nada tem a ver com dinheiro. Ao mesmo tempo em que escapa da armadilha dos fariseus, Jesus lhes dá uma bela cutucada, já que César não era o único a oprimir o povo com cobranças; além do comércio feito no templo, que tanto irritava a Jesus, os religiosos cobravam do povo pesadas taxas religiosas.

Enquanto a investida dos fariseus prossegue, Jesus continua a ensinar aos discípulos sobre a contribuição. O evangelho de Marcos narra que,

pouco depois dessa conversa, Jesus se assenta para observar as contribuições feitas no templo. Vejamos:

Jesus sentou-se em frente do lugar onde eram colocadas as contribuições, e observava a multidão colocando o dinheiro nas caixas de ofertas. Muitos ricos lançavam ali grandes quantias. Então, uma viúva pobre chegou-se e colocou duas pequeninas moedas de cobre, de muito pouco valor. Chamando a si os seus discípulos, Jesus declarou: 'Afirmo-lhes que esta viúva pobre colocou na caixa de ofertas mais do que todos os outros. Todos deram do que lhes sobrava; mas ela, da sua pobreza, deu tudo o que possuía para viver' (Marcos 12:41-44 – NVI).

Através desse texto, podemos entender a ideia de Jesus sobre contribuição. Percebemos que a matemática de Jesus – se é que ele tem uma – é bem diferente da nossa. Quem contribui mais não quem coloca a maior quantia, mas quem retém menos. No caso, a viúva que deu tudo o que tinha, não reteve nada. Aqueles que doavam uma quantia maior, certamente estavam dando o que sobrava de seus grandes lucros, e retendo muito mais do que precisavam para viver. Deixando claro, aqui, que Jesus não estava elogiando o fato de a viúva ter dado tudo o que tinha, mas desconstruindo na cabeça dos discípulos a ideia de que contribui melhor quem doa a maior quantia.

Assim como nos dias de hoje, havia no templo, as pessoas que usavam a contribuição como forma de estabelecer status, basta dar uma olhada na parábola do fariseu e do publicano. Jesus procura nos fazer entender que no Reino de Deus a matemática é inversa: contribui mais quem retém menos. A contribuição transformou-se em forma de

enriquecimento de lideranças. Isso é cruel e diabólico. Reafirmamos que a igreja deve atender ao necessitado e não o extorquir, deixando o pobre ainda mais pobre, enquanto aquele que deveria ser pastor se torna mercenário, vivendo às custas das ovelhas. Um dos motivos da grande irritação do Negro Nazareno contra os religiosos era a manipulação que exerciam sobre o povo para tirar deles o pouco que tinham, a fim de atender a sua própria ganância.

COMO AMAR E SERVIR A DEUS

Ao longo dos séculos, e sob efeito das diversas culturas que lhe serviram de filtros, o cristianismo sofreu tantas distorções, que hoje se torna fácil encontrar pessoas se declarando cristãs, mas com comportamento totalmente avesso ao que pensava, vivia e ensinava o próprio Cristo. Essa influência cultural começou já nos primórdios da igreja, provocando a convocação do primeiro concílio em Jerusalém. Com grande sabedoria, Tiago, naquela ocasião, conseguiu arrancar algumas das amarras religiosas judaicas que atrapalhavam o livre avanço da mensagem de Jesus, mas não todas elas; muitas dessas amarras permanecem no cristianismo até hoje.

Neste capítulo, buscaremos jogar luz sobre o pensamento do Negro Nazareno acerca do amor e a adoração dirigidos a Deus. Os textos que estudaremos fazem parte de um verdadeiro bombardeio de armadilhas teológicas lançadas sobre Jesus, tanto pelos fariseus quanto pelos saduceus, que eram as duas correntes religiosas mais fortes daquela época.

Foram todos esses ataques que levaram Jesus a uma verdadeira explosão de xingamentos contra os fariseus, registrada no capítulo 23 do evangelho de Mateus, onde ele xinga esses religiosos nada menos que quinze vezes. E não se diga que as palavras usadas; “hipócritas”, “sepulcros caiados”, “raça de víboras”, “serpentes”, “cegos” e “guia de cegos”, fossem xingamentos leves. É preciso lembrar que, embora “fariseu” seja, hoje, um xingamento gospel, estamos falando do grupo religioso muito bem quisto na época, eram aqueles que procuravam levar a Lei ao pé da letra e cumpri-la com rigor absoluto. As palavras

lançadas contra eles por Jesus, em público, eram mais que ofensivas. Jesus fez questão de escolher palavras que realmente machucassem; embora fossem muito verdadeiras, o que só faz machucar ainda mais.

O texto a seguir mostra que esses religiosos estavam fazendo uma espécie de revezamento nesse ataque:

Ao ouvirem dizer que Jesus havia deixado os saduceus sem resposta, os fariseus se reuniram. Um deles, perito na lei, o pôs à prova com esta pergunta: 'Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?' Respondeu Jesus: "Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração, e de toda a sua alma e de todo o seu entendimento ". Este é o primeiro e maior mandamento. E o segundo é semelhante a ele: 'Ame o seu próximo como a si mesmo' (Mateus 22:34-40 – NVI).

A primeira coisa que precisamos entender neste texto é que Jesus, ao responder à pergunta do mestre da lei, estava apenas citando a lei, e não afirmando que ela estava correta. Aliás, lá no sermão da montanha, ele já havia feito uma reinterpretação da lei, desconstruindo todo o peso que ela trazia. Então, podemos afirmar que Jesus não ensinou que precisamos amar ao próximo como amamos a nós mesmos. Até porque isso seria muito complicado, pois sabemos que muita gente não se ama nem um pouquinho e, nesse caso, essa pessoa poderia sair agredindo aos outros, justificando que só está dando aos outros o tratamento que dá a si mesmo.

Mas Jesus nos ensina sim como amar. Porém, esse ensinamento de Jesus está em outro texto, no evangelho de João, onde Ele afirma:

Um novo mandamento lhes dou: Amem-se uns aos outros. Como eu os amei, vocês devem amar-se uns aos outros. Com isso, todos saberão que vocês são meus discípulos, se vocês se amarem uns aos outros (João 13:34-35 – NVI).

Agora sim, podemos dizer que estas são palavras de Jesus. E isso complica bastante as coisas, pois Jesus foi muito mais além do que nos amar como se amava. Alguém que foi humilhado e morto por nos amar não estava apenas cumprindo a Lei, amando ao “próximo como a si mesmo”, ele entregou a vida por amor de seus amigos. Então, a responsabilidade de todo aquele que se diz discípulo de Jesus é muito maior do que amar como se ama; é amar como Jesus amou.

Da mesma forma, o Negro Nazareno nos ensina como amar a Deus. Aliás, ele não somente dá a receita de como amar a Deus, mas também nos mostra como podemos adorar a Deus. Vejamos:

“Quando o Filho do homem vier em sua glória, com todos os anjos, assentar-se-á em seu trono na glória celestial. Todas as nações serão reunidas diante dele, e ele separará umas das outras como o pastor separa as ovelhas dos bodes. E colocará as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda. Então, o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: ‘Venham, benditos de meu Pai! Recebam como herança o Reino que lhes foi preparado desde a criação do mundo. Pois eu tive fome, e vocês me deram de comer; tive sede, e vocês me deram de beber; fui estrangeiro, e vocês me acolheram; necessitei de roupas, e vocês me vestiram; estive enfermo, e vocês cuidaram de mim;

estive preso, e vocês me visitaram’. Então os justos lhes responderão: ‘Senhor, quando te vimos com fome e te demos de comer, ou com sede e te demos de beber? Quando te vimos como estrangeiro e te acolhemos, ou necessitado de roupas e te vestimos? Quando te vimos enfermo ou preso e fomos te visitar?’ O Rei responderá: ‘Digo-lhes a verdade: o que vocês fizeram a algum dos meus menores irmãos, a mim o fizeram?’. Então ele dirá aos que estiverem à sua esquerda: ‘Malditos, apartem-se de mim para o fogo eterno, preparado para o diabo e os seus anjos. Pois eu tive fome, e vocês não me deram de comer; tive sede, e nada me deram para beber; fui estrangeiro, e vocês não me acolheram; necessitei de roupas, e vocês não me vestiram; estive enfermo e preso, e vocês não me visitaram’. Eles também responderão: ‘Senhor, quando te vimos com fome ou com sede ou estrangeiro ou necessitado de roupas ou enfermo ou preso, e não te ajudamos?’ Ele responderá: ‘Digo-lhes a verdade: o que vocês deixaram de fazer a alguns destes mais pequeninos, também a mim deixaram de fazê-lo’ (Mateus 25:31-45 – NVI).

Precisamos entender de uma vez por todas que Deus não precisa de nós para nada. A ideia de um deus assentado em um trono esperando ansiosamente pela adoração, que sobe como uma fumaça e é aspirada por ele, para que se sinta bem, não só é absurda e fantasiosa, mas também apresenta um deus frágil e dependente. O encontro comunitário

para compartilhar sentimentos, seja através da música, da troca de experiências, ou qualquer outra motivação para estar juntos, é uma necessidade nossa, não de Deus. E para aqueles que pensam que, no encontro de Jesus com a mulher samaritana, ele tenha falado sobre adoração, e por isso Deus precisaria ser adorado, queremos lembrar que, naquela ocasião, Jesus desconstrói o pensamento da mulher que só conseguia conceber a adoração feita em templos; ele, então mostra para a mulher que a verdadeira adoração não acontece em templos, mas tem a ver com uma postura diante da vida.

Como podemos, então, adorar a Deus? Jesus mostra na parábola acima a verdadeira forma de amá-lo e adorá-lo: façam aos pequeninos. E não são poucos os pequeninos que nos cercam. Muitos deles são tão pequeninos que passam despercebidos. Em seu caminho para o templo para “adorar a Deus”, você pode ter passado por vários desses pequeninos jogados nas calçadas, drogando-se ou vendendo o próprio corpo nas esquinas. São crianças maltratadas, idosos abandonados, meninas e meninos lançados à prostituição e ao tráfico e uso de drogas por um sistema político que visa o lucro e despreza as pessoas; são pessoas massacradas por conta de sua opção ou orientação sexual, ou pela cor da pele. Pequeninos que não atraem a nossa atenção porque continuamos olhando para em cima em busca de Deus, quando deveríamos olhar para os lados.

O evangelista João inicia seu livro dizendo que “o verbo se fez carne”. Mas esta é mais uma afirmação que achamos muito bonitinha, por isso ficamos repetindo, sem procurar entender o sentido. Deixe-nos, então, traduzir isso para uma linguagem mais próxima; o que João quis dizer é que “Deus se fez gente”. Esse pensamento de João se torna mais claro quando ele o expõe em uma de suas cartas, dizendo:

Se alguém afirmar: 'Eu amo a Deus', mas odiar seu irmão, é mentiroso, pois quem não ama seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê (1 João 4:20 – NVI).

João entendeu perfeitamente a mensagem de Jesus. Se Deus tornou-se gente, todo e qualquer relacionamento com Deus passa pelas pessoas. Amamos a Deus quando amamos gente; servimos a Deus quando servimos gente; adoramos a Deus quando cuidamos de gente. Concluímos, assim, que o relacionamento com Deus não deve ser vertical, mas horizontal. É servindo aos necessitados que estaremos servindo a Deus.

HIERARQUIAS

Se você faz parte de alguma comunidade cristã, seja ele evangélica ou católica, já deve ter tido algum contato com a briga por posições hierárquicas que acontecem nas igrejas. Como vamos ver no texto abaixo, essa briga não é nova, começou em uma conversa entre a mãe de dois dos apóstolos com Jesus:

Então, aproximou-se de Jesus a mãe dos filhos de Zebedeu com seus filhos e, prostrando-se, fez-lhe um pedido. ‘O que você quer?’, perguntou ele. Ela respondeu: ‘Declara que no teu Reino estes meus dois filhos se assentarão um à tua direita e outro à tua esquerda’. Disse-lhes Jesus: ‘Vocês não sabem o que estão pedindo. Podem vocês beber o cálice que eu vou beber? ‘Podemos’, responderam eles. Jesus lhes disse: ‘Certamente vocês beberão do meu cálice; mas ao assentar-se à minha direita ou à minha esquerda não cabe a mim conceder. Esses lugares pertencem àqueles para quem foram preparados por meu Pai’. Quando os outros dez ouviram isso, ficaram indignados com os dois irmãos. Jesus os chamou e disse: ‘Vocês sabem que os governantes das nações as dominam, e as pessoas importantes exercem poder sobre elas. Não será assim entre vocês. pelo contrário, quem quiser tornar-se importante entre vocês deverá ser servo, e quem quiser ser o primeiro deverá ser escravo; como o Filho do homem, que não

veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos' (Mateus 20:20-28 – NVI).

Como podemos notar, essa organização em hierarquias pode ter tudo a ver com reinos humanos, mas nada a ver com o Reino de Deus anunciado por Jesus. Pelo contrário, no reino de Deus o alvo é sempre o outro. Dessa forma, a honra é sempre oferecida, nunca reivindicada. O maior no Reino de Deus é aquele que se propõe a servir ao outro, e Jesus foi o grande exemplo desse serviço.

O individualismo é uma característica de nossa cultura, e foi a partir desse sentimento egoísta que foi construída a ideia da meritocracia. Aprendemos desde muito cedo a lutar por uma posição na sociedade. Esse competitivismo é levado para as igrejas, ou aprendido lá mesmo. A verdade é que o ensino de Jesus é totalmente ignorado ou transformado em instrumento de competitividade. As pessoas brigam por cargos na igreja; querem uma posição na hierarquia eclesiástica. Depois de se tornarem cooperadores, querem ser diáconos, depois querem ser presbíteros, depois pastores. Então, quando não encontram mais espaço para subir na hierarquia, começam a inventar postos de liderança que atendam ao seu egocentrismo: bispos, apóstolos, anciãos, patriarcas etc.

O absurdo e egoísta pedido dos filhos de Zebedeu continua a ser feito nas orações de muitos cristãos. Todos querem uma posição na hierarquia porque, ao contrário do que ensinou o Negro Nazareno, continuamos olhando para o próprio umbigo, quando deveríamos olhar para o outro. Queremos ser servidos, quando o objetivo de todo aquele que quer fazer parte desse Reino deve ser o de servir ao próximo.

O FIM DOS TEMPOS

Um dos temas considerados mais importantes para o fundamentalismo cristão é a escatologia. E o texto que apresentaremos neste capítulo é um dos mais usados para se falar do futuro, embora o futuro do qual Jesus fala no texto já tenha virado passado há muito tempo, como veremos. Vamos ao texto:

Jesus saiu do templo e, enquanto caminhava, seus discípulos aproximaram-se dele para lhe mostrar as construções do templo. ‘Vocês estão vendo tudo isto?’, perguntou ele. ‘Eu lhes garanto que não ficará aqui pedra sobre pedra; serão todas derrubadas’. Tendo Jesus se assentado no monte das Oliveiras, os discípulos dirigiram-se a ele em particular e disseram: ‘Dize-nos, quando acontecerão essas coisas? E qual será o sinal de sua vinda e do fim dos tempos?’ (Mateus 24:1-3 – NVI).

Como já afirmamos diversas vezes neste livro, toda leitura, e em especial a leitura bíblica, é contaminada pelos diversos filtros culturais que trazemos, sem que percebamos isso. Crenças que determinam como enxergamos a vida e interpretamos as informações que recebemos, por qualquer meio, estão tão enterradas dentro de nós que acabamos aceitando como se fossem nossas as interpretações que, na verdade, fomos programados há muito tempo.

A interpretação dada por fundamentalistas cristãos ao texto de Mateus 24 é, não apenas equivocada, mas muito provavelmente,

mal-intencionada. A ideia de que em um momento futuro Deus destinará parte da humanidade ao gozo eterno e outra parte ao tormento eterno é o principal instrumento de controle e manipulação dos fiéis. Embora isso nada tenha a ver com os ensinamentos de Cristo, são muitos os cristãos que conservam um comportamento correto por medo das chamas do inferno.

Do que, então, Jesus falava em Mateus 24? Basta tirarmos as lentes do fundamentalismo e lermos de forma mais “limpa” o texto, para entendermos que o assunto era o que aconteceria com o templo e com Jerusalém. A conversa entre Jesus e os discípulos principia com a admiração destes diante da grandiosidade do templo, o que leva o Mestre a revelar que tudo aquilo seria destruído, o que realmente aconteceu no ano 70 d.c.

Como já dissemos, a Judeia estava dominada pelo Império Romano. No ano 6 d.c. ela se torna oficialmente uma Província Romana. Mas esse domínio não é pacífico como pode parecer, embora houvesse judeus simpatizantes do domínio romano. Aliás, o próprio Jesus era um revolucionário que tinha os romanos e seus amigos judeus como alvo de ataques em seus discursos. Além disso, muitos grupos se armaram com o objetivo de expulsar o Império Romano da Judeia. Um desses grupos era chamado de Sicários, que organizava ataques isolados com armas curtas (sicas), fáceis de esconder em seus mantos.

Estas rebeliões se intensificaram a partir do ano 66, transformando-se no que é chamado de Grande Revolta Judaica. Para resolver a situação, o imperador envia para a Judeia o sanguinário general Tito, que transformou a cidade em ruínas e destruiu o principal símbolo da religião judaica, o templo de Salomão. Foram centenas de milhares de judeus mortos ou escravizados pelos romanos. Fim dos tempos? Não.

Mas, certamente o fim de um tempo para Israel, que só em 1948, quase quinze séculos depois, conquistou o direito de voltar a ser uma nação.

Outro texto interpretado como escatológico é o sermão dado por Jesus durante a última ceia, começando pelo capítulo 14 de João. Transcreveremos apenas três versículos, a partir dos quais podemos entender do que Jesus falava nesse discurso:

E eu pedirei ao Pai, e ele lhes dará outro Conselheiro para estar com vocês para sempre, o Espírito da verdade. O mundo não pode recebê-lo, porque não o vê nem o conhece. Mas vocês o conhecem, pois ele vive com vocês e estará em vocês. Não os deixarei órfãos; voltarei para vocês (João 14:16-18 – NVI).

Durante a ceia, a ficha dos discípulos começa a cair. Eles percebem que Jesus realmente será morto e ficarão sozinhos. Jesus então começa a consolar os discípulos e prepará-los para o tempo em que ele estaria ausente. Parece claro, então, que ao falar de sua “volta”, ele falava de uma continuidade da presença divina com seus seguidores. E esta volta aconteceu com a descida do Espírito Santo. Não há muito que se dizer do futuro, mas, quando passamos a vida fixados em um porvir, preocupados em adivinhar como será esse futuro, deixamos de viver o nosso presente. Enquanto pensamos no pós-morte, a vida que o Negro Nazareno nos ensinou a viver vai sendo roubada de nós.

A verdade é que, em algum momento de sua história, o cristianismo foi fortemente influenciado pelo platonismo, de forma que o que temos hoje é, no mínimo, um cristianismo neoplatônico; uma espécie de Jesus vestido desse platonismo. No dualismo platônico, o mundo se divide em duas esferas: a esfera sensível e a esfera inteligível. O que também

pode ser chamado de mundo dos sentidos e mundo das ideias. Para Platão, esse mundo dos sentidos é inferior e enganoso, por isso, o desejo de cada ser humano deve ser o de viver no mundo das ideias. Semelhantemente temos nosso próprio mundo das ideias, mas conhecemos isso como mundo secular e mundo cristão e, desde então, muitos cristãos passaram a tentar viver fora do mundo, em busca de uma vida fora do tempo e do espaço presentes.

Na verdade, Jesus nunca fez essa divisão, nem nos ensinou a buscar uma vida fora do mundo. Pelo contrário, em sua oração, feita durante a última ceia, ele pede ao Pai que não nos tire do mundo, vejamos:

Não rogo que os tires do mundo, mas que os protejas
do Maligno (João 17:15 – NVI).

A decisão cristã de viver uma vida fora do mundo nada tem a ver com o evangelho. Nietzsche foi criticado e demonizado por seu ataque ao cristianismo de sua época. O desprezo cristão pela vida presente em prol de outra depois desta, foi o ponto mais criticado por ele. Ele tinha toda razão. Em nosso entendimento, nesse debate entre os cristãos e o filósofo, quem estava defendendo o autêntico cristianismo era Nietzsche, enquanto seus opositores defendiam um platonismo disfarçado de cristianismo.

E essa preleção de que esse mundo está condenado e um outro, fantástico e invisível, deve ser buscado, não é apenas inocente. Toda distorção das palavras de Jesus feita pelos “donos das narrativas” é mal-intencionada. Assim como fez parte da igreja católica, dominante na idade média, parte das lideranças evangélicas de hoje vão acumulando riquezas e mais riquezas aqui nesse “mundo secular”, enquanto seus fiéis vão renunciando à própria vida, em busca de um porvir.

O Negro Nazareno prepara os seus seguidores não para viver fora do mundo, mas para transformá-lo e conservá-lo, sendo sal da terra e luz do mundo. Temos um divino compromisso com a melhoria do mundo em que vivemos. É aqui e agora que a vida acontece, e é aqui e agora que devemos desenvolver uma espiritualidade que nos leve a valorizar a vida, e não a desprezar.

JESUS BAD VIBE

No Getsêmani, Jesus enfrenta o momento mais crucial de seu ministério. Pedro, Tiago e João, os amigos mais próximos, são chamados para estar com ele nesse momento tão difícil, mas até eles são vencidos pelo sono, deixando-o só.

Disse-lhes então: ‘A minha alma está profundamente triste, numa tristeza mortal. Fiquem aqui e vigiem comigo’. Indo um pouco mais adiante, prostrou-se com o rosto em terra e orou: ‘Meu Pai, se for possível, afasta de mim este cálice; contudo, não seja como eu quero, mas sim como tu queres’ (Mateus 26:38-39 – NVI).

A angústia de Jesus nesse momento, sabendo o sofrimento e humilhação que o esperava, era algo indescritível. Lucas, o evangelista médico, diz que o seu suor se transformou em sangue, o que a medicina chama hoje de hematidrose, fenômeno raro, mas possível, consistente no rompimento de vasos capilares, provocado por emoção profunda ou grande medo.

Não acredito que Jesus temesse tanto assim a morte a ponto de pedir que o Pai o salvasse, mas a tortura, a vergonha, a humilhação a que seria submetido era algo muito pior que a própria morte. Por isso, no ápice dessa angústia, pede ao Pai a morte. Não sei o que você entende da oração de Jesus: “Afasta de mim esse cálice”, mas certamente ele não estava pensando em mudar tudo o que tinha feito ou falado, até então, para levar uma vida normal. Ou pedir que anjos destruíssem os

seus algozes, para que continuasse o que vinha fazendo. Talvez, naquele momento, o que ele pedia ao Pai era uma saída menos dolorosa.

O que queremos é que você, cristão, pense um pouco mais sobre isso, antes de dizer que o suicida vai para o inferno. Já falamos bastante aqui para esclarecer essa questão do inferno, ou dos infernos. Mas, talvez, o que o suicida procura é justamente uma saída do inferno em que pode estar vivendo. Condenar o suicida não vai ajudar em nada, e ainda vai piorar o estado de frustração e impotência em que a família se encontra, depois de um ato tão extremo. Aquela angústia com cheiro de morte que se abateu sobre Jesus não o desabilita de forma nenhuma como nosso salvador, apenas mostra a sua humanidade. E é exatamente sendo humano que ele nos mostra o caminho da salvação.

A questão do suicídio não deve ser ignorada, nem receber respostas simplistas e inadequadas, como: “foi para o inferno” ou “perdeu a salvação”. Em um momento em que esse mal vem crescendo assustadoramente, atingindo pessoas cada vez mais jovens, e até mesmo crianças, a resposta cristã precisa ser mais efetiva e alinhada com o pensamento do Cristo da Galiléia. Precisamos aprender a salvar as almas, não de forma religiosa, impondo dogmas e cultivando uma culpa adoece nas pessoas. Mas tratando as angústias da alma; ouvindo mais as pessoas, ao invés de fazê-las engolir horas e horas de preleções hipócritas, feitas para acariciar o próprio ego do pregador.

Não precisamos de um Cristo com o dedo em riste, apontando pecados e condenando pessoas ao tormento eterno. Não precisamos de um Cristo que privilegia uns e tortura outros, conforme lhe convém. Precisamos do Cristo que conhece a angústia da alma em seu nível

máximo. O Negro Nazareno, que revela no jardim do Getsêmani o mais profundo de sua humanidade. É este o Cristo em quem cremos.

CRENTE ARMADO?

Fazemos, neste capítulo, um parêntese na narrativa das últimas horas de Jesus para falar de um incidente que aconteceu durante sua prisão. Para os cristãos que defendem o armamentismo, esse texto dá base para suas ideias:

Um dos que estavam com Jesus, estendendo a mão, puxou a espada e feriu o servo do sumo sacerdote, decepando-lhe a orelha. Disse-lhe Jesus: ‘Guarde a espada! Pois todos os que empunham a espada, pela espada morrerão (Mateus 26:51-52 – NVI).

A própria ideia de se defender armas no campo da fé cristã é totalmente absurda, especialmente em um país com sérios problemas de violência. E dizer que o uso de armas tem base bíblica não justifica nada, pois a Bíblia pode dar base para qualquer absurdo que você inventar. Só para exemplificar, basta dar uma olhada em seu redor, e você vai encontrar líderes religiosos praticando a poligamia com base bíblica; outros praticam o abuso sexual dentro de suas igrejas, com base bíblica; sem esquecer que grande maioria das igrejas evangélicas os fiéis são deprimidos até o osso, tudo com base bíblica. Você pode fazer absolutamente qualquer absurdo, incluindo crimes como o de assassinato e escravidão, com base bíblica.

Mas, apenas para deixar isso mais claro, vamos analisar a tal base bíblica. Em primeiro lugar, temos aqui, mais uma vez, um problema de tradução. Aquilo que é traduzido por espada, era na verdade uma “machairan”, que pode ser traduzida como pequena espada, tipo um

facão. Assim como temos em lugares remotos pessoas que andam com um facão para uso diversos, era comum que as pessoas andassem com um utensílio desse tipo para cortar galhos ou matar animais para a alimentação, por exemplo. A verdade é que Pedro, que segundo a narrativa do evangelho de João era o discípulo em questão, fez uso desse equipamento para atacar um dos que prenderam a Jesus.

Então, temos o segundo ponto. A repreensão de Jesus contra o uso da violência é imediata. Jesus jamais pregou e praticou a violência, mesmo que seja usada sob o pretexto de combater a violência. Até porque, com violência só se consegue gerar mais violência. E isso está presente na fala de Jesus: “Quem faz uso da espada morre pela espada”. Já falamos aqui de duas reações agressivas de Jesus contra o mau uso do templo, mas isso aconteceu dentro de um contexto específico, e foi algo muito diferente do uso de armas contra outra pessoa.

Então, mesmo discordando, podemos até entender a contrariedade de militares e ruralistas diante do Estatuto do Desarmamento, instituído no Brasil. O que não dá para entender é como a ideia do rearmamento é comprada por pessoas comuns, que se dizem cristãs. E dizer que o aumento da criminalidade e da violência está relacionada ao desarmamento, além de ser, por si só, uma grande incongruência, é atestar a total ineficiência do Estado em desempenhar o seu papel na proteção do cidadão.

A falta de políticas públicas mais eficientes, não só na área da segurança, mas, principalmente na área social, não pode ser suprida com o armamento do cidadão. O Brasil requer, há muito tempo, políticas visando a transformação social. Esperava-se que alguém portando a Bíblia no Congresso pudesse sinalizar caminhos nesse sentido, seguindo o exemplo do mestre Jesus, mas preferiram, assim como os

religiosos da época do Cristo, valorizar mais o dogma do que a vida. Qualquer discussão sobre uso de armas simplesmente não cabe no contexto cristão. A revolução do Cristo não tinha base na força do braço, mas na força do coração. A transformação do mundo de dentro para fora, espalhando o bem através dos laços de afetos, e não da agressão.

JUDAS, O TRAIADOR

Neste capítulo, falaremos de um dos mais odiados apóstolos de Jesus. Aquele que se tornou o próprio símbolo da traição: Judas Iscariotes, o homem que vendeu Jesus por trinta moedas de prata. Faremos isso a partir da narrativa do evangelista Mateus sobre o momento em que Judas procura os chefes dos sacerdotes para concretizar sua traição:

Então, um dos Doze, chamado Judas Iscariotes, dirigiu-se aos chefes dos sacerdotes e lhes perguntou: ‘O que me darão se eu o entregar a vocês?’ E eles lhes fixaram o preço: trinta moedas de prata. Desse momento em diante Judas passou a procurar uma oportunidade para entregá-lo (Mateus 26:14-16 – NVI).

Depois que se tornou símbolo de traição, ninguém quer pôr no filho o nome de “Judas”. Mas esse era um nome muito comum na Judéia, e sua raiz vinha do próprio patriarca da tribo, Judá. Havia, inclusive, um outro apóstolo de Jesus com o mesmo nome, também chamado de Tadeu, além de outros Judas, escritor da carta que consta do cânon sagrado que, segundo a tradição, seria irmão de Jesus.

A informação que temos sobre nosso personagem é que ele veio de uma aldeia chamada Queriot, daí o seu nome Judas Iscariotes (Judas de Queriot). Não temos informações sobre o momento em que Jesus tenha chamado Judas para fazer parte dos doze, mas algumas linhas teológicas defendem que ele pode ser o mestre da lei que decidiu seguir

a Jesus, conforme descrito em Mateus 8:19, o que faz muito sentido, a começar pela resposta de Jesus:

...As raposas têm suas tocas e as aves do céu seus ninhos, mas o Filho do homem não tem onde repousar a cabeça (Mateus 8:20 – NVI).

Considerando ser este o apóstolo em questão, tratava-se de alguém acostumado ao luxo, ao conforto. Jesus não o impede de segui-lo, mas dá o alerta: a vida de conforto seria abandonada. Ao que parece, Judas pode ter tentado esquecer o seu passado, mas nunca deixou de se apegar ao dinheiro. Quando a mulher derrama sobre Jesus um caro perfume, ele logo protesta, dizendo que o perfume poderia ser vendido para que o valor arrecadado fosse dado aos pobres. Mas, o mesmo texto diz que ele, que em algum momento se tornara o tesoureiro do grupo, costumava desviar o dinheiro que entrava.

Podemos, então, concluir que o que levou Judas a trair não foram questões políticas, como alguns afirmam. Até porque o grupo dos Sicários, ao qual supostamente ele pertenceria, só se formou cerca de vinte anos após a morte de Cristo. Não se diga, também, que Judas estivesse predestinado a trair, pois, nesse caso, ele seria apenas um fantoche nas mãos de um deus manipulador; que empurra Judas para a traição, e depois o leva ao suicídio, e ainda o manda para o inferno para continuar a ser torturado. Cremos que já deixamos claro o que pensamos sobre essa ideia absurda de um deus manipulador.

Judas traiu Jesus porque viu a oportunidade de ganhar algum dinheiro e, provavelmente, não tenha se adaptado ao estilo de vida minimalista proposto por ele. O valor ajustado com os sacerdotes foi trinta moedas de prata. Esse era, na tradição judaica, o valor da indenização pela

morte de um escravo ou animal de alguém. Atribuindo este valor, os sacerdotes estavam mostrando a Judas o desprezo que sentiam pelo seu Mestre.

Ao ver o resultado de sua traição, Judas não suportou; ao invés de arrepender-se e seguir em frente, foi tomado pelo remorso, tentou devolver o dinheiro, que não foi aceito pelos sacerdotes. Diante da condenação de Jesus à morte, Judas não conseguiu mais encontrar um caminho para sair da situação em que se enfiou, por isso decidiu tirar a própria vida.

Há uma aparente contradição entre os evangelhos, que afirmam que Judas enforcou-se, e o primeiro capítulo de Atos dos Apóstolos, onde diz que seu corpo se partiu ao meio, expondo as vísceras. Uma suposição sobre essa possível contradição é que as duas coisas aconteceram. O suicídio de Judas aconteceu por ocasião da Páscoa, quando ninguém podia fazer nada. Assim, o corpo de Judas, após enforçar-se, pode ter ficado exposto por um longo tempo, a ponto de entrar em estado de putrefação e cair de onde se encontrava pendurado, espatifando-se e expondo suas vísceras.

SANTA CEIA

A santa ceia é considerada um dos sacramentos da igreja. Mas, obviamente, Jesus não estava pensando em sacramento quando resolveu fazer sua última refeição junto aos seus amigos. Na verdade, essa mania de sacramentar coisas e atos faz parte da religiosidade, e, como já dissemos, religião não era o forte de Jesus. Embora, a Páscoa fizesse parte das festas religiosas dos judeus, aquele jantar tinha um significado muito mais que religioso para Jesus. Sua morte se aproximava, e ele sabia disso. Neste capítulo, falaremos do início dessa última noite Jesus, a partir da seguinte narrativa de Mateus:

No primeiro dia da festa dos pães sem fermento, os discípulos dirigiram-se a Jesus e lhe perguntaram: ‘Onde queres que preparemos a refeição da Páscoa?’ Ele respondeu dizendo que entrassem na cidade, procurassem um certo homem e lhe dissessem: ‘O Mestre diz: ‘O meu tempo está próximo. Vou celebrar a Páscoa com meus discípulos em sua casa’. Os discípulos fizeram como Jesus os havia instruído e prepararam a Páscoa (Mateus 26:17-19 – NVI).

Já falamos e insistimos acerca da importância da análise conjunta dos evangelhos, para compreendermos a vida e ministério de Jesus. A leitura isolada pode nos levar a entender que a santa ceia foi algo que aconteceu muito rápido. Costumamos excluir do momento da ceia, por exemplo, o longo discurso de Jesus, que começa no final do capítulo 13 do evangelho de João e termina com a oração que ocupa todo o

capítulo 17 do mesmo livro. E é João que descreve uma das mais belas e significativas cenas que acontece logo no início da ceia:

Assim, levantou-se da mesa, tirou a capa e colocou uma toalha em volta da cintura. Depois disso, derramou água numa bacia e começou a lavar os pés dos seus discípulos, enxugando-os com a toalha que estava em sua cintura. Chegou-se a Simão Pedro, que lhe disse: ‘Senhor, vais lavar os meus pés?’ Respondeu Jesus: ‘Você não compreende agora o que estou fazendo; mais tarde, porém, entenderá’. Disse Pedro: ‘Não; nunca lavarás os meus pés’. Jesus respondeu: ‘Se eu não os lavar, você não terá parte comigo’. Respondeu Simão Pedro: ‘Então, Senhor, não apenas os meus pés, mas também as minhas mãos e a minha cabeça’ (João 13:4-9 – NVI).

Para entendermos melhor esse gesto de Jesus, vamos voltar mais uma vez à cultura judaica da época. Era costume, ao receber um visitante, que um escravo da casa lavasse os pés do recém-chegado. Aparentemente, não havia ali, ao menos naquele momento, um escravo para fazer esse serviço. Jesus, então, aproveita a ocasião para dar aos discípulos uma grande lição de humildade. O protesto de Pedro mostra o absurdo da atitude de Jesus; tratava-se não apenas de ato de humildade, mas de uma grande transgressão social; Jesus tira, inclusive, a roupa que o poderia diferenciar de um escravo.

Interessante que, ao transformar a ceia em sacramento, e dar a ela o título de “santa ceia”, os cristãos atuais não a tornaram mais santa; pelo contrário, a ceia tornou-se um dos principais instrumentos de exclusão social das igrejas. Jesus iguala-se ao escravo, lava os pés dos

discípulos, inclusive o de Judas que o estava traindo, e de Pedro que o negaria, e ele sabia de tudo isso. De outro lado, a ceia como a conhecemos hoje, é uma oportunidade para se conhecer os pecados alheios e excluir os “pecadores”.

PEDRO

Pedro foi um dos mais controversos discípulos de Jesus. Ia do fervor ao vacilo, da coragem à covardia com uma rapidez incrível. O apóstolo, que era um dos mais destacados discípulos de Jesus, e mais tarde se tornaria um dos principais líderes da igreja primitiva, era marcado por um temperamento ao mesmo tempo enérgico e frágil. Neste capítulo, falaremos desse apóstolo tão enérgico em quatro tempos. Começaremos com o comportamento de Pedro logo no início da ceia:

Então Jesus lhes disse: ‘Ainda esta noite todos vocês me abandonarão. Pois está escrito: ‘Ferirei o pastor, e as ovelhas do rebanho serão dispersas’. Mas, depois de ressuscitar, irei adiante de vocês para a Galileia. Pedro respondeu: ‘Ainda que todos te abandonem, eu nunca te abandonarei!’ Respondeu Jesus: ‘Asseguro-lhe que ainda esta noite, antes que o galo cante, três vezes você me negará’. Mas Pedro declarou: ‘Mesmo que seja preciso que eu morra contigo, nunca te negarei’. E todos os outros disseram o mesmo (Mateus 26:31-35 – NVI).

Ao longo do ministério de Jesus, vamos encontrar diversas manifestações de Pedro que mostram o seu temperamento almatóico. Pedro era aquela pessoa que agia antes de pensar; a boca e os braços eram mais rápidos que o cérebro. Alguém pode achar que isso é um grande defeito, mas, na verdade, essa pode ser a grande qualidade desse apóstolo. Podemos dizer que Pedro, ao menos pelas informações que temos, foi o mais humano dos apóstolos.

Sabemos que Pedro era casado, e que tinha uma pequena empresa familiar de pesca em Betsaida, na Galileia, quando foi chamado para seguir a Jesus. Atendeu, de imediato, o chamado, deixando a empresa; apenas o primeiro ato impensado de sua vida apostólica. Mais tarde, pouco depois de ser elogiado por Jesus, pela revelação de que este seria “o Cristo, Filho do Deus vivo”, é repreendido por não entender o propósito do sofrimento do mesmo Cristo. Quando Jesus é preso, ele tenta matar um dos soldados, decepando-lhe a orelha. Assim era Pedro: um acerto, dois erros, mas sempre seguindo em frente.

A última ceia de Jesus com seus discípulos começa com mais uma precipitação de Pedro. Embora não houvesse qualquer condenação na declaração de Jesus de que seria abandonado por seus discípulos naquela mesma noite, Pedro se apressa a tentar mostrar sua “fidelidade”, dizendo que jamais abandonaria seu Mestre. Não se tratava de uma bravata do apóstolo, naquele momento, ele realmente estava disposto a ficar com Jesus até o fim e morrer pela causa, caso fosse preciso. A verdade é que Pedro não fazia cálculos, não pensava nos riscos de suas atitudes ou falas, apenas deixava fluir o que estava na alma, deixando para pensar no perigo no momento em que ele se tornasse real. Provavelmente nem ouviu direito quando Jesus lhe disse que, naquela mesma noite ele o negaria por três vezes.

Ao final da ceia, Jesus chama os três discípulos mais próximos e segue para o Monte das Oliveiras para orar; queria passar os últimos instantes de sua vida com seus amigos. Aqui acontece o primeiro vacilo de Pedro nessa noite:

Indo um pouco mais adiante, prostrou-se com o rosto em terra e orou: ‘Meu Pai, se for possível, afasta de mim este cálice; contudo, não seja como eu quero,

mas sim como tu queres’. Então, voltou aos seus discípulos e os encontrou dormindo. ‘Vocês não puderam vigiar comigo nem por uma hora?’, perguntou ele a Pedro (Mateus 26:39-40 – NVI).

Os três estavam dormindo, mas a pergunta de Jesus foi dirigida a Pedro. Por quê? Aquela fala de Jesus era mais uma tentativa de fazer com que o apóstolo olhasse para dentro de si mesmo do que uma repreensão. Aquele que disse que morreria por seu mestre, acabava de deixá-lo desprotegido, enquanto dormia. Pedro sente o impacto das palavras de Jesus, e demonstra isso de uma forma interessante; tentando matar um dos que foram mandados para prendê-lo.

Após a prisão de Jesus, Pedro até faz uma tentativa tímida de cumprir o que tinha prometido no início da ceia, seguindo de longe até o pátio onde começaria uma sequência de torturas, que culminaria na morte do Cristo. Mas tudo cai por terra, quando ele se vê na evidência de passar pelo mesmo sofrimento que assistia:

Pedro estava sentado no pátio, e uma criada, aproximando-se dele disse: ‘Você também estava com Jesus o galileu’. Mas ele negou diante de todos, dizendo: ‘Não sei do que está falando’. Depois saiu em direção à porta, onde outra criada o viu e disse aos que estavam ali: ‘Este homem estava com Jesus, o Nazareno’. E ele, jurando, o negou outra vez: ‘Não conheço esse homem!’ Pouco tempo depois, os que estavam por ali chegaram a Pedro e disseram: ‘Certamente você é um deles! O seu modo de falar o denuncia’. Aí ele começou a se amaldiçoar e a jurar: ‘Não conheço esse homem!’ Imediatamente um galo

cantou. Então Pedro se lembrou da palavra que Jesus tinha dito: ‘Antes que o galo cante, você me negará três vezes’. E, saindo dali, chorou amargamente (Mateus 26:69-75 – NVI).

A frustração de Pedro ao negar a Jesus, não conseguindo manter sua palavra foi algo muito pesado para ele. Naquele momento, tudo que ele conseguia perceber era a sua fraqueza. Mas o choro revelava a sua humanidade. Não era à toa que ele era um dos mais próximos de Jesus. A missão do Negro Nazareno foi nos mostrar o caminho da humanidade. Deus se fez humano para nos ensinar como sermos humanos. Cada erro de Pedro o aproximava da compreensão de que ele não precisava de nada mais do que ser humano. Ser ele mesmo, com seus poucos acertos e muitos erros.

Depois desse momento, Pedro desaparece do cenário bíblico por algum tempo. A frustração pode ter levado ele a desistir de tudo, para voltar à sua vida de pescador. Na verdade, o evangelho de João mostra essa intenção do apóstolo, pouco antes do reencontro de Jesus com Pedro, após a ressurreição:

‘Vou pescar’, disse lhes Simão Pedro. E eles disseram: ‘Nós vamos com você’. Eles foram e entraram no barco, mas naquela noite não pegaram nada (João 21:3 – NVI).

Aparentemente, mesmo depois de tantos erros, Pedro já assumia entre os discípulos uma posição de liderança que, talvez, nem fosse percebida por ele. Sete dos doze estavam na praia e, quando Pedro diz que vai voltar a pescar, todos o acompanham. Aquela “derrota” sofrida diante do sofrimento de seus Mestre, provavelmente só era percebida

por ele mesmo. Os outros discípulos começavam a perceber que a fraqueza de Pedro poderia ser a sua grande força.

Naquela praia acontece, então, o encontro que resgata Pedro de sua frustração e o coloca, definitivamente, em lugar de destaque entre os primeiros seguidores do Cristo, que começavam a ser preparados para serem supridos da liderança de Jesus. Depois de perceberem que o homem da praia que os ensinara como pescar, era Jesus, os discípulos se aproximaram desconfiados e, então, acontece o famoso diálogo entre Jesus e Pedro:

Depois de comerem, Jesus perguntou a Simão Pedro: ‘Simão, filho de João, você me ama realmente mais do que estes?’ Disse ele: ‘Sim, Senhor, tu sabes que te amo’. Disse Jesus: ‘Cuide de meus cordeiros’. Novamente Jesus disse: ‘Simão, filho de João, você realmente me ama?’ Ele respondeu: ‘Sim, Senhor tu sabes que te amo’. Disse Jesus: ‘Pastoreie as minhas ovelhas’. Pela terceira vez, ele lhe disse: ‘Simão, filho de João, você me ama?’ Pedro ficou magoado por Jesus lhe ter perguntado pela terceira vez ‘Você me ama?’ e lhe disse: ‘Senhor, tu sabes todas as coisas e sabes que te amo’. Disse-lhe Jesus: ‘Cuide das minhas ovelhas’ (João 21:15-17 – NVI).

Para entendermos o que realmente aconteceu nesse primeiro encontro de Pedro com Jesus, após tê-lo negado, precisamos lembrar mais uma vez que a Bíblia não foi escrita em português. E qualquer pessoa que tenha contato com mais de uma língua sabe que a tradução palavra por palavra só cria confusão, e não leva a nenhuma conclusão coerente. É exatamente o que acontece nesse texto: o verbo amar, usado aqui, tem

origem em duas palavras diferentes da língua grega. Há, basicamente, três palavras gregas que podem ser traduzidos por amor: ágape, phileo e eros. Duas dessas palavras são usadas no texto: ágape e phileo.

Ágape é o amor doador, amor incondicional, ou seja, que não está ligado a nenhuma condição. Esta foi a palavra usada por Jesus nas duas primeiras perguntas. Phileo é o amor conceituado por Aristóteles, um amor condicionado na afeição, na alegria, de certa forma um amor limitado, com interesses, baseado na troca, amor condicionado a uma resposta positiva do ser amado. E esta foi a palavra usada nas respostas de Pedro.

Agora poderemos entender melhor o que aconteceu naquela praia. O silêncio do constrangimento dos discípulos, diante do mestre abandonado, negado e traído, é quebrado por Jesus, que olha diretamente para Pedro e pergunta: “Você me ama mesmo mais do que os outros, a ponto de morrer por mim, como prometeu?” Podemos imaginar o quanto essa pergunta doeu em Pedro. As palavras ditas por ele naquela madrugada fatídica, enquanto seu mestre era torturado, martelavam a sua mente. Então Pedro não ousou usar em sua resposta o mesmo verbo usado por Jesus. A resposta de Pedro é: “Senhor, tu sabes que o meu amor por ti é limitado. O mesmo acontece quando Jesus pergunta a segunda vez. Mas, na terceira vez, Jesus muda o termo, e usa a mesma palavra “phileo” usada nas respostas de Pedro, perguntando: “Pedro, é esse amor limitado e condicional que você sente por mim?”. Com a confirmação de Pedro, Jesus manda pela terceira vez: “Cuide das minhas ovelhas”.

Com estas palavras, Jesus não só resgata Pedro da situação de autopiedade e frustração em que se encontrava, mas mostra aos apóstolos que não é preciso deixar de ser humano para servi-lo. Tudo o

que importa é que aquele que se dispõe a servir no Reino de Deus “apascente as ovelhas”. A grande lição que Jesus deixa aqui é que todo o amor que se pretende direccionar a Deus deve ser direccionado às pessoas. E João, que estava presente naquele momento, mostra que entendeu o recado do Mestre, quando escreve em sua primeira carta que “quem diz que ama a Deus, mas não ama ao próximo, é mentiroso”. Só se pode amar a Deus através das pessoas. O amor divino é sempre horizontal, nunca vertical.

BODE EXPIATÓRIO

Talvez você não saiba, mas a expressão “bode expiatório” vem de uma antiga tradição judaica estabelecida pela Lei de Moisés, texto que você pode encontrar no capítulo 16 do livro de Levítico. De forma resumida, no dia da Expição, os sacerdotes escolhiam dois bodes, sorteavam um para ser sacrificado e o outro era solto no deserto; com isso, os pecados do povo e dos sacerdotes eram remidos. Ou seja, os bodes ficavam com os pecados e o pecador ficava inocente. Vamos ver no texto abaixo como esse ritual religioso foi distorcido e usado por Caifás para manipular o povo, de forma que fossem levados a pedir a morte de Jesus:

E o levaram primeiramente a Anás, que era sogro de Caifás, o sumo sacerdote naquele ano. Caifás era quem tinha dito aos judeus que seria bom que um homem morresse pelo povo (João 18:13-14 – NVI).

O poder que uma religião pode exercer sobre um determinado povo é algo até difícil de se medir. A religião é a parte mais marcante de qualquer cultura, e isso coloca nas mãos de líderes religiosos um poder muito maior do que o que se pode imaginar. Quando um pastor, padre, babalorixá, ou outro tipo qualquer de sacerdote fala, ele não está falando apenas com as pessoas, está falando com uma cultura, na qual está inserida a sua religião.

Falando especificamente do Cristianismo, isso se torna muito maior. Falar de cultura ocidental é o mesmo que falar de cultura cristã. Temos toda a sociedade ocidental organizada sob a sombra do cristianismo.

Isso parece muito bom, né? Bem, seria muito bom se o cristianismo refletisse o verdadeiro pensamento do Cristo, o que está longe de ser verdade, como já vimos debatendo aqui, desde os primeiros capítulos.

O que na verdade acontece é que um grande poder de manipulação das massas é colocado nas mãos de líderes religiosos; e isso é sempre desastroso. A mesma multidão que recebe Jesus em Jerusalém cantando “Hosanas” no domingo, na sexta-feira seguinte pede a sua crucificação. Em menos de uma semana, Caifás, distorcendo um texto considerado sagrado, consegue manipular o povo, e convencê-lo de que matar Jesus era uma coisa divina. No lugar dos dois bodes, Jesus e Barrabás são apresentados ao povo já convencido a pedir a crucifixão de Jesus.

Podemos dizer que, ao ser elevados ao status de religião, o cristianismo se aproximou muito mais do discurso e postura dos religiosos da época de Jesus do que dos ensinamentos e postura do próprio Jesus. Lembrando mais uma vez que ele não fundou nem defendeu qualquer religião; pelo contrário, seu ministério foi marcado por grandes embates com o sistema religioso, justamente pelos abusos praticados contra o povo.

Ao longo de toda a história vamos encontrar, em países de predominância cristã, o poder religioso, muitas vezes, influenciando ou até mesmo se sobrepondo ao poder político. Desde o poder exercido pelos papas sobre os reis europeus da idade média até os nossos dias, quando, em 2018, alguém resolveu aproveitar a força do movimento evangélico para se eleger presidente do Brasil. Mas este está longe de ser o pensamento do Negro Nazareno que, diante de Pôncio Pilatos, durante seu injusto julgamento declara, referindo-se ao poder que envolvia tanto a política do próprio Pilatos quanto a religião de Caifás:

“Não é esse o poder que eu quero! Meu reino não tem nada a ver com isso!”

CRUCIFICAÇÃO

A crucificação era o mais cruel dos castigos que um condenado poderia sofrer. Era algo reservado aos criminosos mais odiados. E esse foi o castigo reservado a Jesus. O ódio dos sacerdotes contra Jesus era tão grande que eles não se contentariam em apenas tirá-lo de cena, queriam que a pior das mortes lhe fosse reservada, e foi isso que pediram ao governador da província da Judeia.

Pilatos para atender, ainda que parcialmente, o pedido de sua esposa, ou apenas porque não ganharia nada com a morte de Jesus, procura amenizar a situação, condenando-o a ser chicoteado em público. Com isso, acabou por piorar a situação. O chicoteamento era uma tortura que, para muitos, seria pior que a morte. Esse castigo era aplicado usando um chicote feito de várias tiras, que traziam garras e pregos em suas pontas; essas garras e pregos dilaceram a pele, a carne do condenado. Muitos não resistiam e acabavam morrendo durante ou após essa seção de tortura.

Na cruz, Jesus permanece pregado por menos de seis horas, um tempo curto para os padrões desse castigo. Os crucificados costumavam agonizar por cerca de vinte e quatro horas, antes de morrer. A dor provocada pelos pregos que prendiam as mãos e os pés, somava-se à pressão exercida sobre os pulmões, levando o condenado a um grande esforço para respirar, o que o levava de volta à dor dos pregos. O sofrimento é inimaginável. Como Jesus já vinha sendo torturado desde a sua prisão, e já tinha sofrido uma condenação a chicotadas, acabou por morrer antes do tempo normal.

Mas, em meio a todo esse sofrimento, Jesus ainda encontra espaço para um momento de carinho e cuidado:

Perto da cruz de Jesus estavam sua mãe, a irmã dela, Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena. Quando Jesus viu sua mãe ali, e, perto dela, o discípulo a quem ele amava, disse à sua mãe: 'Aí está o seu filho', e ao discípulo: 'Aí está a sua mãe'. Daquela hora em diante, o discípulo a levou para casa (João 19:26-27 – NVI).

Pelo que podemos constatar da narrativa dos evangelhos, José, pai de Jesus, já estava morto no início de seu ministério. Provavelmente, ele tenha morrido entre os doze e os trinta anos de Jesus, período não narrado por qualquer dos evangelistas. Maria seria, então, uma viúva que, de acordo com a tradição, deveria ficar sob os cuidados do filho primogênito, no caso, Jesus. Assim, mesmo em meio a tanto sofrimento, numa clara demonstração de humanidade, Jesus mostra sua preocupação com o futuro de sua mãe, e a entrega aos cuidados de João que, sendo o último discípulo a morrer, teve oportunidade de cuidar de Maria até o fim da vida dela.

Com a morte de Jesus, alguns eventos extraordinários aconteceram em Jerusalém. Queremos deixar claro aqui, que não temos respostas para tudo, e há coisas que simplesmente não têm explicação. E embora pareçamos céticos, por buscar explicar com certa racionalidade a vida e os ensinamentos de Jesus, não somos de forma alguma avessos à fé. Apenas não a usamos para buscar a realização de feitos extraordinários, mas para que ela nos sustente em meio às dúvidas. Vejamos esses estranhos eventos, na narrativa de Mateus:

Naquele momento, o véu do santuário rasgou-se em duas partes, de alto a baixo. A terra tremeu, e as rochas se partiram. Os sepulcros se abriram, e os corpos de muitos santos que tinham morrido foram ressuscitados. E, saindo dos sepulcros, depois da ressurreição de Jesus, entraram na cidade santa e apareceram a muitos (Mateus 27:51-53 – NVI).

A primeira coisa que precisamos lembrar aqui é que o evangelista não está olhando os fatos enquanto narra. Os evangelhos só foram escritos décadas depois da morte de Jesus. Isso é perceptível no próprio texto, pois o autor está narrando a morte de Jesus e, de repente, dá um salto para dizer algo que acontece depois da ressurreição. Então, não vamos fazer conjecturas sobre o fato de pessoas terem visto mortos andando por Jerusalém após a ressurreição de Jesus. Afinal, o momento era único, o misticismo estava no ar. Assim, seria natural que houvesse pessoas dizendo ter visto coisas inexplicáveis.

Mas, vamos nos ater a um desses fatos extraordinários: o véu do templo rasgou-se de alto a baixo. Apenas para esclarecer melhor, o véu citado aqui não é um tecido fino como o véu de uma noiva. Tratava-se de uma cortina grossa e muito pesada que separava o lugar santíssimo, onde apenas o sumo-sacerdote tinha permissão para entrar uma vez por ano. O rompimento dessa cortina expõe a pretensa santidade do sistema religioso. O fim do ritualismo vazio estava sendo sinalizado por Deus, mas a cegueira gananciosa das lideranças religiosas não os deixou perceber.

No final da tarde de sexta-feira, José de Arimatéia, que era membro destacado do Sinédrio, mas também era discípulo de Jesus às escondidas, pede a Pilatos autorização para sepultar o corpo. O Negro

Nazareno, que nasceu entre os animais, viveu entre os marginalizados e morreu entre criminosos, seria agora sepultado em um túmulo emprestado. Talvez venha daí a expressão “não tinha onde cair morto”, porque essa foi a realidade do Cristo.

Os sacerdotes também procuram Pilatos para pedir que uma guarda seja montada em frente ao túmulo, acreditando que os discípulos de Jesus poderiam roubar o corpo, para espalhar a notícia de sua ressurreição, já que ele havia prometido que ressuscitaria ao terceiro dia. A guarda é montada e a pedra selada, numa tentativa inútil de pôr um fim a tudo que Jesus tinha construído ao longo dos últimos dois anos e meio.

RESSURREIÇÃO

No domingo, o terceiro dia, aquilo que parecia ser o fim trágico de uma história, torna-se um lindo e extraordinário recomeço. Os discípulos estavam escondidos, com medo dos sacerdotes e dos romanos. Mas, enquanto os homens saem de cena, duas mulheres, corajosamente, se dirigem ao sepulcro:

Depois do sábado, tendo começado o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram a ver o sepulcro. E eis que sobreveio um grande terremoto, pois um anjo do Senhor desceu do céu e, chegando ao sepulcro, rolou a pedra da entrada e assentou-se sobre ela. Sua aparência era como um relâmpago, e suas vestes eram brancas como a neve. Os guardas tremeram de medo e ficaram como mortos. O anjo disse às mulheres: 'Não tenham medo! Sei que vocês estão procurando Jesus, que foi crucificado. Ele não está aqui; ressuscitou, como tinha dito. Venham ver o lugar onde ele jazia (Mateus 28:1-6 – NVI).

Algo extraordinário havia acontecido: o túmulo estava vazio. A pesada pedra que fechava a tumba fora removida, enquanto os guardas desmaiavam de espanto. Sim, assim como havia prometido, Jesus ressuscitou, e permanece vivo em mim e em você. Ele venceu a morte para que possamos viver sem medo.

Com a ressurreição, a covardia do sistema religioso é revelada mais uma vez. Anás e Caifás subornam os guardas para espalharem uma

notícia falsa de que os discípulos teriam roubado o corpo de Jesus durante a noite. Este ato vergonhoso mostra apenas que aqueles que detêm o poder são capazes de qualquer coisa para não o perder. Se a vida de Jesus, e os sinais operados por ele, não foram capazes de convencer os religiosos de que ele era realmente o Messias, os últimos eventos extraordinários não deixavam qualquer dúvida sobre a sua divindade. Mas ainda assim, aqueles homens embriagados pelo poder, escolheram manipular mais uma vez, para que a verdade não fosse conhecida.

Com a morte de Jesus, seus discípulos entraram em uma inércia que tinha tudo para transformar tudo o que ele viveu e ensinou em nada mais que história. A descrença na promessa de ressurreição não era exclusividade de Tomé. A conversa dos dois discípulos que deixavam Jerusalém a caminho de Emaús, narrada por Lucas, mostra o estado de espírito que reinava entre os seguidores do Negro Nazareno:

No caminho conversavam sobre tudo o que havia acontecido. Enquanto conversavam e discutiam, o próprio Jesus se aproximou e começou a caminhar com eles; mas os olhos deles foram impedidos de reconhecê-lo. Ele perguntou: 'Sobre o que vocês estão discutindo enquanto caminham?' Eles pararam, com os rostos entristecidos. Um deles, chamado Cleopas, perguntou-lhe: 'Você é o único visitante em Jerusalém que não sabe das coisas que ali aconteceram nestes dias?' 'Que coisas?', perguntou ele. 'O que aconteceu com Jesus de Nazaré', responderam eles. 'Ele era um profeta, poderoso em palavras e em obras diante de Deus e de todo o povo.

Os chefes dos sacerdotes e as nossas autoridades o entregaram à morte, e o crucificaram; e nós esperávamos que era ele que ia trazer a redenção a Israel. E hoje é o terceiro dia desde que tudo isso aconteceu. Algumas das mulheres entre nós nos deram um susto hoje. Foram de manhã bem cedo ao sepulcro e não acharam o corpo dele. voltaram e nos contaram que tinham tido uma visão de anjos, que disseram que ele está vivo...' (Lucas 24:14-23 – NVI).

Os discípulos já procuravam consolar-se, lembrando a história de mais um profeta. A ressurreição era uma loucura que não cabia em seu entendimento. Era hora de acordar do sonho e voltar às suas atividades rotineiras. Aqueles homens saiam de Jerusalém porque não deram a mínima para o que disseram as mulheres que viram a Jesus. Pedro, mesmo depois de ir ao túmulo e constatar que estava vazio, voltou para a sua pescaria, acompanhado por alguns dos outros apóstolos.

Mas, nada mais será igual. À medida que Jesus vai se fazendo presente, corações vão se acendendo e ardendo com a chama da esperança. É esse ardor dos corações que faz aqueles dois discípulos se esquecerem completamente da distância e retomar, assim que acabaram de chegar, a caminhada de onze quilômetros de volta a Jerusalém. O mesmo ardor que faz Pedro esquecer da frustração de ter negado seu Mestre e aceitar a incumbência de “cuidar das ovelhas”.

E, apesar de tantas deturpações na história do Cristo, e de tantos absurdos praticados em nome dele, ao longo desses mais de dois mil anos, a bela e verdadeira história do Negro Nazareno continua fazendo arder os corações. Olhos que brilham, depois que ousaram desviar-se da imagem pintada pela religiosidade discriminatória e manipuladora, e

se fixaram no verdadeiro Cristo da Galiléia: preto, favelado, amigo de todos os que foram marginalizados, e perseguido por todos os que buscam o poder, para continuar oprimindo o povo.

Em suas últimas palavras ele nos passa o bastão. A missão estava cumprida. Por dois anos e meio ele ensinou a humanidade a se tornar mais humana. Agora, era a hora de seus seguidores levantarem a cabeça e seguirem em frente:

Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos (Mateus 28:19-20 – NVI).

Isso não é uma ordem para se fazer proselitismo religioso. De religião o mundo já estava cheio, e Jesus não tinha a intenção de fundar mais uma. Tudo que ele nos pediu foi que sejamos replicadores de suas atitudes e de seus ensinamentos, contaminando o mundo com um estilo diferente de vida, que não esteja voltado para o próprio umbigo.

Se precisamos de uma conversão, certamente não é a conversão a uma religião, mas a conversão que nos leva a enxergar as pessoas. Deus se fez gente, para que parássemos de olhar para cima à procura dele e começássemos a olhar para os lados.

O Negro Nazareno está vivo! Está vivo nas favelas, nos prostíbulos, nas esquinas e calçadas, enrolado em trapos, com um corote ao lado.

O Negro Nazareno está vivo em mim, em você, e em cada um que sente o coração arder ao ver um dos pequeninos sendo maltratado, escanteado, discriminado, e buscamos fazer alguma coisa para mudar a

realidade caótica do mundo, assim como ele fez. Salve Jesus, o Negro Nazareno!

PALAVRAS FINAIS (POR ENQUANTO)

E ao final desse texto, escrevendo agora as últimas palavras desse livro, me pego irritado comigo mesmo pois percebi quantos textos dos evangelhos deixei de fora, quantas coisas deveria dizer e não disse, quantos temas poderia abordar nessa obra, mas não o fiz. Mas quer saber, acho que é isso mesmo, né? Quem sou eu (somos nós) para escrever um tratado final teológico sobre tudo. Aliás, acho que esse é o grande erro da teologia, manter ela engessada, rígida, Ahhh... Como já disse o profeta: “Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo”. Então, esse é meu “tudo” até agora, amanhã terei outras experiências, outras percepções, outras ideias. Nosso pensamento só é vivo quando progride, quando se repensa, quando se movimenta. Então, provavelmente, em breve, estarei aqui com outra obra, reafirmando algumas ideias e desmentindo outras.

Mas fui tomado por um choro agora, e sim, estou escrevendo enquanto os sentimentos acontecem dentro de mim, um choro de alegria misturado com frustração. Estou muito feliz por concluir esse livro, sei do poder extraordinário do exemplo de Jesus em nossas vidas, sou prova viva disso. Mas ao mesmo tempo fico pensando “quantas pessoas não terão essa oportunidade?” Quantas pessoas continuarão a vida toda indo na igreja, dando dízimo, cumprindo a cartilha religiosa de forma impecável, e mesmo assim desconhecendo o sabor do evangelho libertador de Cristo. Presos nas instituições religiosas, presos na interpretação moralista dos textos bíblicos, presos na narrativa do “sacerdote” que as ensinam. Infelizmente a grande massa ainda está nessa situação. Mas podemos reverter isso, né? Podemos viver e

compartilhar uma outra forma de viver o evangelho de Jesus sem o peso opressor das instituições religiosas. Podemos!

Se esse livro foi bom para você, se foi libertador, se foi gostoso de ler, que tal oferecer essa experiência a outra pessoa? Não vou dizer para você dar o seu livro a outro, pois penso que esse livro deve servir de cabeceira, e mesmo que você já o tenha lido inteiro, pode revisitar os textos vezes ou outra. Minha sugestão é que você adquira um novo livro e presenteie alguém que Deus já colocou em seu coração.

No meu instagram você encontra a forma de adquirir mais um exemplar.

Procure por @pastorberlofa